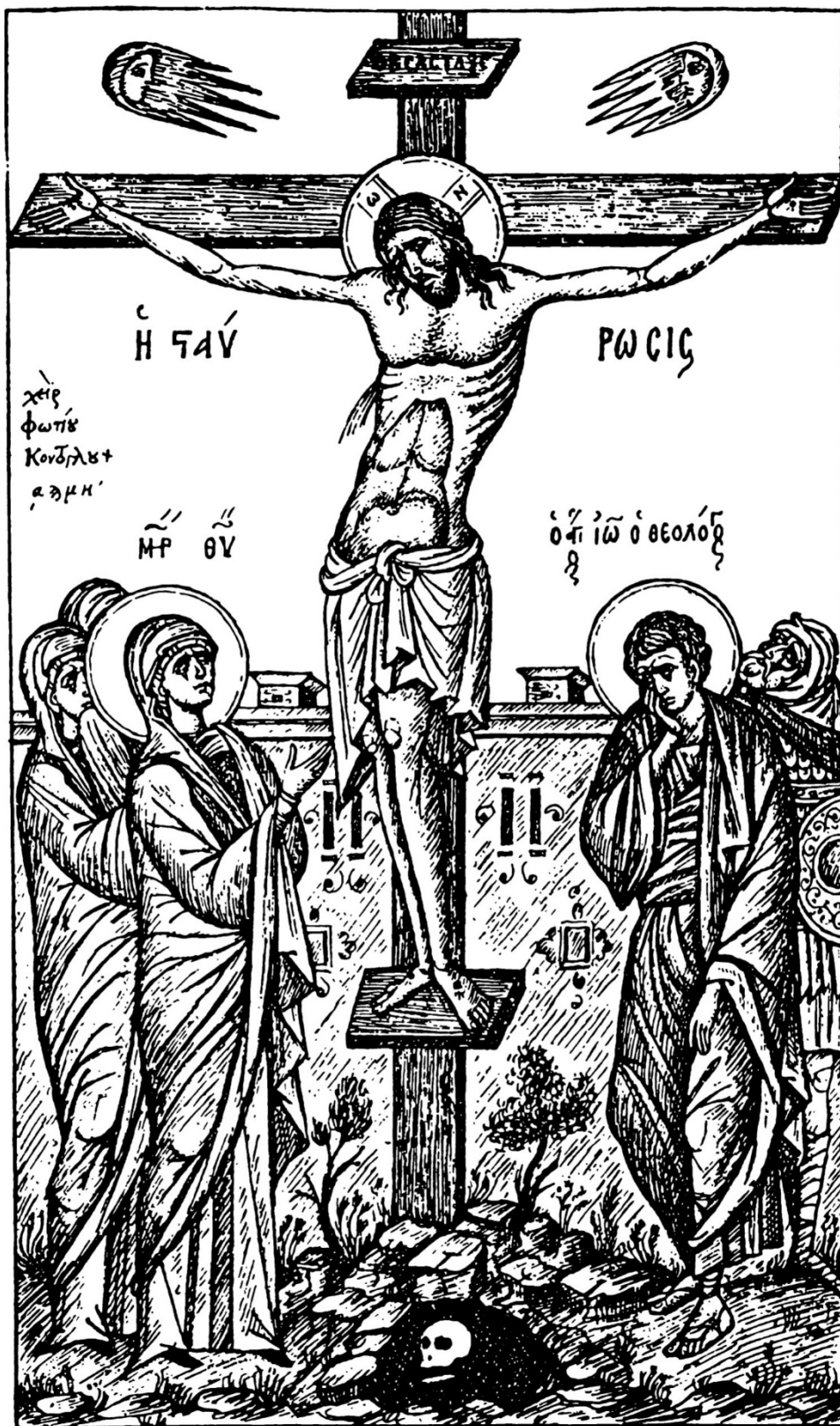


JUVENTUDE DO APOCALIPSE



E A ÚLTIMA VERDADEIRA REBELIÃO

JUVENTUDE DO APOCALIPSE



Η ΓΑΥ

ΡΩ CIG

χειρ
φωπύ
Κονδύλκτ
αθμν'

ΜΡ ΘΥ

ὅτι ἰω ὁ θεολόγ
ς

JUVENTUDE DO APOCALIPSE

E A ÚLTIMA VERDADEIRA REBELIÃO

Pelos monges John Marler e Andrew Wermuth

Traduzido pelo Diácono André
do Patriarcado Antioquino no Brasil

*A presente tradução foi realizada apenas e exclusivamente para leitura pessoal,
NÃO TENDO como interesse fins comerciais ou lucrativos de qualquer natureza.*



FRATERNIDADE DE SÃO GERMANO DO ALASCA

Mosteiro de Nova Valaam

Lagoa do Monge, Ilha Spruce, Alasca

1995

Direitos autorais © 1995 pela
Fraternidade de São Germano do Alasca
Mosteiro de Nova Valaam

Endereçar toda a correspondência para:

Juventude do Apocalipse, Caixa Postal 70
Platina, Califórnia 96076

Artigos que tornaram este livro possível por:

Hieromonge Germano
Hieromonge Podmoshensky
Monge Damasceno Christensen
Monge Teófilo Dove
Monge Martyrius Hope
Collin Ivy

Capa frontal: Um jovem monge de um mosteiro no Monte Athos, Grécia, em pé no local onde os ossos dos monges falecidos são preservados até o dia em que serão ressuscitados.

Foto cortesia da National Geographic.

ISBN 0-938635-89-1

SUMÁRIO

Introdução	1
------------------	---

PARTE UM: NOSSA ORIGEM

1. Filhos da Guerra	5
2. Apostasia	6

PARTE DOIS: NOSSA MORTE

1. Consequências	14
2. Filhos da Loucura	16
3. Tirania da Moda	24
4. Nada Chocante	37

PARTE TRÊS: NOSSA RESSURREIÇÃO

Verdade	48
Amantes da Verdade	80
A Última Verdadeira Rebelião	158
Notas	179
Bibliografia	183



INTRODUÇÃO

Desde o ventre materno o recém-nascido chora; e essas lágrimas continuam a cair até esta geração de jovens. Cada lágrima de cada criança é um gesto doloroso de uma confissão universal da queda da humanidade da perfeição — para a corrupção, o sofrimento e a morte. Esse clamor não se torna mais fraco à medida que envelhecemos. Pelo contrário, nestes tempos dignos de muito lamento, o clamor cresce mais alto e é a única consolação da juventude de hoje.

Esta geração de jovens, que muito bem poderia ser a última geração, está acorrentada em desespero a esse clamor, porque vê com muita clareza que este mundo quebrado está chegando ao fim. E ninguém lhes disse a verdade de que, no apocalipse, Deus enxugará toda lágrima de seus olhos. Mas eles foram ensinados pela violência que essa verdade eterna é “relativa”.

Sozinhos, aprisionados neste mundo, somos condicionados a acreditar que “não existe verdade absoluta” e que “não há resposta para a pergunta: Por quê?”. Depois de passarmos a infância em uma prisão tão fria, não é de se admirar que, na juventude, busquemos a morte. Quando não há resposta para a pergunta “Por quê?”, a única liberdade parece ser o suicídio. Quando não há verdade em um mundo de falsidade; quando não há beleza em um mundo feio; quando não há amor em um mundo de violência e ódio; quando não há Deus em um mundo sem fé, não é de se admirar que, em cada quarto, em cada rua, em cada cidade, possa-se ouvir o choro dos jovens. É por isso que a rebelião juvenil nasce e é justificada.

Esse desmoronamento do nosso mundo se deve a uma filosofia, a uma missão que tem sido vitoriosa sobre a liberdade de pensamento do homem desde o início dos tempos — o Niilismo. É a crença de que “não existe verdade”. É como uma máquina sem coração e sem coragem que avança, dando à luz destruição, tristeza, dor e morte. Ela escolhe os jovens como suas vítimas, pois é fácil marcar a inocência da juventude.

É essa máquina que controla o espírito destes tempos e nos diz que não há resposta para a pergunta “Por quê?” — e, portanto, nenhuma razão para viver. É essa máquina da apostasia que deu à luz a juventude

JUVENTUDE DO APOCALIPSE

de hoje. Nós somos seus filhos; somos os filhos do Niilismo; somos a juventude do apocalipse.

Agora, ficamos com uma geração que está morrendo por causa do suicídio — o Último Genocídio. Esse Genocídio só pode ser interrompido pela Verdade. Para abraçar essa Verdade, devemos morrer para este mundo e ressuscitar. Este é o desatar das correntes. Esta é a Última Verdadeira Rebelião.



PARTE UM
SUA ORIGEM

JUVENTUDE DO APOCALIPSE



CAPÍTULO UM FILHOS DA GUERRA

No princípio, quando havia paz, à humanidade foi dado o temível e nobre dom do livre-arbítrio. Esse dom perfeito da vida, em instantes, trouxe a morte da humanidade. Dentro desse dom de liberdade havia dois caminhos, duas escolhas: o bem e o mal. A humanidade escolheu o mal. Como um anjo caindo do céu, como um relâmpago, toda a humanidade caiu no abismo da corrupção e da morte.

Como filhos da guerra, esta é a nossa origem. Viemos de milhares de anos de tristezas — na fome, na sede, na nudez, no aprisionamento e na morte. A cada passo no caminho do mal da humanidade, o homem quase queimou por completo a ponte para o seu Criador. E, no lugar do Criador, o homem entronizou a sua própria mente imperfeita e a sua máquina.

Com essa máquina, a humanidade progrediu para a regressão. A máquina mostrou-se disfuncional e agora está totalmente fora de controle, vitimando a juventude de hoje. Não há um único jovem do Apocalipse que não tenha sido apanhado nas engrenagens do Niilismo. De guerra em guerra; de genocídio em genocídio; de holocausto em holocausto, nossa história pode ser resumida em uma palavra: morte. Das primeiras guerras tribais à primeira guerra civil; da Revolução Francesa à Revolução Russa; da Primeira Guerra Mundial à Segunda Guerra Mundial; do Vietnã às guerras de gangues nos centros urbanos, a humanidade, em liberdade, escolheu esse caminho. A humanidade escolheu essa guerra do mal contra o bem.

Nesta nossa história e origem, todas essas guerras chegaram a um fim sangrento. Mas há uma guerra que o homem iniciou no princípio e que continua até esta geração de jovens. Todos os dias, à medida que o nosso mundo se afasta da verdade, a escuridão dessa guerra se fecha sobre nós. Ela continuará a se tornar mais escura até admitirmos que a guerra que desprezamos, e a fome e o sofrimento que ela produz, estão no campo de batalha de nossos corações.

Essa guerra não é nação contra nação nem homem contra homem, mas é simplesmente: homem contra Deus.

CAPÍTULO DOIS APOSTASIA

DEUS está morto... Deus vem morrendo no coração dos homens desde que o mundo começou. À medida que o tempo avança, o estado da humanidade piora. Um curso de história é, na verdade, um curso sobre a lenta morte de Deus. Na escola do Niilismo, é um curso sobre a destruição do mundo. Esta é a nossa origem como filhos da guerra. Nascemos sob as águas da apostasia e fomos criados para nos afogar, e nossas muitas lágrimas se misturam a esse oceano.

Quando Caim assassinou seu irmão Abel, essa chuva de apostasia começou a cair. Quando o faraó egípcio escravizou uma nação escolhida, esse clamor foi ouvido debaixo desse oceano. Quando o filósofo grego Sócrates bebeu voluntariamente o cálice da morte em nome da verdade, suas palavras se afogaram nesse mar venenoso. Quando Cristo foi crucificado, Suas lágrimas e Seu sangue superaram esse oceano.

O imperador do que era conhecido no primeiro século como “toda a civilização” enlouqueceu e começou a se enfurecer contra aqueles que buscavam e amavam a verdade. O imperador Nero começou a tocar sua harpa enquanto observava seu próprio povo incendiar, por sua ordem, a capital de Roma. Em sua sacada, observando as chamas e ouvindo seu povo chorar, ele continuou a tocar sua harpa. Nesse momento, até as águas da apostasia secaram e se transformaram nas chamas do Niilismo. A parte assustadora dessa lição de história é que essa canção de insanidade tem sido tocada até hoje, mas passou da beleza do som de uma harpa para a total discórdia e distorção. A canção de Nero foi o início do declínio da civilização ocidental.

Desde então, a distorção foi amplificada pelo grande cisma de 1054, quando a civilização ocidental se separou do Oriente. Por causa dessa discórdia, a parte ocidental do mundo convocou a “Idade das Trevas”, o derramamento de sangue das Cruzadas, o Renascimento e seu renascimento do paganismo. A mente imperfeita do homem começou a substituir o Deus moribundo. A ciência substituiu a metafísica; este mundo ofuscou o céu, e a guerra tornou-se mais fria.

Sobrevivemos a séculos de holocausto e mal estamos vivos. Vivemos as filosofias de Voltaire e Rousseau e testemunhamos o derramamento de sangue de sua filosofia na revolução. Vimos a antiga ordem da moralidade e da tradição ser assassinada por sua “Nova Ordem”. Vivenciamos as ideias de Darwin e abraçamos essa fé em massa; e vimos um vislumbre de suas ideias através dos olhos de Karl Marx quando, inspirado por Darwin, ele disse: “A ideia de Deus deve ser destruída”. E o genro de Karl Marx resumiu a filosofia da época quando disse: “A Origem das Espécies de Darwin retirou de Deus Seu papel como criador no mundo orgânico”. Lenin e Stalin receberam então as chaves do “reino” deste mundo. Stalin era estudante de teologia quando ouviu os escritos populares de Darwin. Ele então chegou à conclusão lógica de que as pessoas são o resultado de um processo evolutivo no qual reina a competição implacável. Esta é a realidade moderna da “sobrevivência do mais apto”. Com essa filosofia, Stalin massacrrou mais de 40 milhões de seu próprio povo com as formas mais cruéis de tortura já conhecidas.

Pouco menos de dois mil anos depois de Nero tocar sua canção de destruição, o louco profeta e filósofo do Niilismo do século XX, Friedrich Nietzsche, entoou a mesma canção, invocando a mesma chama para arder ainda mais forte. Foi ele quem declarou Deus “morto ao chegar” por seu desprezo pela religião, e pelo cristianismo em particular. Foi ele quem desferiu o golpe devastador naqueles que acreditavam em Deus ao dizer: “Deus está morto”. Nietzsche queria encarar a vida diretamente, sem Deus a obstruir sua visão, e o que ele viu foi agonizante para sua mente.



Os escritos e a filosofia de Nietzsche abriram as portas do inferno não apenas para a crença na inexistência da verdade, mas, com suas ideias de Niilismo, deram a tão aguardada justificativa para o assassinato. No início do século XX, certo homem se inspirou no que leu na filosofia de Nietzsche e agiu com base nessa inspiração. Esse homem foi Adolf Hitler. Após ler sobre a filosofia de Nietzsche de que os inferiores e os fracos deveriam ser destruídos, Hitler personificou o “super-homem” em sua vontade de poder e colocou a humanidade de joelhos. Ele, como Nero, queimou seu próprio povo em seu “Holocausto” e lutou impiedosamente para ser o governante do mundo. Assim, introduziu uma “Guerra Mundial”.

Foi a guerra que deu origem às primeiras “contraculturas”, as primeiras rebeliões aceitáveis em escala popular, os primeiros protestos da “Geração Beat” e ao novo estilo de música chamado “Jazz” e “Blues”. Eles cantavam canções que eram a voz de uma busca confusa por respostas em meio a um mundo de violência. Eles se afastariam dos caminhos do mundo “moderno”, que não fazia sentido. Mas o clamor na progressão da música ficou mais alto com o nascimento da música “rebelde”, com uma borda mais dura, chamada “Rock”. Então a banda popular chamada Beatles fez uma declaração que resumiu o espírito da época: “Somos mais populares do que Jesus Cristo”.

E então, mais uma vez, a guerra deu origem a outra “contracultura” que levou isso quilômetros além dos “Beats”, com ideais ainda maiores, embora ainda não totalmente definidos. Essa “contracultura” foi chamada de “movimento hippie”. Com o “amor livre”, deram origem ao conjunto inrastreadável de modas e movimentos que compõem o fim do século XX. A geração de jovens de hoje, com as “contraculturas” de punks, atletas, excluídos, skinheads, metalheads, mods, hippies, jovens do gueto, gangsters, skatistas, posers e alternativos, compõe esta geração em busca de identidade: Geração X.

Em todos esses diferentes movimentos, há um elemento que os une. Há um clamor comum; há uma mensagem que todos pregam: Niilismo. À medida que o tempo avança, a confusão aumenta e a máquina trabalha cada vez mais rápido. A juventude de hoje não pode deixar de ser queimada e marcada para a vida por essa máquina. Não há

ninguém para nos dizer que o fogo queima; assim, precisamos aprender da maneira mais difícil e esperar não morrer no processo.

É fácil demais dizer que nós, os filhos da era moderna, não somos afetados pela história do Niilismo, e ainda assim nos sentamos sobre cinzas: uma criança abandonada em um deserto de apostasia, sobreviventes solitários de séculos de holocausto, sem ninguém para apontar a direção do lar, pois tudo foi destruído.

Nietzsche, a voz da Geração X, de maneira assustadora retratou esses tempos sem Deus e definiu a experiência da juventude de hoje em sua parábola, “O Louco”.

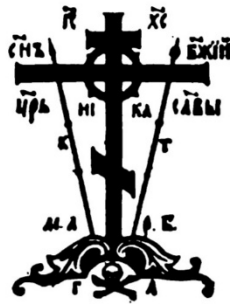
Vocês não ouviram falar daquele louco que acendeu uma lanterna nas claras horas da manhã, correu para a praça do mercado e gritou incessantemente: “Estou procurando Deus, estou procurando Deus!” Como muitos dos que não acreditavam em Deus estavam reunidos ali, ele provocou grande riso. “Ora, ele se perdeu?”, disse um. “Perdeu o caminho como uma criança?”, disse outro. “Ou está se escondendo? Tem medo de nós? Partiu em viagem? Ou emigrou?” Assim gritavam e riam. O louco saltou para o meio deles e os atravessou com o olhar.

“Para onde foi Deus?”, gritou. “Eu lhes direi. Nós o matamos — vocês e eu. Todos nós somos seus assassinos. Mas como fizemos isso? Como fomos capazes de beber o mar inteiro? Quem nos deu a esponja para apagar todo o horizonte? O que fizemos quando desacorrentamos esta terra do seu sol? Para onde ela está se movendo agora? Para onde estamos nos movendo agora? Para longe de todos os sóis? Não estamos caindo continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Ainda existe um acima ou um abaixo? Não estamos vagando como através de um nada infinito? Não sentimos o sopro do espaço vazio? Não ficou mais frio? Não está a noite, e cada vez mais noite, chegando o tempo todo? Não precisam ser acesas lanternas pela manhã? Ainda não ouvimos o ruído dos coveiros que estão enterrando Deus? Ainda não sentimos o cheiro da decomposição de Deus? Deuses também se decompõem. Deus está morto. E nós o matamos. Como nós, os assassinos de todos os assassinos, nos confortaremos? O que havia de mais santo e mais poderoso de tudo o que o mundo já possuiu sangrou até a morte sob nossas facas. Quem limpará esse sangue de nós? Que água existe para nos purificarmos? Que festas de expiação,

que jogos sagrados teremos de inventar? Não é a grandeza desse feito grande demais para nós? Não devemos nós mesmos nos tornar deuses apenas para parecermos dignos dele? Nunca houve um feito maior; e quem nascer depois de nós — por causa desse feito, fará parte de uma história mais elevada do que toda a história até agora.”

Aqui o louco calou-se e olhou novamente para seus ouvintes; e eles também se calaram e o encararam com espanto. Por fim, ele jogou sua lanterna no chão, e ela se quebrou e se apagou.

A juventude de hoje também parece ter procurado Deus freneticamente, mas, na inocência de sua juventude, o mundo lhes disse com risos: “Ora, ele se perdeu?” Assim, eles jogaram sua lanterna no chão, e ela também se apagou.



PARTE DOIS
NOSSA MORTE

JUVENTUDE DO APOCALIPSE



CAPÍTULO UM CONSEQUÊNCIAS

AGORA, na escuridão, sentimos as consequências da guerra. A contagem de corpos aumenta diariamente, mas, ainda pior, o número de almas mortas e marcadas é quase infinito. Parece que, para muitos, há pouca chance de recuperação.

Como sempre, são as crianças que se tornam as piores vítimas da guerra. Nessa luta aparentemente eterna do homem contra Deus, a inocência da infância não apenas foi violada, mas totalmente aniquilada.

Na década de 1960, a revista *Time* teve como uma de suas manchetes de capa: “Deus Está Morto”. Na década de 1970, trouxe uma matéria de capa: “Marx Está Morto”. Isso levou um cínico universitário a dizer: “Deus está morto, Marx está morto, e eu mesmo não estou me sentindo muito bem”.

Nietzsche, sabendo muito bem que Deus havia morrido no coração dos homens, chegou a afirmar que haveria dois resultados diretos no século XX. Primeiro, disse que o século XX se tornaria o século mais sangrento da história; e, segundo, que uma loucura universal eclodiria. Ele esteve certo em ambos os pontos e até mesmo realizou o segundo.

Loucura

A filosofia das Consequências e do Apocalipse é resumida em uma palavra: Nada. Desde a infância nos dizem que não somos nada, somos educados em instituições que nos dizem que viemos do nada e somos enganados a acreditar que, quando morremos, retornamos ao nada. Em suma, não há nada.

Sobre esse assunto, o famoso autor russo do século XIX, Fiódor Dostoiévski, disse: “Se não há crença na imortalidade da alma, então tudo é permitido”. Se há, em resumo, nada, nenhuma razão para viver, então a conclusão lógica é a loucura, pois somente na loucura parece

haver uma saída para este mundo autodestrutivo. A filosofia e o estilo de vida da “sanidade da insanidade” tornaram-se dominantes. Ela prevalece no pensamento da juventude moderna. Em certo sentido, tornou-se o meio de sobrevivência para os jovens, na “sobrevivência do mais apto”.

A seguir está um relato da insanidade que prevalece neste mundo louco:

Certa vez conheci um jovem punk de dezoito anos. Ele morava do outro lado da rua dos conjuntos habitacionais do centro da cidade (guetos) em Oakland. Todas as noites ele chorava até dormir ao som de tiros. No meio da noite, às vezes sentia o impulso de caminhar pelas ruas dessas zonas de guerra. Vestia-se de forma suja, contorcia o rosto e andava pelas ruas mortais gritando insanamente, babando e falando consigo mesmo. As pessoas do bairro mantinham distância dele. Quando retornava ao seu quarto em um armazém depredado, sentia uma satisfação interior por ter sido bem-sucedido na “sobrevivência do mais apto”. Então, ligando uma música hardcore que tinha sons sobrepostos de pessoas gritando, ele se cortava com lâminas de barbear. Suas muitas lágrimas de raiva escorriam pelo rosto e sobre o peito, ardendo em suas feridas. Ele queria desesperadamente morrer, mas algo o impedia de abraçar a morte por completo. Tenho certeza de que ele não era verdadeiramente insano, mas estava brincando com o fogo da loucura. Saindo de casa ainda jovens, os jovens são atraídos para o subterrâneo do centro da cidade, onde a insanidade é a única “norma”. E, mesmo que vivam em uma cidade pequena, cultivam o subterrâneo do centro da cidade dentro do próprio coração, buscando ao menos um gosto da rebelião popular da insanidade.

CAPÍTULO DOIS FILHOS DA LOUCURA

ASSIM como o Niilismo é a mãe da insanidade e da loucura, a insanidade também tem três filhos: sexo, drogas e violência. Esses filhos são como sua mãe, pois todos nascem do escapismo.

As fugas e os prazeres do sexo, das drogas e da violência parecem anestesiar a miséria de viver neste mundo agonizante. Assim, esses três filhos da loucura foram exaltados e incentivados até mesmo a graus metafísicos. No entanto, se fossem “metafísicos”, não cessariam quando morremos. Sexo, drogas e violência se decompõem com os mortos, e ainda assim, com os mortos-vivos, continuam vivos.

Sexo

Em um mundo estéril de amor e compaixão, nossa sociedade de coração frio vendeu a pureza virginal de suas filhas em sua luxúria insaciável por poder e dinheiro.

Se olharmos para os muitos outdoors ao longo das rodovias, assistirmos a qualquer sequência de comerciais de TV ou simplesmente lançarmos um olhar sobre uma banca de revistas no supermercado, fica bem claro qual é o produto número um do mundo moderno: sexo. O sexo não apenas vende a si mesmo, mas vende todo o resto também, de cigarros e álcool a ração para cães. E quem é o objeto dessa prostituição? Nossas mães, irmãs e filhas.

O mundo moderno degradou a imagem da mulher a uma prostituta. Ao fazer isso, o homem tornou-se um devasso, e toda a moralidade da raça humana mergulhou nas profundezas do sub-humanismo. Antigamente, a virgindade era considerada uma virtude, mas, nestes tempos distorcidos, a virgindade é vista como sinal de fraqueza. Por que isso acontece? Como a humanidade afundou em um estado tão depravado?

Isso acontece precisamente porque a imagem do Divino foi abolida. No lugar do Divino, a humanidade começou a adorar a carne.

Nessa deterioração, o significado do amor foi difamado. A verdade do amor recebe seu sentido do amor perfeito revelado por Deus. Quando a noção de Deus é violentada das mentes e dos corações da humanidade, o verdadeiro amor se perde. O que resta é um disfarce sob o qual o homem esconde suas luxúrias carnavais.

A profundidade do amor é tão estranha a estes tempos sem coração que, quando em raras ocasiões ela ocorre, é rejeitada. Esse é o masoquismo do amor no mundo niilista. Em outras palavras, estamos tão marcados e feridos pelo falso amor que se torna difícil aceitar um amor profundo e incondicional quando ele é oferecido.

Não há nada que trate da solidão subjacente de uma geração criada em casas vazias. O amor foi minado pela guerra popular da qual jovens demais nestes tempos foram vitimados. Essa é a guerra solitária do divórcio. Parece que a maioria de nós foi criada sem pais, ou apenas por um dos pais, ou por dois pais sem respostas.

A criança de hoje é abusada e abandonada. Seja por abuso sexual ou maus-tratos infantis, ou simplesmente pela falta de amor, a criança da era moderna cresce ferida. Em sua luta pela sobrevivência, as feridas da criança tornam-se cicatrizes e, com o tempo, ela aprende a se adaptar a uma sociedade sem amor. E sem amor, o sexo se torna violência.

Drogas

Em um mundo sem alma que prega o materialismo e a conformidade, a jovem geração irá a qualquer extremo em sua busca por um mundo alternativo. Um meio de escape, além do sexo, são as drogas.

Seja o jovem do gueto e das ruas tentando elevar seu espírito acima do fedor de um mundo de violência, pobreza e um futuro aparentemente sem esperança; um jovem punk buscando refúgio da loucura industrializada do mundo; ou um estudante universitário de classe média fugindo da vida mundana do intelectualismo, a juventude de hoje não tem dificuldade em encontrar a droga que abre a porta para outro mundo.

Há três estágios nessa cadeia: distração, ilusão e morte. Desde a época em que Timothy Leary começou a conduzir experimentos em Harvard sobre o uso de LSD e a pregar a mensagem contracultural de “Ligue-se, sintonize-se e caia fora”, massas de jovens buscaram não apenas escapar das amarras de uma sociedade opressiva por meio do uso de drogas, mas também “sintonizar-se” com o reino espiritual.

Leary pregava a ideia de que, por meio do uso de LSD, a mente é elevada para fora do processo de pensamento estabelecido, entrando em um novo modo de pensar que produz uma consciência mais perceptiva. Ele ensinava que, por meio desse processo, o usuário iria “transcender” seu antigo eu, que havia sido formado por uma sociedade corrupta, e assim formar um novo ser “evoluído”.

A ilusão do uso de drogas psicodélicas dá seu primeiro passo na distração. O mundo antes banal parece ampliado ao experimentador. Nesse ponto, o usuário esquece a corrupção do mundo e se contenta em experimentar algo novo na vida. A ilusão se instala quando o usuário começa a acreditar que a chave para mudar a si mesmo é uma droga. A partir daí começa a espiral descendente da dependência, na qual o usuário se deteriora lentamente em um estado de depressão psíquica e termina em um estado de vício. Nesse abismo, o usuário torna-se escravo do hábito e da dependência corporal. Ele então é tiranizado pela droga até que toda a vitalidade seja sugada de seu ser, ou até a morte.

No final, os vislumbres fugazes de “consciência superior” que Leary e a geração contracultural dos anos sessenta buscavam provaram ser uma miragem. O que começou como uma busca pela verdade tornou-se uma ilusão das massas. “Poder para o povo” mostrou-se um slogan vazio, à medida que o amor de muitos esfriou e a maioria dos “revolucionários da contracultura” comprou seu caminho de volta ao mundo do materialismo. Por fim, os ideais dessa geração mudaram da busca pela verdade para a perseguição do prazer e da auto-satisfação. À medida que esse movimento se extinguiu, revelou-se apenas mais uma moda nos ventos sempre mutáveis do “espírito da época”.

Essa tentativa caída da humanidade de satisfazer os desejos inatos da alma humana por meio do uso de drogas expõe a condição da alma do homem contemporâneo: 1) o homem está insatisfeito com o estado

do mundo; 2) vazio dentro de si mesmo; 3) e não tem meios de elevar seu espírito.

Outro escape que passa despercebido neste mundo de prazeres é o álcool. Na cultura contemporânea da busca pelo prazer, o álcool é o entorpecimento das massas e a destruição dos desafortunados. Depois da televisão, o álcool é a forma mais comum de evitar a questão da verdade.

Na fuga contínua do homem para evitar o exame de sua consciência, ele usará qualquer meio de escape, incluindo buscar refúgio da realidade por meio do uso do álcool. O homem vazio é temporariamente preenchido pela euforia dos sentidos que o álcool proporciona e, dessa forma, é distraído de seu vazio.

Beber como fuga e como prazer social é um “ideal” que foi ampliado e glamourizado; está na moda. As pessoas relacionam sua cerveja, vinho ou destilado favoritos à sua identidade pessoal. Um exemplo clássico é a “amizade” retratada pelas campanhas publicitárias de bebidas alcoólicas. O homem contemporâneo sem raízes é atraído para suas garras, e sua alma vazia torna-se escrava do “espírito da época”. E o “espírito da época” é controlado pela ganância maligna. É por isso que o sexo é sempre usado para vender álcool. Se não o sexo, então outra imagem falsa é promovida, como a ideia de que a verdadeira amizade e os “bons momentos” estão ligados ao ato de beber. As imagens da publicidade são quase impossíveis de evitar. Mesmo que alguém esteja conscientemente ciente de que o Sistema está tentando vender uma ilusão, nossas mentes ainda são corrompidas em um nível subliminar.

Sendo uma epidemia social, o álcool é o passatempo favorito do homem para evitar as questões mais profundas da vida — qual é o propósito do homem na vida? O que existe além do tumulto? A luxúria impulsionadora da ganância empurrou o ideal pagão-romano da busca pelo prazer para a arena da mídia de massa. Na Roma do século IV, Agostinho escreveu: “Todos os homens estão unidos por um só propósito — a felicidade temporal na terra — e tudo o que fazem visa a esse objetivo, embora, na infinita variedade de suas lutas para alcançá-lo, sejam lançados de um lado para outro como as ondas do mar.”

Há um fim sombrio para essa epidemia: o alcoolismo. É uma besta que devora homens, mulheres e crianças e é um demônio que toma posse de uma alma para destruir famílias inteiras. Sob o domínio dessa besta, a personalidade da vítima é rasgada em um “Jekyll e Hyde”. Ela se protege com a defesa da negação. Ataca aqueles que a confrontam e depois, fiel à sua natureza, rasteja de volta ao seu buraco.

O dano do alcoolismo é impossível de medir. Como pesar o sangue dos milhões que morreram em acidentes causados por motoristas embriagados? Como contar as lágrimas dos filhos do alcoolismo?

Violência, abuso infantil, divórcio e crianças sem pai são os resultados do alcoolismo. O que era uma extravagância tornou-se um hábito e agora é escravidão. O que começou em risos termina em lágrimas.

Parte o coração ver alguém que era livre e cheio de vida tornar-se enredado na armadilha mortal desse demônio. Lentamente, alguém que você amava torna-se um estranho. À medida que a distância aumenta, aquele que conhecíamos deixa de existir. A pessoa que conhecíamos não seria assim. Não, isto não é uma pessoa, mas um fantasma. Mais cedo ou mais tarde, precisamos nos perguntar: o que foi que roubou a alma deles?

O fim da busca por realização espiritual por meio do uso de drogas é a morte da alma. A alma precisa da verdade para viver, mas, nestes tempos perigosos, a verdade é difícil de encontrar. O inimigo da verdade está vendendo a mentira das drogas em seu lugar. A juventude da era moderna é uma geração faminta que comerá qualquer coisa que lhe for dada. O que segue é um relato dilacerante do que pode acontecer à juventude da geração niilista se ela não receber a verdade.

Eu conheci dois irmãos com quem eu costumava jogar futebol quando era criança. Vivíamos em uma pequena cidade com uma economia deprimida. Para sobreviver, muitas pessoas traficavam drogas, seja como complemento ou como meio de vida. A maioria dos traficantes possuía pelo menos uma espingarda e, às vezes, uma ou duas pistolas. Os pais desses irmãos traficavam crank. O crank, uma metanfetamina, é barato de produzir e é uma droga comum entre os jovens porque é muito barata e extremamente viciante.

Certo dia, os dois irmãos estavam chapados de crank e LSD em um lago de recreação. Eles encontraram um guarda florestal que concordou em mostrar-lhes a área ao redor do lago. Em determinado momento, o irmão mais velho tirou um cachimbo e começou a fumar maconha. O guarda o fez parar. Com o orgulho ferido, a indignação do irmão transformou-se em raiva e depois em fúria. Momentos depois, o guarda jazia morto com a garganta cortada.

Com orgulho arrogante, o irmão se gabou do crime para alguém que, por sua vez, comentou descuidadamente sobre isso na fila do supermercado. A polícia foi até a casa e encontrou o irmão mais velho, que naquele momento estava sob efeito de uma grande dose de cogumelos psicodélicos. Sem muita pressão da polícia, ele confessou voluntariamente todos os detalhes do crime.

O destino do irmão mais novo foi ainda mais sombrio. Depois que o irmão mais velho foi enviado à prisão, ele estava em casa ingerindo quantidades desumanas de crank. Após ficar acordado por três dias sem dormir, ele andava nervosamente pela casa, esperando o sol nascer. Então, de repente, sem motivo aparente, em um acesso de fúria, pegou a espingarda do pai, entrou no quarto dos pais, matou a mãe e o pai, e depois foi até onde sua irmã de seis meses estava deitada e a matou. Por fim, colocou o cano na própria boca e puxou o gatilho.

Nesse relato terrível de violência sem sentido, assassinato e suicídio, três coisas chamam a atenção. A primeira é que termina com um jovem matando sua mãe e seu pai, as pessoas que lhe deram a vida e o trouxeram ao mundo. Em seguida, ele mata sua irmã, um bebê inocente. Por fim, tira a própria vida. Isso não é apenas um incidente isolado de homicídio, mas uma ocorrência cada vez mais comum que testemunha a guerra da juventude desesperada contra a própria vida. Que fogo era aquele que ardia dentro dele? Qual foi a força que o fez puxar o gatilho?

É claro que, sob a influência das drogas, o usuário (experimentador ou viciado) entra em um reino no qual fatores ocultos não podem ser previstos antes do uso da droga, nem compreendidos durante a experiência com a droga. A ilusão das drogas é astuta. No início, o usuário é preenchido com um novo conhecimento e a promessa de um novo mundo. Mas o que acontece com esse conhecimento? A

resposta é simples: nada. A busca do homem por meio das drogas é um sonho no qual ele persegue sombras. No final, tudo não passa de uma ilusão que se dissipa, deixando o buscador na desolação.

Violência

O terceiro filho da loucura é a violência. A violência do homem moderno se expressa de duas maneiras: violência impessoal e violência pessoal. A violência impessoal é a profunda maldade que cativou o coração de muitos; a luxúria por ferir violentamente as pessoas. A violência não se limita mais a incidentes isolados, mas manchou com sangue mãos demais. Parece que não há onde se esconder dela. Crianças matando pais, pais matando filhos, amigos matando amigos, crianças matando crianças. Nossos tempos são tempos de violência sem sentido, quando as pessoas ferem e matam apenas pelo ato de matar.

E dizem que não entendem por que tal violência reina em nosso mundo. Se ouvissem os próprios assassinos, encontrariam a resposta. Um assassino recente, quando perguntado por que havia matado tantas pessoas, disse que se inspirou ao ler pornografia. E outro disse que viu isso nos filmes e pensou que iria “experimental”. Antigamente, as crianças trocavam figurinhas de beisebol; mas agora, nestes tempos “avançados”, as crianças são cativadas por trocar cartões com fotos policiais de assassinos.



Um monge lamentando sobre a humanidade morta.

A outra forma de violência é a violência pessoal, que ganhou enorme proporção. Ela não se limita apenas ao interesse crescente pela moda das tatuagens, piercings corporais ou às mutilações do corpo do “primitivo moderno”, mas se manifesta também na bagunça sangrenta do masoquismo.

Quase todos os filhos da guerra da Geração X ao menos experimentaram isso, senão foram totalmente possuídos por isso. Fizemos violência contra nós mesmos não apenas fisicamente, mas também mentalmente. A decepção de viver na confusão deste mundo niilista nos leva de joelhos e, cheios de raiva, descarregamos nossas agressões sobre nós mesmos. Mais uma vez choramos até dormir.

Com a estimulação elétrica da mídia e a influência das artes modernas, uma nova moda entrou em “voga” — a Loucura e seus filhos: sexo, drogas e violência. E o cúmplice desse homicídio é a moda.

CAPÍTULO TRÊS: A TIRANIA DA MODA

Nas cinzas do pós-guerra, o conflito continua de forma subconsciente. A moda tornou-se o único objeto de desejo. Cegos pela escuridão da vaidade, tornamo-nos escravos de modas que vêm e vão, que vivem e morrem, retratando apenas uma coisa: o estado espiritual da juventude, e pintando um retrato do estado da alma. Esquecemos que as modas retratam o espírito do tempo, que por sua vez é moldado pelos espíritos sob o céu.

Nesta era pós-moderna, pensamos ter escapado da tirania da moda ao escolher a moda da anarquia, mas, na verdade, a moda nos agarrou pelo pescoço. A criatividade e a expressão da juventude proclamam isso com música alta e dolorosa e com a arte da angústia. A guerra sempre torna a realidade feia.

Em 1924, um artista soviético disse: “A arte atingirá o auge de seu florescimento apenas depois que a mão imperfeita do artista for substituída pela máquina precisa.” Ele teria razão se essa “máquina” não tivesse sido feita por esses mesmos “artistas imperfeitos”: a humanidade.

A juventude de hoje vê que a ideia desse artista se mostrou falsa. Sua “máquina precisa” provou ser exatamente o oposto. A arte chegou ao fim. A arte, que um dia foi um meio de retratar a beleza, agora alcançou os extremos da deformidade. A juventude de hoje apenas retrata a máquina que lhe deu origem. Em um mundo feio, isso é tudo o que nos foi ensinado, e, portanto, tudo o que sabemos.

Mas há um outro lado da música e das artes modernas, o lado onde a grama é verde com materialismo: “artistas” alimentando a máquina e tornando-se ricos e famosos no processo. Um dos fundadores da “arte moderna”, Pablo Picasso, resumiu isso certa vez em uma frase simples que desde então foi ignorada: “Enganei todos eles e ganhei muito dinheiro.”

É o dinheiro que move a máquina do Niilismo. Enquanto a expressão artística contemporânea abastece a máquina, nós compramos o combustível. Nesta era pós-moderna, a televisão musical (MTV) serve a essa máquina. Ela alimenta seus seguidores com sons e imagens

dos três filhos incestuosos da loucura: sexo, drogas e violência... por dinheiro, dinheiro, dinheiro.

A seguir está o relato de um músico alternativo de punk rock. É a sua experiência “por trás do palco”.

Os atos de violência e insanidade realizados no palco, que antes eram usados para dar força a uma “declaração revolucionária”, agora se tornaram uma atração popular, em que as pessoas pagam grandes quantias de dinheiro ao artista disposto a se sacrificar mais — física, mentalmente e de outras formas. O impulso criado por esse espírito de precisar “superar” o último show para permanecer famoso nos holofotes tornou-se tão fora de controle que acaba possuindo o artista. Sob o entusiasmo e a excitação desses atos selvagens, pode-se sentir um odor hediondo de morte — o fedor de uma alma em decomposição. O álbum do Black Sabbath, *We Sold Our Souls for Rock and Roll*, foi realizado em todo o seu potencial. Meu primeiro encontro com esse fato lançou um medo imenso em minha alma. Lá estava eu, no meio de milhares de pessoas, assistindo a uma banda que eu sempre havia visto como inspiração e como referência para minha própria música. Em certo momento do show, um sapato voou da multidão para o palco. Capturando o momento, o cantor pegou o sapato, urinou dentro dele e depois bebeu. Esse ato repulsivo foi recebido pela multidão com admiração e aprovação, mas em meu coração soou de maneira diferente. Percebi que o grupo já não estava mais se divertindo, mas apenas cumprindo tabela, realizando um trabalho miserável para levar o pagamento para casa no fim do mês. Era possível sentir que eles já não tinham sequer escolha sobre como agir, mas estavam escravizados à própria imagem. Isso me comoveu, porque vi a mim mesmo seguindo o mesmo caminho e compreendi que aquilo que sempre venerara como meus sonhos era, na verdade, um inferno vivo. Olhei ao redor e vi que o público não era composto apenas de excluídos, punks e desajustados, mas de um recorte geral da juventude moderna, representando todos os grandes grupos sociais, e ninguém via, como eu via, o inferno por trás do espetáculo encenado, mas apenas um grupo de homens vivendo o ideal moderno de vida.

O resultado mais lamentável desse processo é que uma forma caótica e violenta de música se tornou popular e passou a ser

disponibilizada ao público em grande escala. Essas modas não são apenas solicitadas pela juventude, mas exigidas pela demanda popular. Uma manifestação disso é a forma popular de dança chamada “slam dancing”, em que um “fosso” agitado de pessoas se joga umas contra as outras, como disse Nietzsche, “para trás, para os lados, para frente e em todas as direções. Ainda existe algum cima ou baixo?” Agindo violentamente, descarregando todas as agressões, eles completam a frase: “Não estamos vagando como através de um nada infinito?”

Esse tipo de dança, que antes era considerado uma característica distintiva que demonstrava a “insanidade” do punk, agora encontrou seu caminho até as festas escolares de colégios.

Por meio da MTV (televisão musical), esse movimento é perpetuado em escala ainda maior, onde imagens visuais grotescas são misturadas à música e oferecidas à juventude assim que ela é considerada velha o suficiente para “ligar a máquina”. Como uma criança deve interpretar tais representações visuais: uma floresta de árvores cobertas com fetos pendurados nos galhos; ou os próprios corpos dos músicos pendurados sem vida em ganchos de açougue? A música que foi o pano de fundo de nossa vida criou e nos acostumou ao inferno na terra. A beleza foi crucificada.

Beleza Deformada

O famoso autor Fiódor Dostoiévski disse: “A beleza salvará o mundo.” O progresso com suas máquinas fez o mundo regredir a um lugar onde não há beleza. Se a beleza é minada, o que salvará o mundo?

Desde a infância somos ensinados a considerar atraentes coisas detestáveis, e, assim, a imagem da verdadeira beleza é deformada. Como não há distinção entre o que é belo e o que é feio, somos deixados no caos. Dizem-nos que “a beleza está nos olhos de quem vê”, mas, se isso fosse verdade, o mundo jamais teria chance de ser salvo, pois a interpretação humana da beleza pode ser mortal. O famoso poeta Keats disse: “Beleza é verdade, verdade é beleza.” Mas a verdade jamais poderia estar nos olhos de quem vê.

Historiadores dizem que “a religião foi o berço da arte”. Essa noção nos revela o primeiro impulso do homem para a arte: elevar seu espírito acima da terra por meio de um meio terreno. Dessa forma, a arte pode expressar os diferentes estados do espírito humano: amor, alegria, sofrimento e compaixão; ou até mesmo exaltar o espírito para perceber o divino. Mas o espírito da era moderna matou a alma do homem. O homem contemporâneo está tão dessensibilizado que nem sequer consegue sentir que possui uma alma. Essa falta de alma é o que produziu a sociedade moderna e sua arte.

No passado, a humanidade tinha uma maneira de retratar e expressar a verdadeira beleza, e de expressar o anseio do homem por um estado de verdade mais elevada e elevá-lo a esse lugar, que é a beleza. Isso era feito por meio das artes, da literatura, da pintura e da música.

Primeiro, devemos nos perguntar: qual é a substância da arte? Ontem, ninguém hesitaria em responder: beleza. Hoje dizem que a beleza é relativa. Dizem que um senso clássico de beleza é resultado da conformidade com um padrão moral opressor e, portanto, “politicamente incorreto”. Mas agora que a deformidade está em voga, quem é o conformista?

As artes do mundo moderno confundiram e deformaram as almas e já não as elevam a um estado mais alto. Elas pintam o quadro e gritam a canção do desespero e da raiva da juventude. Enquanto a destruição pinta seu quadro, a canção continua a tocar e a vida se torna absurda.



Uma imagem da beleza deformada, de Salvador Dalí.

Além do Absurdo

A era moderna é absurda. Aquilo que antes era feio agora é considerado belo; aquilo que era errado agora é considerado certo; as pessoas já não vivem para criar a vida, mas para destruí-la. Agora que Deus está morto, a vida é além do absurdo.

O estado incoerente da era moderna é melhor ilustrado pela arte contemporânea. Chegou-se até mesmo a fundar uma nova forma de expressão artística criada diretamente a partir da compulsão do homem de expressar o absurdo: a vanguarda.

O absurdo atingiu seu auge quando um certo artista de vanguarda revelou sua “obra-prima” a um mundo absurdo. O “artista” estava no palco com outro homem, os dois frente a frente. O outro homem então sacou uma arma e atirou no “artista” no braço. A plateia rugiu em aplausos. Os críticos deliraram: “Brilhante!”, “O homem é um gênio!”. Ele ficou rico com sua “obra-prima”, um livro foi escrito, e ele se tornou um campeão do “absurdo”.

O absurdismo chegou ao seu fim quando o assassino se torna o herói. Um bom exemplo disso é um filme moderno sobre um assassino que mata e come suas vítimas. Ele é retratado como um homem bondoso e inteligente, que parece não ter sangue nas mãos, mas que, na verdade, deseja apenas satisfazer seu apetite por carne humana. Em uma cena, ele esquarteja um guarda de segurança, pendura-o na parede de sua cela como um anjo crucificado e, com sangue ainda nos cantos da boca, ouve música clássica.

No final do filme, ele é o herói, ele é o santo do Niilismo, e as pessoas elogiaram isso como “psicologicamente profundo”. Mas nunca deu uma resposta, apenas retratou a realidade da perversidade atual, sem poupar ninguém. Enquanto eu estava sentado na escuridão, quando a tela ficou preta, os aplausos ficaram ainda mais altos, e ouvi alguém dizer atrás do meu ombro esquerdo: “Ele é meu ídolo.”

O espírito destes tempos é absurdo. O homem está cercado por um mundo de caos e não possui unidade dentro de si mesmo. Talvez os críticos de arte estejam certos: o absurdista é profundo ao retratar o

espírito do tempo. E, no entanto, um crítico de arte deveria avaliar suas observações em relação ao que é arte, e não ao que é o espírito do tempo. Pois, assim como as estações mudam, também mudam os tempos. Se observamos os tempos, então criticamos a moda, e não a arte. Mas não é isso que a arte se tornou na era moderna? Sim, a arte é moda. Se isso é assim, o que move a moda do absurdo no mundo e na expressão artística do homem?

O que produziu esse “espírito do tempo” que matou a alma do homem? Que força substituiu a beleza na arte pela moda? A resposta não é outra senão o Niilismo, esse inimigo da verdade. Quando a verdade morreu no coração do homem, o Niilismo mascarou-se no embuste da moda e se infiltrou na alma vazia do homem. Na ausência da verdade, o espírito do Niilismo cresceu forte. Nesse estado, o homem e tudo o que ele criou tornaram-se absurdos. Ao esquecer a verdade, o homem perdeu sua liberdade. Uma pergunta permanece: como o homem pode libertar-se da tirania da moda?

Apatia

Quando a insanidade passa a ser vista como “apenas mais um tijolo no muro” e esse muro desmorona, e quando o prazer já não pode mais ser encontrado no sexo, nas drogas e na violência, um estado miserável toma cativo o coração e a alma: a apatia. A apatia é a recusa deliberada de alcançar verdades mais elevadas.

Já não podemos mais confiar no último recurso da “religião” como a desejada “saída” do caminho da destruição. Fomos enganados vezes demais e feridos. Fomos espancados até a morte por todas as diferentes crenças e já não temos interesse na religião “organizada”, pois agora vemos que toda religião “organizada” é apenas mais uma instituição terrena que acaba buscando poder. E, ao buscar poder, muitas vidas foram devastadas. Nós os vimos nos desprezar e os ouvimos nos pregar que, se não nos juntarmos à sua organização, certamente queimaremos no inferno.

Ouvimos sua mensagem de hipocrisia e já não estamos interessados. Alguns pregam pobreza para viver no luxo e na riqueza às custas dos outros; alguns dizem praticar a paz, mas contrabandeiam metralhadoras; alguns acreditam na conversão pela força, enquanto os apóstatas devem ser mortos.

As muitas religiões nos feriram e nos deixaram em completa apatia, e agora nos resta dizer: “Desculpe, meu carma atropelou seu dogma!”. Assim, já não levantamos a cabeça quando mais um circo de “religião” passa por nossa cidade, mas continuamos cabisbaixos. Enquanto todas as diferentes “fés” proclamam ser o único caminho e que o resto do mundo está condenado, agora vemos mais claramente que todas as diferentes “religiões” possuem fragmentos de verdade em maior ou menor grau... Sentados na sala de espera, perguntamo-nos se a verdade sobreviveu a uma guerra assim.

O homem moderno da apatia não tem meios de se comunicar com seu Criador. Ele nem sequer quer ouvir a palavra “Deus”. Ele se irrita só de ouvir essa palavra. Quando a escuta, tudo o que consegue pensar são evangelistas de TV com Cadillacs; e então muda de canal. Pelo menos a TV tira sua mente da sensação de vazio interior. E mesmo que ele não encontre um canal com um programa que estimule sua mente, ainda assim pode mudar de canal. E, se encontrar mais um programa sem sentido, pode mudar de canal novamente. Nenhum programa consegue mais satisfazer a mente jovem; antes, é a antecipação daquele breve momento de esperança experimentado entre um canal e outro que o atrai de volta à tela.

O efeito de uma imagem artificialmente sedutora, que na verdade hipnotiza e entorpece os sentidos, molda o homem moderno e o transforma em um receptor vazio para os pensamentos de “libertação”. Até sentimos que a TV projeta a superficialidade dos valores do mundo e corrompe a mente, e desprezamos a máquina. Ainda assim, continuamos a mudar de canal.

Um homem associado por muitos anos à publicidade de sucesso, Jerry Mander, fez um estudo pessoal sobre os efeitos da televisão. Ele disse que a forma como a imagem televisiva é criada é visual, no “olho da mente”; uma câmera real não a mostraria. O propósito é implantar a imagem diretamente na memória para que ela se torne indistinguível de

uma experiência da vida real. Como, então, distinguir a verdade da falsidade e a ilusão de um evento real? A imagem televisiva é deliberadamente feita para mostrar “ação”, “conflito”, “excitação” e a aparência de vida. Tais imagens glamorosas colorem a imaginação e os ideais, especialmente dos jovens e impressionáveis. Aqueles que desejam viver em uma percepção verdadeira da vida são estimulados pela máquina da TV a viver de outra forma e, em certo sentido, são submetidos a uma lavagem cerebral pela profanação da imagem do niilismo.

E quanto àqueles que desejam deliberadamente alcançar verdades mais elevadas? O que será deles no fim? Se sobreviverem ao tédio da “era moderna”, rejeitarem os “santos” do niilismo e lutarem contra a “bem-aventurança da ignorância”, há ainda mais um obstáculo a ser superado: a apatia leva à simpatia — simpatia pelo diabo.

O Oculto

Já que “Deus está morto” e está “sangrando até a morte sob nossas facas”, alguém deve tomar Seu lugar como “mestre”. Em um mundo vazio de experiência mística, alguns buscam uma porta para outro mundo, mas não apenas por meio das insanidades — buscam contato direto. O mundo do oculto parece possuir a chave para essa porta. Para alguns, a chave é o sexo, as drogas ou a violência; para outros, o satanismo. Depois de vasculharmos as cinzas das modas ocultistas de “faz de conta”, veremos duas grandes categorias do oculto: o “soft-core” e o “hard-core”.

O oculto soft-core é basicamente o renascimento fashion do paganismo — culto à natureza e exploração dos poderes naturais pouco conhecidos da alma, como telepatia mental, leitura de auras, tarô, levitação etc. As pessoas são atraídas a isso não por uma rebelião consciente contra Deus, mas por curiosidade e vaidade (o desejo de adquirir poderes especiais ou percepções que as elevem acima das “massas comuns”).

O oculto hard-core é a adoração deliberada de Satanás. Tais pessoas de fato se chamam satanistas. Trata-se de uma rebelião consciente contra Deus, pois não se pode crer em Satanás sem crer em Deus. E não em qualquer Deus, mas especificamente no Deus “cristão”. É a crença de que Deus é o “tirano” do universo e de que Satanás é o melhor amigo do homem, que quer lhe dar liberdade e fazê-lo feliz ajudando-o a obter tudo o que deseja neste mundo. É aqui que as palavras de Dostoiévski e Nietzsche soam verdadeiras até o sacrifício animal e humano. Quando um homem ou uma mulher é iniciado no sétimo grau do satanismo, ele jura que seu princípio será: “Nada é verdade, e tudo é permitido.” Nestes tempos de aniquilação além da desolação, quando a destruição é a “norma”, é óbvio quem é o “mestre”, já que Satanás não pode criar, apenas destruir.

O principal problema com ambos os tipos de ocultismo como “fê” é que eles não têm compreensão do que existe por trás da cortina deste mundo. Na ignorância, brincam com o outro mundo sem qualquer distinção entre os poderes bons e maus que ali existem. O resultado dessa ignorância é que a pessoa que “brinca” com a metafísica, via de regra, acaba acessando o lado maligno, mesmo que essa não tenha sido sua intenção original.

A seguir está o relato de um jovem punk que cresceu em um lar destruído e encontrou uma fuga no ocultismo:

Eu vivia em minhas próprias fantasias e realidades que eu mesmo havia criado. Passei de um garoto “normal” para um punk com um moicano azul e coturnos. Por causa da minha individualidade, fui baleado, esfaqueado e espancado. Um dia, um amigo me convidou para uma espécie de festa. Essa festa consistia em alguns amigos da escola e duas mulheres mais velhas. Foi descrita para mim como amigos sentados conversando, bebendo refrigerante, comendo salgadinhos e jogando jogos.

As duas mulheres mais velhas eram bruxas, e a festa era uma reunião de um coven. Fui então iniciado na prática da Wicca. Caso você não saiba, a Wicca é uma antiga forma de magia druídica dominada pelo feminino. É por isso que eu era chamado de bruxa, e não de bruxo. Progredi bastante rápido e me tornei um praticante. Minha mente afundou em um tipo estranho de delírio e demência. Para mim, era

evidente que a insanidade era a experiência suprema. Se você morre, tudo acaba. Se você enlouquece, atravessa a morte sem morrer. Essa era a minha filosofia. Eu me esforçava por isso dia e noite. Minha prática de feitiçaria me levou a muitos lugares novos, principalmente por meio de viagens astrais. Era uma expansão natural do meu mundo de fantasia. Eu era todo-poderoso e tudo me reverenciava nesse mundo que eu havia criado. A sensação de poder é o que mantém alguém na feitiçaria. No mundo real, eu não era nada; na feitiçaria, eu era alguma coisa. Eu me sentia invencível. Eu estava errado.

Certa noite acordei por causa de um forte chamado da bexiga. Era uma daquelas vezes em que você fica deitado na cama, alternando o olhar entre o relógio e a porta, tentando decidir se consegue aguentar até a manhã sem molhar a cama. Decidi me levantar e ir ao banheiro. Então percebi que todo o meu corpo estava paralisado do pescoço para baixo. Na Wicca não há drogas nem álcool. Se alguém fosse pego usando essas coisas, seria expulso do coven. Eu sabia que não havia nada em meu organismo que pudesse causar aquilo. A única explicação a que cheguei foi que algo espiritual estava me atacando. Saí do meu corpo e fiquei suspenso acima dele. Então entrei em choque. Sentados ao meu redor e me segurando estavam cerca de quinze demônios rindo histericamente. Um deles se virou para mim e falou. Disse que eu era o maior idiota que ele havia conhecido em muito tempo. Disse que eu havia sido ensinado sobre o que era certo, mas segui o caminho errado, e agora estava tão fundo nisso que iria para o inferno e não havia saída. Em seguida, ele passou a fazer um acordo comigo. Dois deles vieram até o meu corpo astral e me viraram. Quando fui virado, encontrei-me no inferno. Não há como descrever o que vi, senti e cheirei. Nunca esquecerei. Os rostos.



Eles me devolveram ao meu quarto e me deram o ultimato. Eu poderia me matar e me tornar como eles, passando a atormentar em vez de ser atormentado, ou morrer e ir para o inferno de qualquer forma. Eu escolhi o suicídio. Pouco antes de me deixarem retornar ao meu corpo, eu disse em voz baixa: “Jesus, se Tu estás aí, ajuda-me.” Houve um grande clarão de luz e eles desapareceram. Eu me sentei e comecei a amaldiçoar Deus. Por que Ele me deixou passar por essas coisas? Eu O amaldiçoei por cerca de uma hora enquanto limpava o vômito que meu corpo expeliu durante a experiência. Foi então que, pela primeira vez, ouvi a voz de Deus. Ele disse apenas uma frase simples que me parou imediatamente: “Tudo o que Eu queria era que você pedisse.”

CAPÍTULO QUATRO NADA CHOCANTE

Nós abraçamos o inferno; seguimos os mandamentos do “espírito do tempo” e nos encontramos em um beco sem saída. Fomos educados em sexo, drogas e violência pela estimulação da mídia; passamos no curso do Niilismo e nos formamos na escola da destruição.

O filósofo grego da Antiguidade, Aristóteles, disse: “A escola e a educação servem para ensinar aos jovens do que eles devem gostar e do que devem desgostar.” A educação moderna nos ensinou que devemos desgostar da realidade de um Deus. Ensinou-nos que devemos ter sucesso neste mundo e, assim, nos afastar do céu. Tornou a filosofia da insanidade suicida de Nietzsche “leitura obrigatória”, dando justificativa para assassinar Deus. Ensinou-nos a competição implacável e nos deu números em vez de nomes.

A ironia é que, quando vivemos de acordo com o que nos foi ensinado nas instituições deste mundo, somos novamente institucionalizados e colocados ou em um quarto acolchoado ou em uma cela com grades, e novamente nos é dado um número.

Nessa escola da destruição, um dos professores atende pelo nome de “revolução”. Ele afirmava ser contra o “sistema”, mas, na prática, é o maior beneficiário do próprio sistema. Este é o manifesto contemporâneo do engano: nossa suposta rebelião contra o “sistema” transformou-se ela mesma no pior sistema.

Nova Ordem Mundial

A revolução está na corrente sanguínea do homem moderno, pulsando no coração com idiorritmia crescente. O objetivo da revolução é, como Nietzsche explicou, “condições de existência completamente novas”. O resultado da aniquilação niilista e antiteísta da antiga ordem é a concepção de uma “Nova Era” — “nova” em sentido absoluto, e não relativo. Foi aqui que Hitler acendeu o fogo de seu holocausto em busca da “nova ordem mundial”, que acabou incendiando até mesmo sua

própria prisão. Assim, em suma, a revolução niilista, que visa abolir autoridade e ordem, está introduzindo uma nova instituição: a Nova Ordem Mundial.

A “Nova Ordem Mundial” para a qual o “sistema” está se desenvolvendo é algo que, até agora, a juventude rejeitou. Mas, se temos uma rejeição verdadeira da “Nova Ordem”, do “céu na terra”, devemos também rejeitar o Niilismo, embora as instituições que nos privaram de Deus nos tenham ensinado exatamente o contrário.

A instituição do Niilismo da Destruição, que abriu caminho, por meio da revolução, para a “nova ordem”, deu vida ao que pode ser o derradeiro desencadeamento do terror: o espírito do Anticristo.

Mais uma vez Nietzsche pegou a harpa e tocou sua canção, proclamando-se “Anticristo”. Não muitos anos depois, a popular banda punk “Sex Pistols”, a voz da juventude, quebrou a harpa de Nero e aumentou a distorção, cantando junto com Nietzsche: “Eu sou anarquista. Eu sou anarquista. Não sei o que quero, mas sei como conseguir. Quero destruir.”.

Na história do mundo houve muitos que tiveram o rosto do Anticristo, aquele que busca poder com sangue para fazer as pessoas se ajoelharem. De Nero a Hitler, o mundo nunca esteve livre da ameaça de uma ordem mundial. Hitler tomou as obras de Nietzsche como um guia filosófico que provocou a guerra mais sangrenta e nauseante da história, levando uma visão de mundo ateu à sua conclusão. Hitler disse: “Liberei a Alemanha das mentiras estúpidas e degradantes da consciência e da moralidade... Nós treinaremos jovens diante dos quais o mundo tremerá. Eu quero jovens capazes de violência — imperiosos, implacáveis e cruéis.”

Mas apontar o dedo para o sangue e a carnificina do passado realizados por anticristos não é o nosso fim. Revelaremos o núcleo do terror que não se encontra em Nero, Napoleão, Hitler, Lênin ou Stalin, mas no espírito da época, que é muito mais aterrador do que qualquer um deles. O espírito desta era e destes tempos é o Anticristo.

O que é a “Nova Ordem”, senão o trono do Anticristo, a imitação e inversão satânica do Reino de Deus? O mais extremo negador, o mais desiludido dos homens, só pode existir se se apegar a uma ilusão na

qual possa colocar toda a sua esperança. Aquele que não pode crer em Cristo deve e irá crer no Anticristo.

Mas, se o Niilismo tem seu fim histórico no reinado do Anticristo, ele tem seu fim último e espiritual além até dessa manifestação satânica final; e nesse fim, que é o inferno, o Niilismo encontra sua derrota final. Filhinhos, é a última hora; e, como ouvistes que o Anticristo há de vir, também agora já surgiram muitos anticristos; por isso sabemos que é a última hora.

O Último Genocídio

Chegamos ao fim da corda. Nestes tempos violentos, parece não haver razão para continuar vivendo; nenhuma razão sequer para acordar amanhã e enfrentar mais um dia. A juventude de hoje chegou à conclusão de que a única mão que resta para enxugar as lágrimas de seus olhos é a mão do suicídio.

Muitos, embora talvez admitam a verdade de algumas de nossas observações, condenariam o conjunto como sendo “unilateral”. Em toda justiça, portanto, devemos examinar o outro lado, a visão “positiva”.



E, de fato, não se pode questionar que, ao lado da corrente de desespero, desilusão e subumanidade que descrevemos como emergindo desta era do Niilismo, tenha havido uma corrente paralela de otimismo e idealismo. Trata-se de jovens ao mesmo tempo idealistas e práticos, prontos e ansiosos para enfrentar os difíceis problemas de hoje e para difundir esse ideal indefinido. Pesquisas científicas que descubram os “mistérios” do universo; pacifistas e idealistas não violentos cruzando em nome da paz, da fraternidade, da unidade mundial e da superação de ódios seculares; jovens artistas “indignados” pela causa da justiça e da igualdade e espalhando, como podem, neste mundo lamentável, uma nova mensagem de alegria e criatividade; e o grande número de jovens mais comuns que estão entusiasmados por estarem vivos nestes tempos “empolgantes”, sinceros, bem-intencionados, olhando com confiança e otimismo para o futuro, para um mundo que talvez conheça ao menos a felicidade em vez da miséria, enquanto a geração mais velha está demasiado assustada com esta era do Niilismo para compartilhar plenamente as grandes esperanças da juventude de hoje.

Mas a pergunta precisa ser feita: se o mundo está se tornando um lugar melhor, por que tantas pessoas estão se matando? O suicídio está alcançando proporções nunca antes vistas na história do mundo. O suicídio tornou-se popularizado e idealizado, inspirando os jovens a se matarem não apenas com armas, lâminas e veneno, mas também pelo suicídio lento do uso de drogas. Dizemos de nós mesmos: “Estamos confortavelmente anestesiados.” Essa afirmação diz muito sobre o estado de nossa geração. Desejar estar anestesiado é afirmar que existe dor, pois, sem dor, não haveria necessidade de encontrar conforto na anestesia. Convencemo-nos de que precisamos estar anestesiados não apenas de vez em quando, mas o tempo todo, pois a dor infligida por este mundo corrupto é contínua. Assim, por meio da pressão dos pares, em um mundo voltado para a destruição, onde parece não haver médicos (da alma), seguramos a seringa com a própria mão e matamos a nossa própria dor. A infecção do suicídio então se instala.

NOSSA MORTE

Essa infecção já não está isolada a uma minoria, mas está se espalhando rapidamente para a maioria, pois as tendências suicidas vitimaram quase todos os jovens de hoje. A maioria de nós já teve um amigo que cometeu suicídio; mas, ainda mais chocante, a maioria da juventude tentou suicídio ao menos uma vez.

Para muitos jovens, o suicídio tornou-se um ideal pelo qual viver, e para muitos, pelo qual morrer. O suicídio não apenas prepara o cenário para a geração mais jovem, como também puxou completamente a cortina sobre os seus olhos.

Foi apenas alguns anos atrás que me lembro de todos os meus amigos esperando que uma figura popular do punk rock underground saísse da prisão e retornasse ao palco. Seu nome era G. G. Allin, e ele estava preso por ter ateado fogo em uma garota durante um de seus shows. As pessoas aguardavam ansiosamente sua libertação para vê-lo cumprir seu anunciado último concerto. Ele vinha afirmando que, em um de seus shows, cometeria suicídio no palco. Isso atraía multidões de jovens para seus concertos. Em 1994, ele cumpriu indiretamente sua proposta. Após terminar um show pouco depois de sair da prisão, teve uma overdose nos bastidores e morreu. Ele era, no extremo máximo, um niilista de um niilismo além da destruição, pois em seus concertos mutilava-se de maneiras indescritíveis, satisfazendo os desejos curiosos de seus fãs. Mas agora está morto, mais uma jovem vítima da guerra.

Apocalipse

A máquina do niilismo nos trouxe de joelhos. O espírito do tempo é sombrio, e o futuro parece inimaginável. Os pensamentos mais perversos tornaram-se realidade e as mortes mais cruéis imagináveis foram executadas. As coisas dificilmente podem ficar piores.

Enquanto estamos sentados em uma sala confortável ou caminhamos por um campo aberto sob um céu azul, o pensamento de

que “as coisas não podem ficar piores” é discutível. Ainda assim, essa afirmação soa verdadeira para os milhares que estão morrendo sob o domínio da máquina moderna.

Certa vez, enquanto eu estava em um show alternativo de punk rock underground, o pensamento me ocorreu: as coisas não podem ficar piores. Pensei isso quando o vocalista da banda começou a se cortar com uma lâmina de barbear, fazendo o sangue correr. A música estava tão alta quanto possível sem tornar alguém totalmente surdo em um instante. O ambiente era escuro e cheio de fumaça, com as palavras dos profetas modernos escritas em grafite nas paredes. As palavras que saíam da boca do cantor enquanto ele se cortava eram: “Marcado para a vida toda.” Ele gritava isso do fundo das entranhas. A música soava como maquinaria de fábrica. Ainda me deleitando com a música e os sons de que tanto gostava, encontrei novamente o pensamento: “as coisas não podem ficar piores.” As coisas passaram do ponto de não retorno. Fomos longe demais, e não há volta. Há um ponto simples que ilustra isso: nada mais é chocante.

Já não ficamos chocados quando vamos ao cinema assistir a um filme sobre um assassino canibal que é o herói da história. Dizemos a nós mesmos que é apenas “entretenimento” inofensivo. Essa mentira universal matou milhares pelas mãos de assassinos que foram inspirados pelo mesmo “entretenimento”.

Já não ficamos chocados quando ouvimos falar das muitas guerras sangrentas que destroem incontáveis vidas. Já não ficamos chocados quando olhamos o noticiário e vemos como um homem assassina uma criança; e já não ficamos chocados quando ouvimos falar da morte de Deus.

Nada é chocante, e assim somos levados a fazer uma pergunta: “Qual será o sinal do fim do mundo?” E, ao fazermos essa pergunta, nosso coração dá um salto e somos informados:

“Ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário que tudo isso aconteça; mas ainda não é o fim. Porque nação se levantará contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares. Tudo isso é o princípio das dores.”

JUVENTUDE DO APOCALIPSE



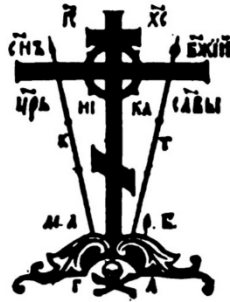
Então eles vos entregarão para serdes torturados e vos matarão, e sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome. Então muitos se escandalizarão, trairão uns aos outros e odiarão uns aos outros. E muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até o fim será salvo.

Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta, colocada no lugar santo. Então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. E, se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém seria salvo. Pois, onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

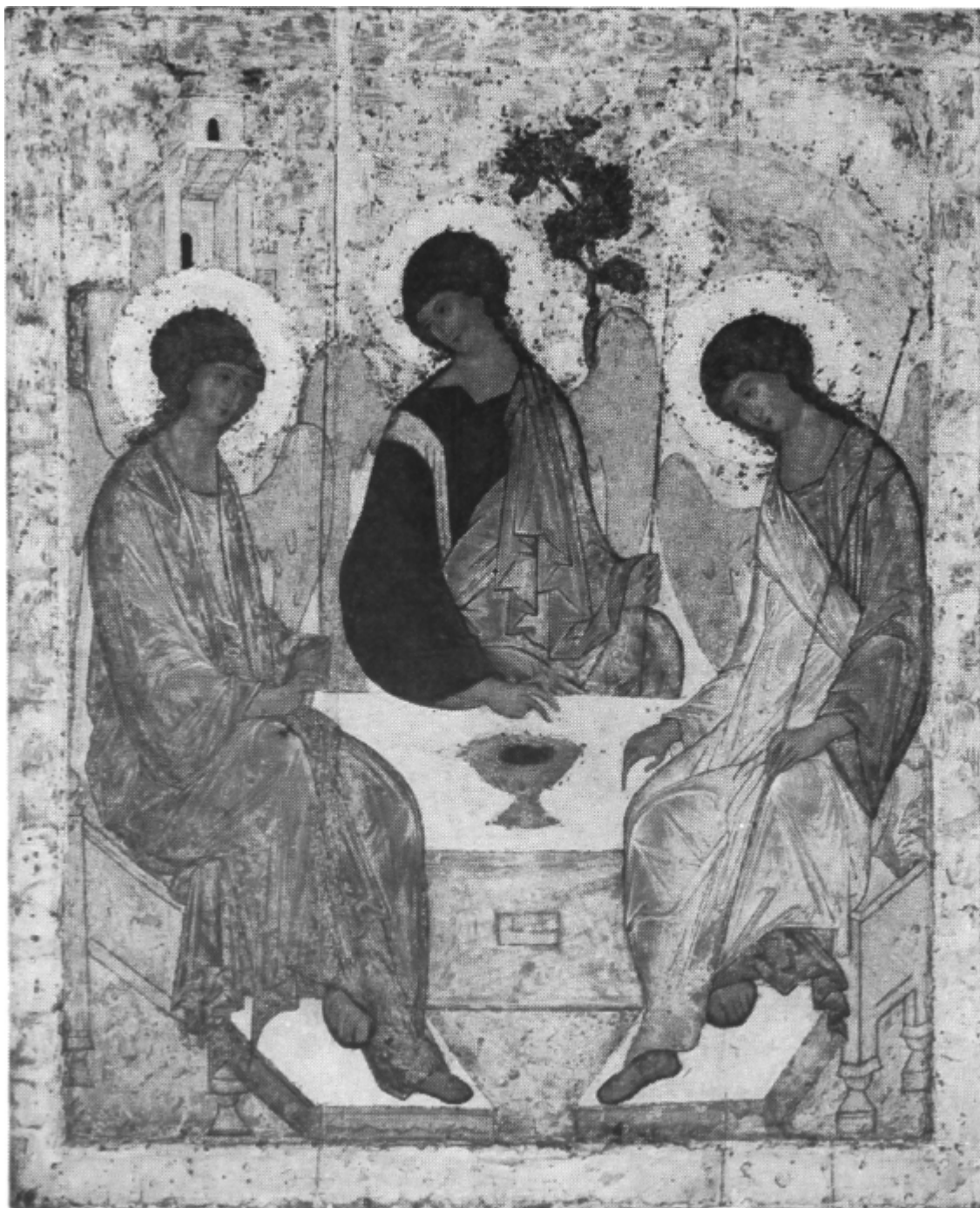
Imediatamente após a tribulação daqueles dias, o sol se escurecerá, a lua não dará a sua luz, as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados. Então haverá choro e ranger de dentes. Este é o apocalipse. Esta geração é a geração do Niilismo; a Geração X; a geração do suicídio. Desde o momento em que saímos do abraço quente do ventre materno, somos desajustados e excluídos em um mundo que nos diz que não há sentido na vida, nenhuma resposta para a pergunta “Por quê?”. Originamo-nos do Nada e estamos retornando ao Nada. A filosofia comum resume-se assim: você nasce, você vive, você morre.

O sistema que nos conhece apenas como números nos diz que nossos dias estão contados. Nessa lavagem cerebral, nossas mentes não foram purificadas, mas de fato profanadas, deixando-nos apenas sozinhos e isolados para chorarmos até dormir enquanto a máquina do Niilismo avança, dando à luz a destruição. O niilismo em nosso tempo tornou-se tão difundido e penetrante, entrou de modo tão completo e profundo nas mentes e nos corações de todos os que vivem hoje, que já não existe mais nenhuma “frente” na qual possa ser combatido.

A guerra continua enquanto a juventude de hoje chora dolorosamente por uma infância sem violação. Nesta guerra do homem contra Deus, não é de se admirar que o suicídio seja o último genocídio.



PARTE TRÊS
NOSSA
RESSURREIÇÃO



A manifestação de Deus em Trindade à humanidade.

CAPÍTULO UM VERDADE

PASSAMOS pelo fogo e pela água em nossa rebelião contra o mundo. Lutamos contra seus caminhos perversos por meio de nossa música, arte e filosofia de vida. Fomos lançados nas trevas e agora estamos à sombra da morte. A juventude do Apocalipse deve se levantar; devemos encarar o inimigo e vencê-lo.

O primeiro passo que devemos dar é reconhecer o inimigo pelo que ele é e olhá-lo nos olhos. Estamos lutando contra a máquina do Niilismo. O profeta louco do Niilismo, Friedrich Nietzsche, definiu o Niilismo em sua forma absoluta: “Que não há verdade; que não há ‘coisa em si’. Somente isto é Niilismo, e do tipo mais extremo.” É a esse fim do Niilismo que o mundo chegou hoje. Este é o abismo das trevas; pois sem verdade não há luz.

A afirmação “não há verdade” é, em si mesma, uma afirmação metafísica. Ela não é feita a partir do conhecimento sensível e não pode ser provada. Antes, é uma confissão de fé na falsidade. Que “não existe um estado absoluto das coisas” é, em si, uma afirmação absoluta com sua própria pretensão de verdade. Ao reivindicar sua própria verdade absoluta de que não há verdade absoluta, o Niilismo se contradiz e prova sua total falsidade.

Em tal filosofia niilista, ou mais precisamente, fé na falsidade, resta apenas uma vaga “esperança” em uma “verdade relativa”. Contudo, se olharmos para o critério moderno de verdade do homem — a ciência — o conceito de “verdade relativa” é aniquilado. Se não houvesse princípios absolutos de verdade desde o início, não haveria critério algum pelo qual classificar algo como conhecimento ou verdade.

A ciência revelou muito sobre como o mundo físico é governado. Apesar de suas descobertas, porém, as questões mais fundamentais permanecem sem resposta: como a vida começou e como o universo foi criado continuam sendo um mistério. A “teoria do Big Bang” não chega ao cerne da questão, pois pressupõe um mundo de matéria. De onde vieram as partículas elementares? É uma lei científica da natureza que a matéria não pode ser criada nem destruída. Este é o paradoxo da

ciência: aqui estamos nós, mas como chegamos aqui? Por que existe algo em vez de nada? Se a matéria não pode ser criada nem destruída, então, desde sua criação, o universo só pode ter mudado. Sua criação deve ter sido sobrenatural. Aqui o homem e suas ciências encontram seu limite, e começa a ciência da metafísica. Agora devemos questionar tudo o que tomamos como garantido. Se a ciência não pode responder às questões mais profundas sobre nossa existência, quem responderá?

Os cientistas contemporâneos estão sem qualquer apelo final. Possuem grande inteligência, mas estão completamente perdidos em um labirinto de teorias sobre existência, vida e morte, a tal ponto que tudo o que podem fazer é formular perguntas de maneira profunda. Um dos cientistas e pensadores mais avançados e populares, Stephen Hawking, chega a perguntar:

“Se descobrirmos uma teoria completa, ela deverá, com o tempo, ser compreensível em princípio amplo por todos, não apenas por alguns cientistas. Então filósofos, cientistas e pessoas comuns poderão participar da discussão sobre a questão do porquê; de por que nós e o universo existimos. Se encontrarmos a resposta para isso, será o triunfo final da razão humana — pois então conheceremos a mente de Deus.”

Olhando para a ciência e para a natureza, só conseguimos ver as verdades da física reveladas no universo. Princípios como a gravidade ou as Leis do Movimento de Newton são “leis” ou “verdades” absolutas que não são mutáveis. As multidões de fenômenos que ocorrem no universo não são “relativas”, mas resultados definidos de leis ou “verdades” específicas da natureza.

Ao examinar os princípios da natureza que governam o mundo físico, duas coisas se tornam claras: (1) o universo é sustentado por um princípio invisível de verdade; (2) o homem, que faz parte do universo, está totalmente sujeito a essas realidades invisíveis da verdade.

O ponto é que a ideia de “verdade relativa” diz respeito apenas ao entendimento humano da vida, e nada tem a ver com a verdade em si. O homem diz a si mesmo: “Tudo é relativo”, quando não consegue compreender ou não quer despendar a energia necessária para entender o mundo ao seu redor. Ele confunde as mudanças do mundo material com os princípios invisíveis de verdade que governam o mundo material. A ideia de “verdade relativa” é uma fuga da questão da

verdade. Em última análise, ao proclamar a “verdade relativa”, o homem fica preso a uma mentira que revela a falsidade dentro de si mesmo e nada tem a ver com a questão da verdade absoluta.

No fim, a “verdade relativa” é uma autocontradição, assim como sua mãe, o Niilismo, e é na verdade apenas outra forma de Niilismo disfarçado. Além disso, quem quer que, consciente ou inconscientemente, escolha acreditar no Niilismo o faz não por raciocínio lógico, mas por um ato cego da vontade, em um ato de fé. O Niilismo é a fé da falsidade. Não é apenas pela prova lógica que rejeitamos o Niilismo; rejeitamo-lo também pelos frutos dessa árvore doente — a insanidade e a morte.

A juventude de hoje é uma geração sem raízes, flutuando no lodo da corrupção em um mundo niilista. No entanto, dentro de cada um de nós foi plantada uma semente de verdade que reconhece o lodo de falsidade ao redor. É essa imagem da verdade dentro de nós que acende a rebelião contra o mar de mentiras no qual estamos nos afogando.

A verdade não pode criar raízes na falsidade. Quando essa centelha de verdade morre dentro de nós, nossa rebelião se transforma em um duplo negativo: o ódio não pode expulsar o ódio. Até que nossa rebelião esteja enraizada na verdade, ela não terá sucesso em conquistar o mundo que nos oprime. Se continuarmos a nos rebelar em um espírito de ganância, ira e ódio, derrotaremos a nós mesmos; nos tornaremos, para nós mesmos, exatamente aquele espírito de destruição contra o qual estamos lutando.

Estamos lutando contra o pai da mentira — aquele que permanece quando a verdade está ausente. Estamos lutando contra o Niilismo, o Espírito do Anticristo, cujos frutos produzem loucura, suicídio, escravidão, assassinato e destruição. É essa perversidade espiritual que matou Deus no coração da humanidade.

Mas Deus não está morto. É apenas a alma do homem moderno que está morta. Deus espera de braços abertos para abraçar Seus filhos. Neste momento, a Verdade Perfeita chama todas as vítimas desta era moderna de Niilismo: Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e Eu vos darei descanso. Apenas buscai-Me.

A BUSCA

A questão da verdade é uma questão de vida ou morte. É a pergunta que está no fundo de todo coração. Desde o início dos tempos, os filósofos discutem essa questão mais do que qualquer outra. A questão da verdade é, em si, o núcleo de toda filosofia, ciência e religião. Sobre a questão da verdade repousa o sentido da vida e da morte.

A negação do Niilismo e de sua destruição não é, por si só, uma prova completa da verdade. Como percebemos a verdade? A verdade é real ou apenas uma ideia abstrata? Podemos conhecer a verdade? Como a verdade é revelada?

Um prenúncio da revelação da verdade ocorreu na China antiga, onde viveu um sábio chamado Lao Tsé (cerca de 500 a.C.). Ele dedicou sua vida ao estudo da natureza humana e do mundo natural. Após uma vida inteira de contemplação sobre o mistério da vida, Lao Tsé chegou à filosofia do Tao. Tao significa “caminho” ou “via da vida”. Em seu livro, o Tao Te Ching, Lao Tsé escreve de forma poética sobre suas observações de certas verdades da vida reveladas na natureza humana e no mundo natural. Essas observações poéticas revelam a filosofia de um universo sustentado por uma força invisível.

王乃天乃道首乃久沒身不殆

不知常妄作凶知常容容乃公公乃王

歸根曰靜是謂復命曰常知常曰明

致虛極守靜篤萬物並作吾以觀復夫物芸芸復歸其根

Toca o vazio último;
 Permanece firme e em silêncio.
 Todas as coisas agem juntas.
 Eu as observei retornando
 E vi como florescem
 E retornam novamente, cada uma às suas
 raízes.
 Isto, eu digo, é a quietude,
 Um retorno às próprias raízes;
 Ou, melhor ainda, um retorno
 À vontade de Deus,
 Que é, como vi, a constância.
 O conhecimento da constância
 Eu chamo de iluminação e digo
 Que não conhecê-la
 É cegueira que produz o mal.
 Mas quando conheces
 O que é a eternidade,
 Tu tens estatura.
 E estatura significa justiça,
 E justiça é realeza,
 E realeza é divina.
 E a divindade é o Caminho,
 Que é final.
 Então, ainda que morras,
 Não perecerás.²⁷

Ao expressar fragmentos de verdade, Lao Tsé revela a verdade maior que governa toda a criação. Este é o início de uma compreensão da verdade como um Deus único, invisível e absoluto.

Cem anos depois de Lao Tsé surgiu o filósofo grego Sócrates. Em um mundo dominado por crenças pagãs em múltiplos deuses, Sócrates ensinou a filosofia de um universo sustentado por uma única verdade, uma sabedoria invisível. Em grego, essa compreensão da

verdade é expressa pela palavra Logos, que se traduz como "palavra" ou "palavra da verdade".



Os filósofos gregos.

Totalmente dedicado ao caminho da sabedoria e da virtude, Sócrates viveu uma vida ascética de abstinência e meditação filosófica, e ensinou uma doutrina de renúncia e da busca da única verdade. Sócrates foi seguido por muitos discípulos que imitaram seu estilo de vida. Por causa de seu modo de vida radical e de sua grande influência entre os jovens, o mundo pagão da Grécia foi agitado, e Sócrates, como um verdadeiro rebelde contra a falsidade, foi perseguido por suas crenças e por sua forma de viver. Por fim, foi levado a julgamento. Foi-lhe dada a escolha entre renunciar à sua filosofia e confessar ideias tolas sobre os deuses pagãos, ou então ser condenado à morte. Sócrates escolheu a morte.

A Alma

Desde o início dos tempos — das antigas religiões dos indígenas da América do Norte aos filósofos gregos da Antiguidade — o homem acreditou na imortalidade da alma.

A alma se revela na constituição interior do homem. O homem pode perceber a natureza imortal de sua alma pelos atributos invisíveis que existem dentro dele:

- (1) a consciência, uma voz interior que o guia nas decisões da vida;
- (2) a mente, a capacidade de raciocinar com a qual o homem é dotado;
- (3) o livre-arbítrio. No dom do livre-arbítrio, todos os atributos invisíveis se unem. A vontade é a ação do espírito. O homem usa sua consciência, sua mente e seu coração para decidir o que deseja fazer. Pelo livre-arbítrio o homem possui liberdade: liberdade para criar ou destruir; liberdade para viver ou morrer; liberdade para amar ou odiar.
- (4) o coração. A capacidade do homem para sentimentos espirituais como fé, esperança e amor revela sua natureza imaterial.

Por fim, o homem tem consciência do seu ser; ele reconhece sua existência e seu livre-arbítrio. E assim, se estudar as qualidades invisíveis dentro de si, poderá perceber uma natureza espiritual e imortal — a alma.

Em Lao Tsé e em Sócrates vemos a alma humana estendendo-se para alcançar a verdade eterna. No Tao e no Logos, a filosofia humana atinge seu ápice e, ainda assim, a alma não se satisfaz: a percepção de que o mundo criado é governado por uma força invisível e eterna, perfeita e além da compreensão humana. Essa força é a Fonte e a Causa da vida. Esta é a percepção de Deus — o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

A Existência de Deus

A verdade de Deus não pode ser percebida apenas pela mente. Como Deus é imaterial, não pode haver prova científica ou matemática de Sua existência. A fé em Deus exige um ato de vontade para crer. É por isso que a existência de Deus jamais será plenamente provada ou refutada. O homem é forçado a usar a faculdade espiritual da fé. Isso está de acordo com a infinita sabedoria de Deus — o homem é levado a usar sua natureza espiritual para perceber Deus, que é Espírito. E o que é fé? Fé é amor.

A fé pode ser descrita como o esforço unificado da mente (razão), do coração (sentimento) e do livre-arbítrio para compreender aquilo que é inacessível à mente por si só. O místico russo João de Kronstadt, que viveu na virada do século, certa vez afirmou:

A fé é a certeza da verdade espiritual, Daquele que É, ou de Deus; da existência do mundo espiritual com todas as suas propriedades, do mesmo modo que estamos certos do mundo material com todas as coisas que lhe pertencem.²⁸

Na fé, que é amor, começamos a nos aproximar do Criador. De fato, a perfeição de propósito no mundo físico revela a sabedoria da Causa da criação. Ao observar a criação do Criador — o mundo natural — a Mente por trás do universo é revelada. Por que as aves voam para o sul no inverno? O que faz o girassol seguir o caminho do sol, absorvendo seus raios vivificantes? Quem faz surgir uma árvore inteira a partir de uma pequena semente lançada na terra? A beleza da criação proclama a Beleza do Criador, que está além da compreensão. A natureza é a tela do Mestre Artista. Montanhas, mares, rios e todas as criaturas vivas glorificam Aquele que as formou.

A alma, por natureza, busca a verdade, busca Deus — e ao olhar para a criação, a alma pode perceber uma beleza e uma sabedoria que revelam os atributos da verdade e do Criador. Este é um modo pelo qual o homem pode perceber Deus. Mas a busca não termina com a percepção de Deus; ela continua à medida que a alma começa a conhecer Deus.

O grande Atanásio do Egito, do século IV, descreve esse primeiro passo do entendimento do Criador:

Pois de que serviria a existência à criatura se ela não pudesse conhecer o seu Criador? Como poderiam os homens ser seres racionais se não tivessem conhecimento do Verbo e da Razão do Criador, por meio de quem receberam o seu ser? Eles não seriam melhores do que os animais se não tivessem conhecimento senão das coisas terrenas; e por que Deus os teria criado, se não tivesse pretendido que O conhecessem?²⁹

Então a humanidade começa a esperar uma revelação direta de Deus, sabendo que o entendimento humano é imperfeito e limitado. Somente então Deus revelará a plenitude da verdade.

Revelação

Segundo a insondável sabedoria do Criador, os mistérios da criação foram revelados aos profetas de Deus, começando com o profeta israelita Moisés (1550 a.C.), para que ele conduzisse a nação de Israel — e toda a humanidade — ao conhecimento de Deus.

A palavra “Israel” significa “ver Deus”. Um verdadeiro israelita é aquele que “vê” Deus com o olho da sua alma. Historicamente, a nação de Israel foi um grupo de pessoas que seguiu as revelações que Moisés recebeu de Deus. Em um sentido mais amplo, Israel representa a relação da humanidade com Deus.

Escolhido por Deus para ser líder de Seu povo, que havia sido escravizado pelos egípcios, Moisés foi deixado ainda bebê às margens do rio Nilo, no Egito. Pela providência de Deus, foi encontrado pela filha do faraó e criado na casa real. Quando já era um homem idoso, com oitenta anos, recebeu uma missão direta de Deus para conduzir a nação de Israel para fora do Egito — não apenas da escravidão física, mas também dos grilhões espirituais. Assim começou a busca de Israel e de toda a humanidade pela liberdade, tanto física quanto espiritual.

Moisés, o profeta de Deus, recebeu então um conjunto de mandamentos ou leis de Deus no cume do Monte Sinai, nas profundezas

do deserto egípcio. Esses mandamentos foram dados pelo Criador à humanidade que havia caído na...



O profeta Moisés recebendo revelação de Deus no Monte Sinai.

profundezas da ilegalidade e da corrupção, para que a humanidade tivesse acesso à incorruptibilidade e à perfeição que haviam sido perdidas. Esses mandamentos inspirados por Deus eram um código moral para o povo, fundamentado no amor a Deus e ao próximo.

Antes de Moisés e dos profetas de Deus, a humanidade tateava dentro dos limites da filosofia vazia e da superstição. Se há uma Mente por trás do universo, não é lógico que a sua sabedoria iluminasse as

mentes da humanidade? E não é lógico que Deus, que é perfeito em sabedoria, se revelasse ao universo? Moisés recebeu a primeira chave que destrancou a porta para o outro mundo, revelando a possibilidade de união com Deus. As revelações divinas dadas a Moisés foram o primeiro passo da humanidade rumo ao conhecimento da verdade de Deus.

Depois de Moisés, os profetas Daniel, Jeremias, o rei Davi e Isaías anunciaram que um “Ungido” viria revelar a plenitude da verdade de Deus. Ao revelar plenamente a verdade de Deus na terra, o “Ungido” seria também o “Messias” ou “Salvador”, aquele que salva a humanidade das cadeias tanto da morte espiritual quanto da morte física.

O profeta Isaías falou por inspiração de Deus quando disse:

“Porque um Menino nos nasceu, um Filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da eternidade, Príncipe da Paz. O aumento do seu governo e da paz não terá fim; ele se assentará sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.”

As pessoas interpretaram a profecia de Isaías de maneira terrena e, por isso, esperavam que o “Ungido” viesse em grande esplendor como um rei terreno sobre o trono do rei Davi. Mas o próprio Davi, que não era apenas um rei terreno, mas também um profeta, havia profetizado dizendo: “Deus virá visivelmente e não ficará em silêncio.”³¹ Afirmar que Deus, o Criador, viria visivelmente era uma declaração totalmente de outro mundo, que mais tarde se provaria ser uma profecia da sobreposição deste mundo com o outro mundo; Deus, que é imaterial e invisível, tornar-se-ia material e visível, tornando assim Deus pessoal.

A partir dessas e de muitas outras profecias, os israelitas aguardavam ansiosamente a vinda do Rei de Israel, o “Ungido”, que libertaria a nação de Israel e toda a humanidade. Alguns grupos, como os essênios, afastaram-se do mundo e aguardaram a sua vinda em comunidades ascéticas isoladas no deserto.

A profecia mais misteriosa veio do divinamente inspirado Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um Filho, e chamará o seu nome Emanuel.”³² A palavra “Emanuel” traduz-se como “Deus está

conosco”. A afirmação de que uma virgem daria à luz um filho com o nome “Deus está conosco” foi difícil para muitos, pois a mente imperfeita do homem não conseguia entender e compreender o fato de que Deus se tornaria uma criança por meio da pureza de uma virgem. Assim, essa profecia permaneceu um mistério por séculos.

O último profeta a surgir foi aquele cuja própria vinda havia sido anunciada pelo profeta Isaías. Este foi o profeta João, o último profeta antes da vinda do “Ungido”. Ele foi criado no deserto em total pureza e, quando atingiu a idade adulta, saiu do deserto como alguém que tinha contato direto com Deus. Então passou seus dias em jejum e oração, clamando à humanidade perdida que o Reino de Deus estava próximo, pois ele era uma voz preparando o mundo para Deus, que viria visivelmente.

Muitas pessoas foram até o profeta João para ouvir o seu clamor, e ele lhes anunciou: “Eu, em verdade, vos batizo com água para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.” Isaías profetizou sobre o profeta João e sobre a vinda do “Salvador” séculos antes, quando disse: “A voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai no ermo uma vereda para o nosso Deus... E a glória do Senhor será revelada, e toda carne a verá juntamente.” E assim se cumpriu, em humildade e poder.



O profeta João é retratado com asas devido à sua vida angelical e por ser um mensageiro de Deus. Ele é retratado com a cabeça decepada porque foi decapitado por preparar o caminho para a Verdade.

Encarnação

Justamente quando o mundo pensa que Deus está morto, Deus se faz carne. Assim que o homem se julgou livre de sua própria consciência e livre do abraço do Deus vivo, esse Deus aparentemente distante e impessoal torna-se encarnado, acessível, pessoal e até mesmo uma pessoa.

O Messias, o Filho de Deus, nasceu de uma mulher pura para revelar sua origem divina. Aqui se revelou a perfeição da encarnação (Deus assumindo a carne); visto que Deus, que é absolutamente puro, iria tornar-se carne, como ser humano Ele deveria entrar neste mundo por meio de uma mulher pura, da linhagem de um rei e profeta chamado Davi, como havia sido profetizado. Tendo Deus como seu Pai, seu nome era Jesus Cristo. Jesus significa Salvador, e Cristo significa Ungido. Assim, Deus manifestou-se de um modo além da compreensão humana — nascido do ventre de uma virgem e em cumprimento das profecias.

Cristo, o Deus-homem, era perfeito desde o nascimento e habitou neste mundo imperfeito, sofrendo do nascimento à morte como qualquer outra pessoa. Quando chegou o tempo determinado por Deus, Ele se desligou de todas as coisas deste mundo e começou a revelar ao mundo o seu propósito como Deus feito homem. Assim, Deus, o Criador, veio à sua criação e revelou a verdade em sua plenitude.

Quando Cristo falava, cada palavra era uma revelação exata e perfeita da imortalidade da alma, da vida após a morte, do mundo físico e do outro mundo, da guerra e da paz da vida espiritual, e de Deus como Verdade absoluta.

Ele profetizou a sua própria rejeição pelo mundo ao qual veio dar a vida eterna e profetizou a sua própria morte — a morte que Deus sofreu pelas mãos daqueles mesmos que Ele havia criado.



A Virgem Mãe de Deus segurando o Menino Jesus. Ícone escrito por São Lucas, discípulo de Cristo.

Deus tornou-se homem, sofreu, revelou o caminho, a verdade e a vida, e então morreu, completando a mais perfeita das verdades.

Antes da vinda de Jesus Cristo, a humanidade estava afastada de Deus. Mesmo aqueles que ouviam os profetas possuíam apenas um conhecimento limitado da verdade de Deus, pois a humanidade ainda não havia recebido a revelação da comunhão com Deus por meio da encarnação de Deus. Embora tivessem uma Lei revelada divinamente, ainda careciam espiritualmente. Muitos até haviam esquecido os dois primeiros mandamentos: o amor a Deus e o amor ao próximo. A humanidade precisava de um exemplo do que realmente é o amor a Deus e à humanidade, e precisava ouvir a verdade a respeito da natureza imortal da alma e do outro mundo. A humanidade precisava ser reunida novamente com Deus.

O Filho de Deus

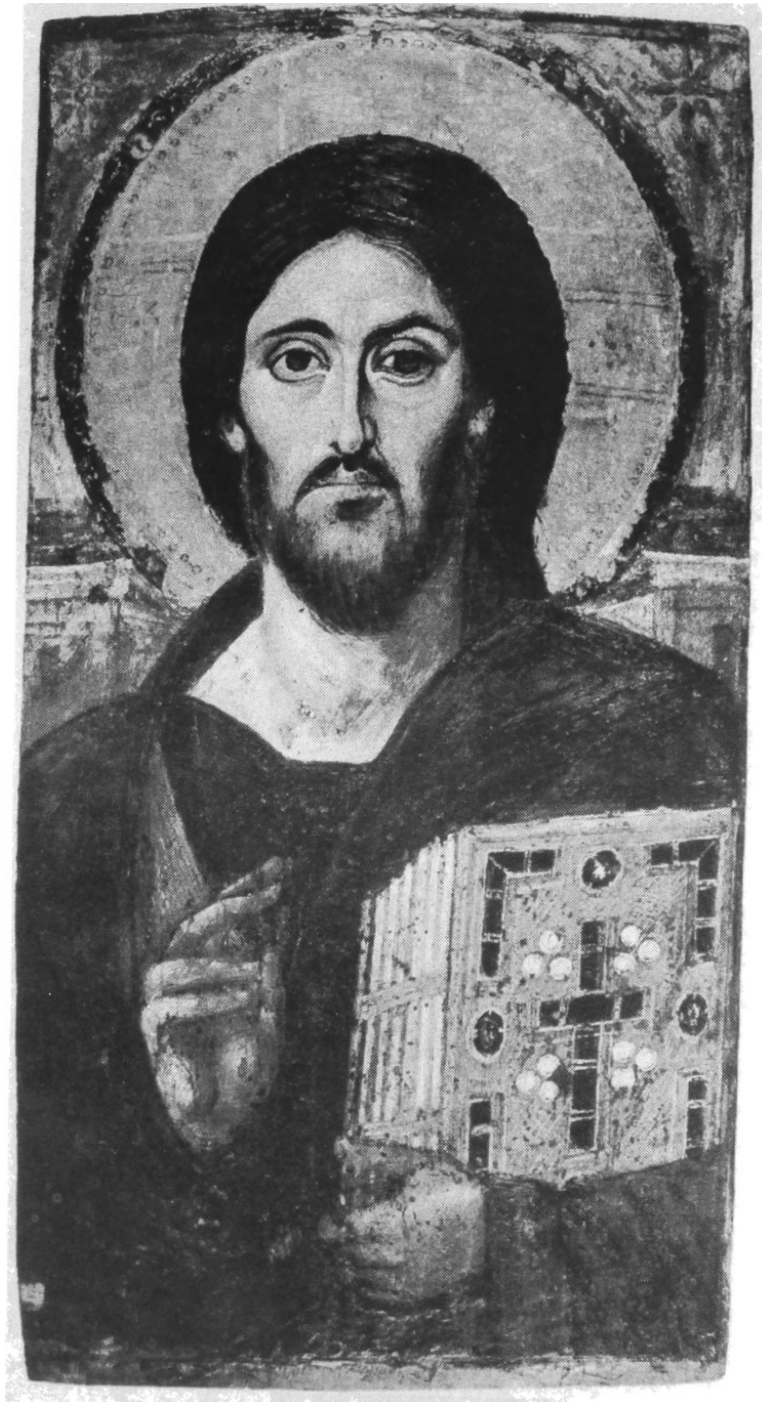
Este mundo niilista de destruição sem fé prega que devemos acreditar apenas naquilo que podemos ver ou tocar. Agora somos confrontados diretamente por Deus, que se tornou uma pessoa e, ainda assim, permaneceu Deus — alguém que o mundo pôde ver e tocar. A Verdade em sua plenitude foi revelada e, ainda assim, o mundo se recusa a acreditar naquilo que sente e naquilo que vê.

A crucificação está registrada nos anais da história, e o mundo conta os anos em relação ao nascimento de Cristo (a.C./d.C.). Assim, todos os seres humanos racionais ao menos aceitam que Jesus Cristo nasceu, viveu e foi crucificado.

Muitas pessoas hoje dizem que Jesus Cristo foi um “grande homem”, um “verdadeiro humanitário” ou até mesmo um “profeta”. Outros dizem que Cristo ainda estava vivo quando o retiraram da cruz e o colocaram no túmulo, e que por isso foi visto vivo após a crucificação. Essas são tentativas de transformar Cristo em “apenas mais um homem”, em um esforço frágil de reconciliar a incredulidade com a verdade de Deus.

JUVENTUDE DO APOCALIPSE

O autor e professor de Oxford C. S. Lewis escreveu sobre aqueles que não acreditam que Cristo era Deus:



Jesus Cristo — Deus que se fez carne. Ícone antigo de cerca de 500 d.C.

“Estou pronto para aceitar Jesus como um grande mestre moral, mas não aceito sua afirmação de ser Deus.” Isso é exatamente o que não se pode dizer. Um homem que fosse apenas um homem e dissesse o tipo de coisas que Jesus disse não seria um grande mestre moral. Ele seria ou um louco — no mesmo nível de alguém que diz ser um ovo poché — ou então o próprio Diabo do Inferno. Você deve fazer sua escolha. Ou este homem foi, e é, o Filho de Deus, ou então um louco.

Quando Cristo esteve neste mundo, Ele disse muitas coisas que revelaram Suas duas naturezas. Cristo disse: “Eu e o Pai somos um.” Esta é uma afirmação pessoal de Sua unidade e igualdade com Deus Pai. Ao dizer isso, Ele ou é louco ou é igual a Deus.

A verdade de que Cristo é o Messias proclamado pelos profetas foi revelada quando Cristo foi à sinagoga em Nazaré, em Israel. Enquanto o povo estava reunido ali para adorar a Deus e ouvir a Palavra de Deus nos escritos dos profetas, Cristo levantou-se para ler:

“E foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar o Evangelho aos pobres; enviou-me para curar os quebrantados de coração, para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano aceitável do Senhor.”

E fechou o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se. E os olhos de todos os que estavam na sinagoga estavam fixos nele. E começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu esta Escritura aos vossos ouvidos.

Este foi o início da revelação da verdade de Cristo a um mundo que rejeita a verdade. Depois que Cristo revelou esta profecia sobre Si mesmo, as pessoas no templo ficaram cheias de ira, levantaram-se e o expulsaram da cidade. Queriam matá-lo, pois Suas palavras eram proferidas com poder.

A verdade de Jesus Cristo como o Messias (Salvador) e Ungido anunciado pelos profetas também se manifesta na conversa de Cristo junto a um poço com uma mulher da terra de Samaria. Ela veio tirar água, e Cristo lhe disse:

“Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede; mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. A água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna.”

A mulher lhe disse: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem precise voltar aqui para tirá-la.” Então Cristo revela os segredos do coração dela. Disse-lhe algo que ninguém sabia: que ela vivia imoralmente com vários homens. Então ela lhe disse: “Vejo que és profeta.” Jesus disse-lhe:

“Vem a hora — e já chegou — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é espírito, e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade.”

A mulher lhe disse: “Eu sei que o Messias está para vir, aquele que se chama Cristo; quando ele vier, nos anunciará todas as coisas.” Jesus lhe disse:

“Eu sou, eu que falo contigo.”

Muitas vezes, em Seus ensinamentos, Cristo proclama Sua unidade com Deus: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.” Nessas palavras místicas, Cristo revela Suas naturezas — divina e humana — e também que Ele é o caminho pelo qual o homem pode comungar com Deus.

A identidade da pessoa de Jesus Cristo é revelada de forma mais clara quando Cristo pergunta a Seus discípulos quem eles pensam que Ele é. Cristo perguntou: “Quem dizeis que eu sou?” E Simão Pedro respondeu e disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.” E Jesus respondeu e lhe disse: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne nem sangue que te revelou isso, mas meu Pai que está nos céus.”

O discípulo mais próximo de Cristo, João, que era um adolescente durante a vida de Cristo, afirma claramente a verdade da encarnação de Deus ao dizer: “E sabemos que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para conhecermos aquele que é verdadeiro; e estamos naquele que é verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.”

Depois de ouvir as próprias palavras de Cristo e os testemunhos de Seus discípulos, é irracional afirmar que Jesus Cristo foi apenas um “grande homem” ou um “verdadeiro humanitário”. O mundo é forçado a tomar uma decisão: aceitação ou rejeição. Várias questões cruciais estão envolvidas nessa decisão. Para um filho da Geração X, marcado para a vida inteira pela conquista niilista do mundo, é difícil aceitar qualquer “boa notícia” como algo realista. Neste mundo de maldade, o primeiro impulso é desprezar tudo aquilo que afirma ser, em última instância, bom. Mas devemos estar acima deste mundo em todos os aspectos e ser fortes o suficiente para reconhecer Deus quando Ele Se revela a nós.

Na história das religiões do mundo, Jesus Cristo é o único homem, comprovadamente existente, que afirmou ser Deus encarnado. Todas as outras religiões foram fundadas por homens que afirmaram ter conhecimento de Deus ou baseiam-se em uma filosofia. Mas como tantas pessoas puderam acreditar em uma afirmação tão ousada?

Sendo plenamente Deus e plenamente homem em um único ser perfeito, Cristo tornou-se a resposta ao dilema humano de como comungar com Deus. Após a vinda de Cristo na carne, Deus e o homem foram unidos.

Ao predizer Sua traição, crucificação e ressurreição dentre os mortos, e depois cumpri-las em atos, Cristo deu a prova final de que Ele é Deus. Ninguém mais na história da humanidade jamais fez tais profecias e as cumpriu.

O Caminho, a Verdade e a Vida

Jesus Cristo é o Logos, a “Palavra de Deus”, e o Tao, o “Caminho”, a Verdade pré-eterna de Deus vinda na carne. Cristo diz: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.” Se a palavra religião significa religar Deus e o homem, então o próprio Cristo é a verdadeira religião: Deus e o homem unidos em um único ser.

A identidade de Jesus Cristo como a Palavra de Deus é revelada no Evangelho: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus,

e o Verbo era Deus... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.”

Sobre o mistério da união de Deus e do homem em Jesus Cristo, Atanásio, o Grande, do Egito do século IV, diz: “Como homem, Ele vivia uma vida humana; como Verbo, sustentava a vida do universo; e como Filho, estava em constante união com o Pai.”

Cristo veio à terra para revelar a plenitude do amor de Deus. Por Sua encarnação, Jesus Cristo manifestou a verdade e o amor de tal modo que a humanidade pôde perceber a verdade absoluta e o amor de Deus. Por essa manifestação do amor divino, abriu-se um caminho para que o homem alcançasse a vida eterna. Ao revelar a vida eterna e a imortalidade da alma, Cristo também veio para vencer a morte e revelar a ressurreição.

Jesus Cristo veio com uma doutrina radical de amor que ultrapassava a sabedoria do mundo. A profundidade do amor que Cristo ensinou e manifestou tem sua origem na Fonte da vida, do amor e da criação — Deus. Cristo disse para amar aqueles que vos odeiam, pois o amor vence o ódio, o amor supera o mal, o amor derrota o medo.

Embora o amor seja o ápice do ensinamento de Cristo, a rebelião ocupa o segundo lugar. A rebelião é contra este mundo. Ele ensinou o desapego deste mundo, dos bens e da lógica corrompida deste mundo. Ensinou que a rebelião, que começa com o amor a Deus e ao homem, termina nesse desapego do mundo. Quando Cristo disse: “Não vim trazer paz, mas espada”,⁴⁸ Ele se referia a essa rebelião — uma rebelião espiritual do bem contra o mal que começa dentro de cada um.

Cristo nos mostrou esse desapego do mundo quando disse: “Se o mundo vos odeia, sabeis que primeiro odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia.”

Cristo nos mostrou o desapego dos bens quando entrou no templo e expulsou todos os que vendiam e compravam ali, derrubando as mesas dos cambistas. Cristo lhes disse: “Está escrito: Minha casa será chamada casa de oração; mas vós a transformastes em covil de ladrões.” E também quando disse:

“Não vos preocupeis com a vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem com o vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa? Mas buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.”

Cristo ensinou o desapego da lógica caída deste mundo quando disse:

“Pois quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?”

Depois de revelar ao mundo ensinamentos tão radicais e depois de revelar que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, Ele foi crucificado.

A Cruz

Após uma vida de sofrimento em favor da revelação da verdade, Cristo sofreu até a morte para o cumprimento último da verdade.

Por causa dos milagres que Cristo realizou e do poder de Suas palavras, os “justos”, cheios de inveja, procuraram matá-lo. Inventaram uma acusação e incitaram o povo contra Ele de tal forma que sua intenção perversa tornou-se evidente. Cristo foi então traído por um de Seus próprios discípulos com um beijo e entregue às “autoridades”.

Sob César, o imperador de “toda a civilização”, estava o governador de Israel chamado Pôncio Pilatos. Pilatos entrou no pretório, mandou chamar Jesus e lhe perguntou: “A tua própria nação e os sumos sacerdotes te entregaram a mim. Que fizeste?” Jesus respondeu:

“O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui.”

Pilatos perguntou-lhe: “Então tu és rei?” Jesus respondeu:

“Tu dizes que sou rei. Para isso nasci e para isso vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.”

Pilatos então lhe disse: “O que é a verdade?” E, em seguida, Pilatos mandou açoitá-lo. Os soldados o despiram, colocaram-lhe um manto púrpura, fizeram uma coroa de espinhos, puseram-na sobre a sua cabeça, cuspiram nele e diziam: “Salve, Rei dos judeus!”, e batiam nele com as mãos.

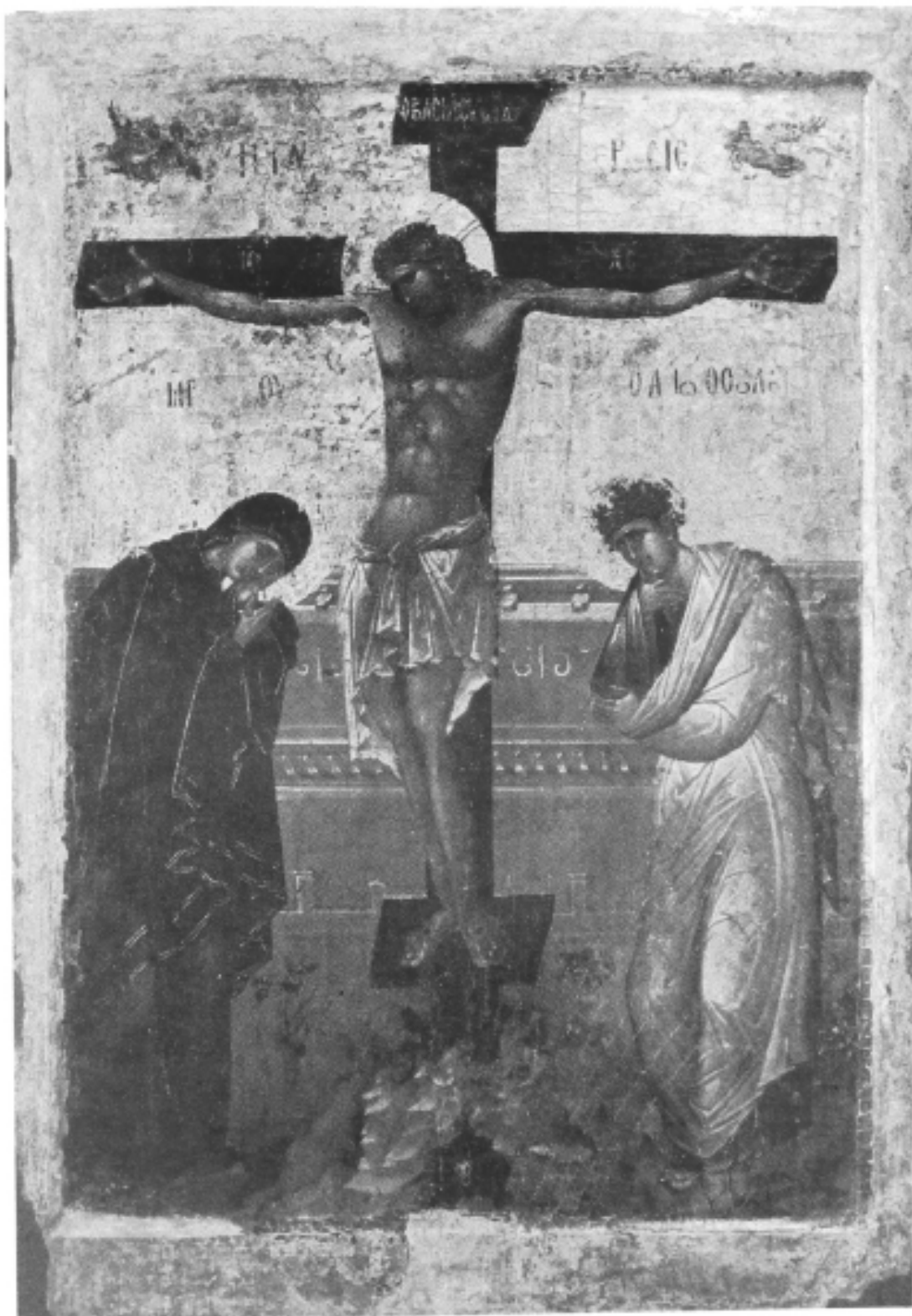
Então Jesus saiu, trazendo a coroa de espinhos e o manto púrpura. Pilatos disse-lhes: “Eis o homem!” Quando os sumos sacerdotes e o povo o viram, gritaram: “Crucifica-o! Crucifica-o!” Pilatos lhes disse: “Tomai-o vós e crucificai-o, pois não encontro nele culpa alguma.” Os judeus lhe responderam: “Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se fez Filho de Deus.”

Quando Pilatos ouviu isso, ficou ainda mais amedrontado. Entrou novamente no pretório e perguntou a Jesus: “De onde és tu?” Mas Jesus não lhe deu resposta. Pilatos então lhe disse: “Não me falas? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?” Jesus respondeu:

“Não terias autoridade alguma sobre mim, se não te fosse dada do alto.”

Desde então Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus gritavam: “Se soltas este homem, não és amigo de César. Todo aquele que se faz rei se opõe a César.” Ao ouvir isso, Pilatos trouxe Jesus para fora, sentou-se no tribunal e disse aos judeus: “Eis o vosso Rei!” Eles gritaram: “Fora com ele! Fora com ele! Crucifica-o!” Pilatos perguntou: “Hei de crucificar o vosso Rei?” Os sumos sacerdotes responderam: “Não temos rei senão César.” Então ele o entregou para ser crucificado.

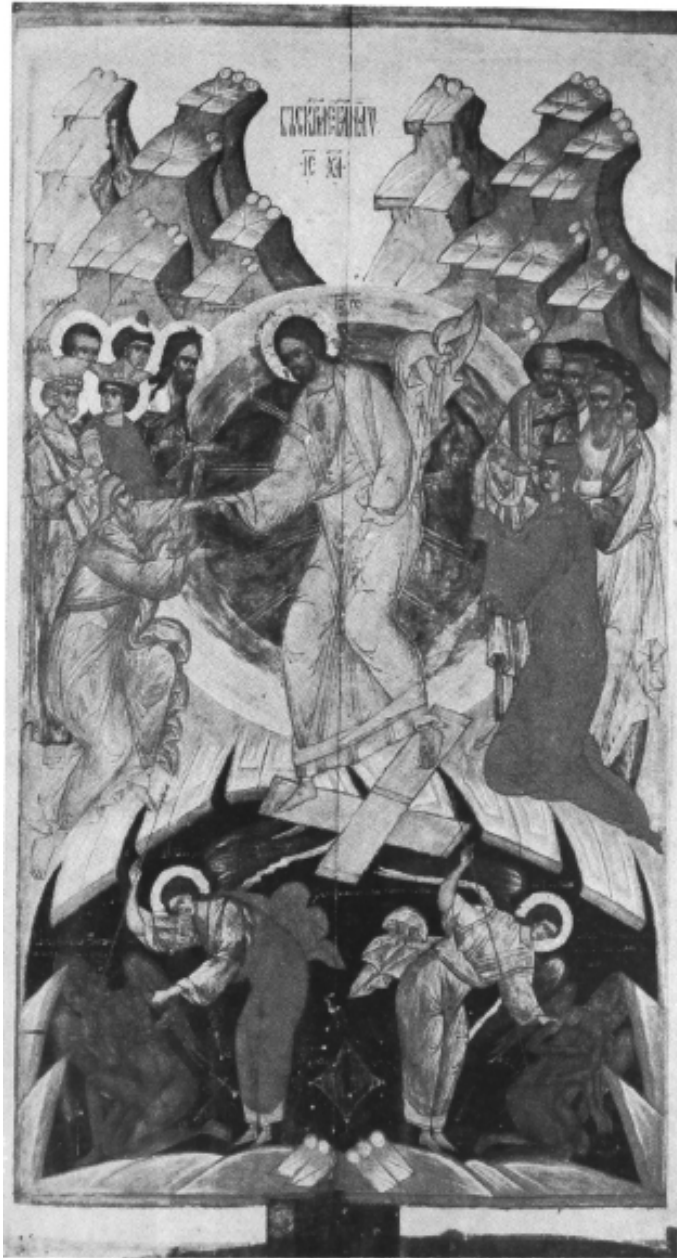
Eles tomaram Jesus; e Ele, carregando a cruz, saiu para o lugar chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se chama Gólgota. Ali o crucificaram, e com Ele dois ladrões, um de cada lado, e Jesus no meio. Um dos ladrões o insultava, dizendo: “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.” Mas o outro ladrão o repreendeu, dizendo: “Nem sequer temes a Deus, estando sob a mesma condenação?” E disse a Jesus: “Lembra-te de mim, Senhor, quando entrares no teu Reino.” E Jesus lhe disse: “Hoje você estará comigo no paraíso”.



Jesus Cristo crucificado na carne. Ícone de cerca de 1300 d.C.

Ressurreição

Justo quando o mundo pensava que Deus estava morto e sangrando até a morte sob nossa faca... Ele ressuscitou dos mortos.



A ressurreição de Cristo dentre os mortos, derrubando os portões do inferno, com anjos vencendo os demônios nas profundezas.

O ensinamento da crucificação sempre caminha lado a lado com a ressurreição. Assim como todos os caminhos conduzem a um destino, a cruz é o caminho para a ressurreição, o destino último da humanidade. Depois que Cristo foi crucificado diante de multidões, seu corpo foi retirado e colocado em um túmulo. Como Cristo havia dito abertamente que ressuscitaria dos mortos ao terceiro dia, soldados da guarda do templo foram designados para vigiar o túmulo, para que seus discípulos não roubassem o corpo e afirmassem que Ele havia ressuscitado.

No terceiro dia, as mulheres discípulas de Cristo foram ao túmulo para ungir o seu corpo e encontraram os soldados caídos “como mortos”, atônitos pelo terror de uma manifestação de outro mundo. Para surpresa delas e espanto do mundo, Cristo havia ressuscitado dos mortos.

Cristo apareceu em pessoa, primeiro às mulheres discípulas e depois aos Apóstolos. Ao ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, como havia predito, Jesus mostrou que Ele é, em verdade, o Cristo, Deus encarnado. O Cristo ressuscitado disse: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.”⁵⁶

Mas se Cristo esteve no túmulo por três dias, onde estava o seu espírito? Ele estava no inferno. Ele despedaçou as portas do inferno e, como Deus, libertou as almas que ali estavam aprisionadas. Pois, até a encarnação e a morte de Deus, o céu estava fechado.

Por sua ressurreição, Cristo revela à humanidade a vida eterna que está em Deus: “Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em condenação, mas passou da morte para a vida.”⁵⁷ Como Salvador da humanidade, Jesus Cristo responde ao medo mais profundo do homem na vida: a morte. Jesus Cristo ressuscitou dos mortos não apenas em espírito, mas em seu corpo físico, assim como também ressuscitará os nossos corpos físicos. Depois da ressurreição dentre os mortos, Cristo apareceu aos seus discípulos. O próprio Jesus pôs-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco.” Eles ficaram assustados e cheios de medo, pensando que viam um espírito. Ele lhes disse:

“Por que estais perturbados, e por que surgem dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés; sou eu mesmo. Tocai-me e

vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.” E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés. Então lhes disse: “São estas as palavras que vos falei quando ainda estava convosco: que tudo o que está escrito a meu respeito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos devia cumprir-se.”

Então abriu-lhes a mente para compreenderem as Escrituras e lhes disse:

“Assim está escrito: que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se proclamasse o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois testemunhas dessas coisas. E eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que sejais revestidos do poder do alto.”⁵⁸

Então, erguendo as mãos, os abençoou. E, enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi elevado ao céu, e eles o adoraram.

A Trindade

Embora a essência de Deus esteja além da compreensão humana, algumas de Suas propriedades foram reveladas à humanidade. Sobre o paradoxo da compreensão humana de Deus, um sábio monge do Oriente chamado João Damasceno explicou certa vez:

“Agora, quem quer que fale ou ouça acerca de Deus deve saber, sem qualquer dúvida, que no que diz respeito à teologia (o estudo de Deus) e à Encarnação de Jesus Cristo, nem tudo é inexprimível nem tudo é passível de expressão; nem tudo é incognoscível nem tudo é cognoscível. Uma coisa é aquilo que pode ser conhecido, outra é aquilo que pode ser dito, assim como uma coisa é falar e outra é conhecer. Além disso, muitas das coisas acerca de Deus que não são claramente percebidas não podem ser adequadamente descritas, de modo que somos obrigados a expressar em termos humanos aquilo que transcende a ordem humana.”⁵⁹

Somente em um espírito de reverência, como o que este santo monge possui, alguém pode começar a compreender Deus. Deus não

pode ser colocado em uma caixa nem disposto em um laboratório para ser dissecado. Se alguém tenta essa abordagem mesquinha, não é Deus que ele diseca, mas as próprias ilusões.

Ao descrever Deus, o monge João começa com Sua infinitude: “Nós sabemos e confessamos que Deus é sem princípio e sem fim, eterno e perpétuo, incriado, imutável... invisível, insondável, bom, justo, o Criador de todas as coisas criadas.”

A partir daí, a explicação de João torna-se mais específica: “Sabemos e confessamos ainda que Deus é um, isto é, uma só substância, e que Ele é compreendido como sendo e é em três Pessoas — quero dizer, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.”⁶⁰

Essa concepção de Deus como Trindade unida em Um, sem divisão, é o ponto em que o entendimento humano e a linguagem encontram o seu limite. A verdade da Trindade foi revelada pelo mandamento de Cristo aos Apóstolos após a ressurreição: “Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”⁶¹

Para aproximar o mistério da Santíssima Trindade de nossos conceitos terrenos, e tornar o incompreensível um pouco mais próximo do nosso entendimento, os santos Padres da antiguidade usaram comparações da natureza: três velas que produzem uma única luz inseparável; o sol como o Pai, os raios do sol como o Filho e a luz do sol como o Espírito Santo; uma nascente (o Pai), uma fonte (o Filho) e um rio (o Espírito Santo) formando um único curso de água; um trevo composto de três folhas unidas em uma só.

Ainda assim, essas são apenas concepções terrenas de realidades celestes. O sábio Gregório, o Teólogo, conclui:

“Examinei este assunto com muito cuidado em minha própria mente e o observei de todos os pontos de vista, para encontrar alguma semelhança deste mistério, mas não consegui descobrir nada na terra com o que se possa comparar a natureza da Divindade.”⁶²

Embora a essência de Deus seja, em última instância, inalcançável ao pensamento humano, a existência de Deus é real e ativa em cada momento da vida. Nada foi criado que não tenha sido criado por Deus. Ele está presente em toda parte. Deus Pai é a Fonte sempre

fluyente, o fundamento e Pai de todo ser, o Pai das misericórdias que ama e cuida de nós, Sua criação — pois somos Seus filhos pela graça.

Conosco está Deus Filho, gerado pelo Pai antes de todos os séculos, Luz verdadeira da Luz verdadeira, Poder e Sabedoria vivos, o Verbo subsistente, a imagem e ícone perfeitos e vivos do Deus invisível, que Se tornou visível.

Em nós e em toda a criação, pelo poder e graça de Deus, está o Espírito Santo, que tudo enche, Doador e Criador da vida, Consolador, Tesouro e Fonte de todos os bens.

Acima de nós, conosco e em nós está o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Trindade na Unidade; Um só Deus. Selá.⁶³

Cristianismo Ortodoxo Oriental

Na revelação da verdade, Deus não deixou a humanidade sem um caminho para viver e morrer por essa verdade. Foi-nos dado o grande e sobrenatural ideal do Cristianismo. O Cristianismo é o vínculo entre Deus e o homem na crença e na fé.

Essa crença e essa fé são um poder contra o qual o inferno não pode prevalecer. É a assembleia daqueles que desejam a verdade, que desejam Deus em Sua plenitude. Essa unidade e reunião dos fiéis é a assembleia que Cristo veio reunir, pois a palavra assembleia se traduz como igreja.

Para começar a compreender algo tão místico quanto a Igreja que Deus concedeu à humanidade para seu progresso espiritual, devemos abandonar completamente quaisquer ideias preconcebidas do que a palavra “igreja” significa no uso moderno. Pois, nesta era de divisão e destruição religiosa, recebemos uma imagem fragmentada do que é a Igreja.

A Igreja de Cristo não é uma instituição terrena. Ela é o corpo de pessoas que confessam e adoram a Verdade de Deus. Essa Igreja, como entendida desde o seu início, tem duas partes inseparáveis: a Igreja neste mundo e a Igreja no outro mundo — no céu. Não há divisão entre seus reinos terreno e celestial. É dessa ligação com o reino celeste que

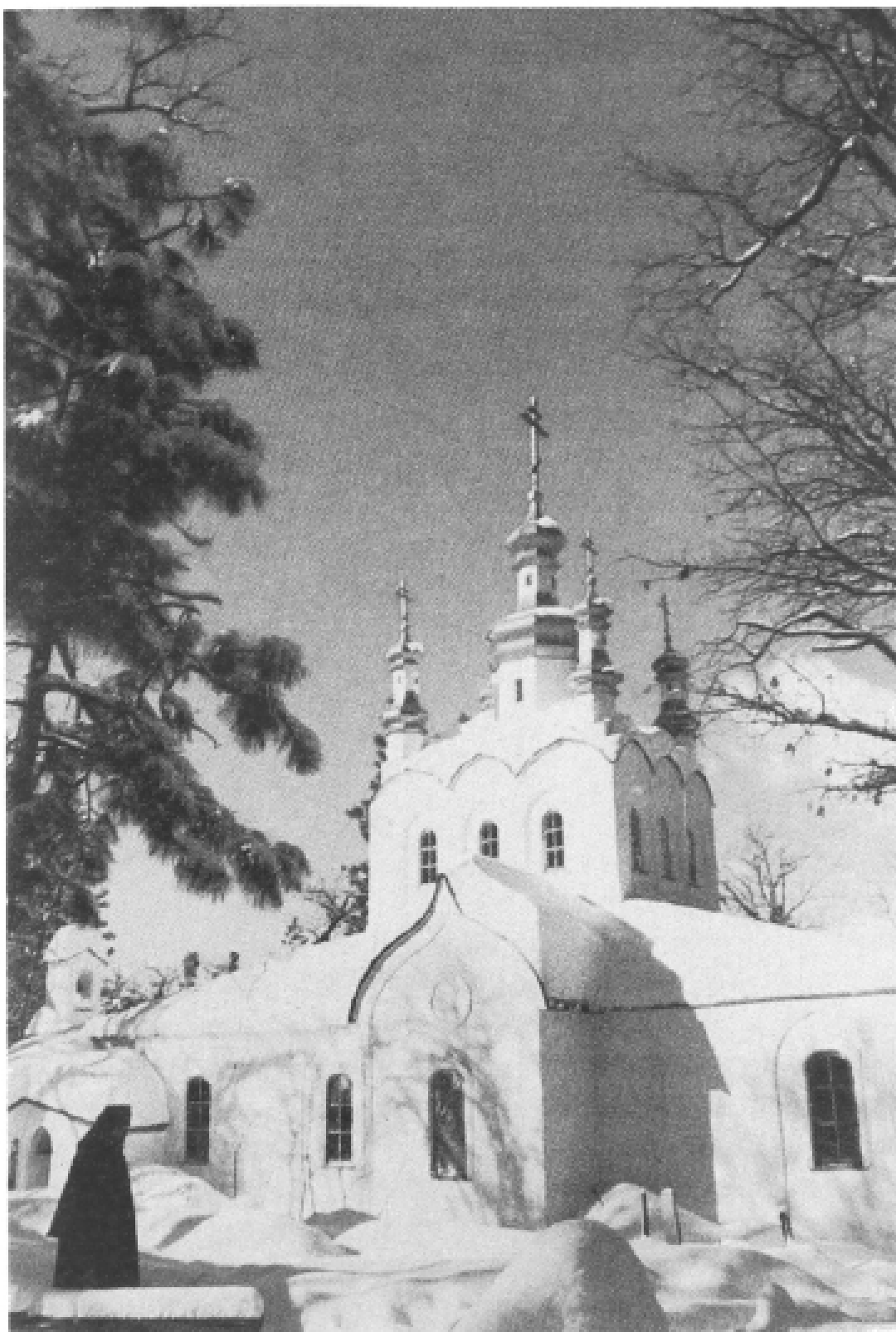
a Igreja terrena recebe a graça, e por meio da qual o contato direto com o céu e com Deus é possível.

A Igreja neste mundo é a assembleia dos fiéis que co-lutam e co-sofrem pela causa. A Igreja do outro mundo é a assembleia no céu daqueles que concluíram sua carreira e alcançaram a causa. Ambas atuam juntas, produzindo uma sobreposição deste mundo com o outro mundo.

Após a ressurreição, Cristo disse aos Apóstolos: “Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”⁶⁴

De Jerusalém, os Apóstolos e discípulos de Cristo viajaram para diversas terras, pregando a verdade de Cristo: os Apóstolos Pedro e Paulo foram para a Grécia e Roma; Marcos foi para a Etiópia; Tomé foi para a Índia; André foi para a Rússia e a Romênia; Aristóbulo foi para a Inglaterra. Sendo de um só pensamento e de uma só alma, ensinaram uma só fé e uma só verdade.

Assim, a “Igreja de Cristo” foi formada nos tempos apostólicos. Talvez o maior segredo do mundo seja o fato de que essa Igreja original, conhecida como Igreja Ortodoxa, ainda existe hoje, preservando seu espírito original, antigo, apostólico e sobrenatural. Mesmo nestes últimos tempos, a Igreja Ortodoxa mantém os ritos e as doutrinas da Igreja original desde o seu início.



Igreja monástica ortodoxa oriental na região selvagem do norte da Califórnia.

A razão pela qual a Igreja Ortodoxa de Cristo sobreviveu por quase 2.000 anos até os dias de hoje, e continuará até o fim dos tempos, é que a Verdade de Deus está além do espaço e do tempo.

O propósito da Igreja é unir a alma individual e a humanidade a Deus em um vínculo que atravessa a morte corporal e continua espiritualmente por toda a eternidade: a revelação da vida eterna, as provas firmes, a demonstração, o fenômeno real da fé cristã — não apenas as paredes e o piso, a decoração e todos os móveis, o teto e as cúpulas da fé cristã. Um raio do mundo espiritual brilha através de cada palavra das Sagradas Escrituras e tem brilhado ao longo dos dois mil anos de história da Igreja. O cristianismo abriu amplamente o portão do outro mundo, de tal forma que seria quase errado chamá-lo de “religião”, pois isso poderia levar ao erro de confundi-lo com instituições criadas pelo homem. Ele é Revelação, a Revelação de Deus, para aqueles que amam a verdade.

CAPÍTULO DOIS AMANTES DA VERDADE

AQUELES que receberam a pessoa de Cristo — Deus feito carne — e seguiram o caminho da verdade que Ele revelou tornaram-se desajustados e excluídos neste mundo. Desde a crucificação, passaram a ser considerados “inimigos do povo”. Esses amantes da Verdade foram chamados cristãos.

Os primeiros cristãos foram rejeitados pelo mundo estabelecido do qual provinham e foram perseguidos até a tortura e a morte, cumprindo a profecia de Cristo Deus:

“Se o mundo vos odeia, sabeis que, antes de vós, odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso o mundo vos odeia.”

Para escapar da perseguição, refugiaram-se nas catacumbas — lugares onde os mortos eram sepultados — e ali oravam às escondidas, separados do mundo. Viviam na constante expectativa do martírio e, por isso, estavam sempre vigilantes, preparando-se para o outro mundo. A riqueza terrena, o conforto e a honra não tinham significado para eles, pois o sofrimento e a perseguição os despojavam de tudo isso. Não possuíam nada como propriedade pessoal, mas tinham todas as coisas em comum. Em resumo, eram de um só coração e de uma só alma, e não eram deste mundo.

As ruínas da cidade queimada de Roma ainda fumegavam quando o imperador Nero concebeu a ideia de saciar a ira do povo com o sangue dos cristãos. Depois de matar a própria mãe e incendiar metade de Roma, precisava encontrar um bode expiatório.

Nero, cujo nome está associado a tudo o que é cruel e insano, foi o primeiro a ordenar uma perseguição contra esses abnegados amantes da verdade. O clamor por todos os lados era pelo extermínio dos cristãos; todo o mundo pagão se levantou em armas contra eles. Assim, Nero preparou o cenário na “arena” para dois mil anos de perseguição sangrenta.

O derramamento de sangue teve início com a execução de dois dos discípulos de Cristo, chamados Pedro e Paulo. Os registros da época de sua execução preservaram para nós os fatos de seu martírio.



Depois que Paulo foi decapitado pela verdade que não podia negar, chegou a vez de Pedro morrer. Ele seria crucificado. Ao aproximar-se da cruz no local da execução, pediu que fosse crucificado de cabeça para baixo — porque, segundo suas próprias palavras, “não sou digno de ser crucificado como meu Senhor”. Então, invertendo a cruz, cravaram-lhe os pés para cima. E ali, à vista do mundo e diante dos olhos das gerações futuras, ele foi pregado pela Verdade.

O martírio era considerado o ato supremo de renúncia ao mundo e a forma mais elevada de espiritualidade. Formas extremamente cruéis de tortura eram usadas tanto contra homens quanto contra mulheres; eram decapitados, queimados, afogados, esquartejados, dilacerados e crucificados por sua fé no Deus único. Eram postos à prova por anti-teístas e pagãos que tentavam forçar esses crentes a renunciar à sua fé, mas em vão. Há incontáveis casos extremos na história do martírio que provaram sua vitória imperecível, que ia além deste mundo.

O chamado para uma morte violenta era uma realidade constante para aqueles que acreditavam em Deus e em Seu Cristo. Era de importância vital para o crente que o corpo, capaz de conter Deus dentro de si, fosse fortalecido para suportar os tormentos de um destino de mártir. Somente Cristo Deus, que se fez carne, e Seu Espírito habitando profundamente neles, podiam capacitá-los a vencer na invasão de suas almas e corpos pela dor esmagadora da tortura e pelo medo paralisante da morte. São esses mártires, ao longo dos séculos, que se tornaram o exemplo supremo da luta ascética: a morte para o mundo.

Após mais de três séculos de tortura, e com o sangue de literalmente milhares de amantes da verdade, o grito agonizante do martírio foi silenciado. A dor e o sofrimento desses amantes da verdade abriram a porta para a liberdade. No quarto século, a fé desses excluídos tornou-se a “religião oficial” do que então era conhecido como o mundo civilizado. As leis imorais do Império Romano foram substituídas pelos valores morais, pela paz e pela compaixão da verdade cristã.

Com a legalização do cristianismo, surgiu um problema vital. Sem o sofrimento da perseguição, os crentes começaram a se conformar a este mundo. Em sua liberdade e riqueza, começaram a esquecer a necessidade da pobreza e do sofrimento. Penetrou no pensamento cristão a ideia de que apenas pertencer à “religião organizada” da verdade os salvaria. A “igreja” passou a ser vista como uma instituição política mundana, e não como um meio para alcançar a perfeição no céu.

Mais uma vez, os amantes da Verdade entraram em uma fase de perseguição — mas desta vez uma perseguição autoimposta, que parecia loucura aos olhos do mundo. Homens e mulheres que buscavam na Verdade algo além de uma simples instituição mundana fugiram para os desertos e regiões selvagens. Assim como as paredes das catacumbas, as vastas extensões dos desertos egípcio, sírio e palestino os isolavam da influência do mundo.

Por meio do jejum, da castidade, da vigilância, do trabalho e da ascese, os antigos habitantes do deserto recriaram voluntariamente as perseguições das catacumbas. Tornaram-se mártires por toda a vida, buscando ser desajustados neste mundo. Assim começou a primeira rebelião contra os princípios deste mundo; e os primeiros rebeldes foram chamados monges.

Vendo a vaidade deste mundo moribundo e desejando escapar da tirania da moda, viviam em cavernas, sobre montanhas, em cabanas, em fendas de rochas, em total pobreza, sem qualquer preocupação com os prazeres da própria carne ou com a aparência exterior. Viviam apenas para morrer para este mundo, e para o mundo estavam como que mortos.

Evitavam as cidades como se fossem uma doença e comiam apenas uma vez por dia, ou até uma vez por semana, preferindo uma

vida de fome a uma vida vazia de prazer autossatisfatório. Dormiam apenas algumas horas por noite, e não em camas, mas sentados em cadeiras. Desprezavam o sono, pois ele os afastava da união consciente com Deus. Lutavam contra a própria natureza corrompida, contra suas paixões e falhas, buscando apenas a perfeição.

No início, esses desajustados viviam sozinhos, desejando uma vida de recolhimento e silêncio. Mas outros, vendo seu justo abandono de um mundo autodestrutivo, também passaram a desejar esse modo de vida aparentemente insano. Grandes comunidades começaram a surgir, e o deserto tornou-se uma cidade cheia de centenas e milhares de homens e mulheres cujo único objetivo era viver e morrer pela verdade. Assim, esses ascetas passaram a ser vistos como mártires por toda a vida, pois o mártir sofre por um tempo e depois morre, mas o monge sofre voluntariamente durante toda a vida, sendo crucificado diariamente para o mundo.

Esse modo de vida, chamado monasticismo, espalhou-se rapidamente por todo o mundo, preservando o mesmo espírito genuíno do cristianismo subterrâneo. Cidades e sociedades inteiras tiveram sua origem na pobreza simples desses monges. Primeiro, um monge se estabelecia sozinho no deserto ou em regiões desabitadas.

Depois, pessoas se fixavam perto dele, e com o tempo surgiam vilas. Dessa forma, o monasticismo espalhou-se por Israel, Egito, Grécia, Bizâncio, Itália, Etiópia, Irlanda, Gália (França), Romênia, Sérvia, Rússia, América e por todo o mundo. Embora esse ideal tenha se difundido até os confins da terra, ele ainda permanece como o segredo mais bem guardado do mundo.

A coleção de biografias a seguir são relatos verdadeiros de santos ao longo dos séculos que deram suas vidas por amor à verdade. Aqui oferecemos apenas um pequeno vislumbre do vasto mundo dos santos que estabeleceram um exemplo de outro mundo da última verdadeira rebelião.



Santo Antão do Egito, Pai dos Monges

MONGE ANTÔNIO DO EGITO

Antônio era egípcio de nascimento, viveu no século IV e, tendo pais ricos, foi criado em meio à riqueza e ao luxo. Não desejando uma educação mundana, permaneceu simples e iletrado. Quando tinha dezoito anos, ambos os seus pais morreram e lhe deixaram toda a sua riqueza.

Certo dia, estando na igreja, foi lida durante o culto a seguinte passagem das Escrituras: *Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu.* Ao ouvir isso, vendeu todos os seus bens e deu o dinheiro aos pobres, não guardando nada para si. Em seguida, fugiu para o deserto egípcio, próximo ao rio Nilo. Vivendo sozinho, Antônio costumava visitar eremitas do deserto que levavam uma vida semelhante à sua, e toda virtude que via neles ele se esforçava por adquirir, até que, aprendendo sabiamente com os outros, superou a todos.

Enquanto vivia no silêncio do deserto, muitas tentações atacavam Antônio. Quando lhe vinham à mente lembranças de sua antiga riqueza, ele lutava para se libertar desses pensamentos e guerreava contra a própria queda, buscando a perfeição que tanto desejava.

Muitas vezes passava noites inteiras sem dormir, e alimentava-se apenas de pão seco, sal e água, e isso somente uma vez a cada poucos dias. Vendo que a fraqueza do corpo aumentava a intensidade da alma, seu zelo cresceu enormemente. Desejando isolar-se do mundo e das pessoas, Antônio mudou-se para túmulos onde os mortos eram enterrados, e poucos o visitavam.

Por ter alcançado um grau tão elevado de perfeição, já não era tentado pelas paixões da carne nem pelo mundo. Mas então veio outra tentação. Os anjos caídos — os demônios — apareciam-lhe e o atacavam, tentando expulsá-lo de seu isolamento e, assim, privá-lo da conversação diária com Deus na oração. Muitas vezes os demônios o agrediam fisicamente com tamanha violência que, depois, ele ficava como um cadáver vivo, incapaz de se mover em sua agonia. Acontecia de um amigo vir trazer-lhe pão e, encontrando-o nesse estado, levá-lo de volta à aldeia. Quando recobrava os sentidos, Antônio exigia ser levado novamente aos túmulos para continuar seus combates.

Após vários anos de lutas, Antônio decidiu deixar os túmulos e mudar-se para um lugar ainda mais isolado para sua busca da perfeição. Na região montanhosa onde se estabeleceu, pessoas que desejavam seguir seus passos descobriram onde ele estava e foram até ele. Quando ele não abria a porta, desejando apenas estar sozinho — sozinho com Deus —, eles a arrombaram; e ele saiu como alguém que havia dominado a si mesmo. Muitos, ao vê-lo ou ouvir suas instruções, desejaram deixar o mundo e tornar-se monges. E o deserto tornou-se uma cidade.

Eremitas reuniram-se em torno de Antônio formando uma comunidade. Por sua inspiração, o deserto encheu-se de pessoas que cantavam, estudavam, jejuavam, rezavam e ajudavam os pobres. Constantemente atentos à própria consciência e à consciência humana em geral, esses monges eram capazes de enxergar as profundezas do coração humano.

Antônio instruía a multidão de monges sobre a fragilidade deste mundo em comparação com a grandeza do mundo vindouro. Ensinava-lhes a essência da vida espiritual e o objetivo da vida aqui na terra com uma instrução simples, porém poderosa: “Vive como se não fosses deste mundo, e terás paz.” Revelava-lhes os muitos artifícios do diabo, e ninguém duvidava de seus ensinamentos, pois sua vida era uma prova viva de suas palavras. Ensinava-lhes também a não negligenciar completamente o corpo, pois, dando-lhe o que necessita e nada além disso, o corpo não pesará sobre a alma, mas ficará sob seu domínio.

Nessa época, cristãos estavam sendo massacrados no Egito. Desejando ardentemente ser morto pela fé, Antônio procurou a perseguição. Foi à cidade de Alexandria e ensinou abertamente de um lugar público, mas sua total destemor o preservou da morte. O próprio juiz temia sua presença no tribunal onde os cristãos eram condenados à morte. Quando o período de perseguição terminou, Antônio retornou ao seu isolamento nas montanhas.

Por causa de seu amor abnegado por Deus, Antônio recebeu o dom místico da previsão do futuro. Certa vez, dois irmãos viajavam para encontrar Antônio, mas no caminho ficaram sem água no meio do deserto. Um dos irmãos morreu, e o outro deitou-se à espera da morte. Então Antônio enviou dois monges com água ao irmão que ainda estava

vivo, pois Deus lhe havia revelado a situação. Eles deram água ao irmão sobrevivente e enterraram o outro. Quando perguntaram por que ele não enviara os monges a tempo de salvar ambos, Antônio respondeu que assim era a vontade de Deus, pois lhe fora revelado somente depois que um já havia morrido.

Certa vez, Antônio recebeu um vislumbre do outro mundo e do que acontece com as almas quando deixam o corpo. Viu que, quando o corpo morre e a alma é libertada, ela é acompanhada tanto por anjos bons quanto por anjos maus (seres incorpóreos que não são humanos). Viu como tanto os bons quanto os maus desejavam a alma e como, por causa da vida que a pessoa levou neste mundo e das decisões que tomou enquanto ainda vivia, ela era levada pelos anjos maus. Depois dessa visão, Antônio não conseguiu dormir, mas passou o tempo gemendo e chorando em oração.

Embora nunca tivesse sido educado, Antônio era extremamente sábio. Certa vez, alguns filósofos foram até ele com a intenção de ridicularizá-lo por ser iletrado e não conhecer as letras. Antônio perguntou-lhes: “O que vem primeiro: a mente ou as letras? E o que é causa de quê: a mente das letras ou as letras da mente?” Quando eles responderam que a mente vinha primeiro e havia inventado as letras, Antônio disse: “Agora vedes que, na pessoa cuja mente é avançada, não há necessidade de letras.”

Em outra ocasião, alguns que se consideravam “sábios” entre os filósofos pagãos vieram a Antônio pedindo uma explicação da fé cristã, com a intenção de encontrar contradições para ridicularizá-lo e à sua fé. Compadecendo-se de sua ignorância, Antônio suspirou e então respondeu à pergunta deles:

O que é melhor: confessar uma cruz ou os vossos deuses do vício? O sinal de coragem e desprezo pela morte, ou filosofias de imundície? Ainda, o que é preferível: dizer que o Logos, a Palavra de Deus, não se transformou, mas permanecendo o mesmo assumiu um corpo humano para a salvação e o benefício da humanidade — para que, participando do nascimento humano, capacitasse a humanidade a participar da natureza divina e espiritual; ou tornar o divino semelhante aos seres irracionais e, com base nisso, adorar animais de quatro patas, répteis e imagens de homens? Pois estes são os objetos de adoração de vós, que

sois “sábios”! Como ousais zombar de nós por dizermos que Cristo apareceu como homem, quando vós, separando a alma do céu, dizeis que ela vagou e caiu das abóbadas do céu para dentro do corpo? Sois enganados ao crer que a alma é incriada, ao dizer que a alma é imagem da mente. Ao pensardes tais coisas sobre a mente, percebei que também blasfemais contra o próprio Pai da mente.

E quanto à cruz, o que diríeis ser preferível: suportar a cruz e não se acovardar diante de nenhuma forma de morte, ou relatar mitos de deuses que devoram filhos e assassinam pais? Pois estas são as coisas que considerais sábias! E como é que, enquanto zombais da cruz, não vos maravilhaiis com a ressurreição? E ainda vos espantais que Cristo já não seja apenas homem, mas Deus? Tais foram as palavras de Antônio, diante das quais os confusos “sábios” ficaram sem fala. Depois de abraçá-lo, partiram, transformados pela verdade de Cristo revelada em suas palavras. Quando chegou à velhice, Antônio percebeu que se aproximava da morte. Chamando os que estavam perto, disse: “Estou seguindo o caminho dos pais, pois vejo que estou sendo chamado pelo Senhor. Não estarei mais convosco.” Depois de dizer isso, eles o abraçaram; e assim ele morreu, com o rosto irradiando luz. Tal foi a vida do monge Antônio, o pai do monaquismo, o extremo amante da verdade.



Mártir Eudókia

EUDÓKIA

Eudókia nasceu na Samaria da Palestina, no século I. Em sua juventude era muito bela e, por causa de sua formosura, viveu uma vida de profunda imoralidade. Preocupava-se apenas com os prazeres desta vida e amava a impureza de uma vida sexual dissoluta.

Com o passar do tempo, muitos começaram a lhe oferecer grandes somas de dinheiro para satisfazerem suas obsessões luxuriosas, e ela se tornou a prostituta mais procurada daquela região.

Certa vez, um monge virtuoso chamado Germanos passava por sua cidade a caminho de uma terra distante. Ele passou a noite na casa de um amigo que morava exatamente ao lado da casa de Eudókia. O monge entoou suas orações no horário determinado e, ao terminar, retirou de sua sacola um rolo com os ensinamentos dos Santos Padres, os grandes mestres espirituais cristãos, e leu de seus escritos sobre o fim do mundo. Começou a ler em voz alta o rolo, para que seu amigo, que também desejava edificar sua alma, pudesse ouvir.

Naquela noite, a prostituta Eudókia ouviu o monge através de uma janela aberta e escutou as palavras sobre o fim do mundo. Elas a atingiram no mais profundo do seu ser, e lágrimas começaram a correr por seu rosto ao pensar em seu modo de vida doentio.

Cheia de pavor, Eudókia permaneceu acordada até o amanhecer, quando mandou chamar o monge Germanos. Quando ele chegou, Eudókia lhe pediu: “Por favor, diga-me o significado daquelas palavras que o senhor leu em voz alta ontem à noite. Eu lhe peço: diga-me a verdade.” Então Germanos lhe disse: “Se deseja ouvir minhas palavras, você será salva e glorificada por toda a eternidade. Herdará a vida imortal após a morte. Se quiser ser salva, deve fazer duas coisas. Primeiro, deve ser batizada, o que purifica todas as impurezas. Segundo, deve dar toda a sua riqueza aos pobres e necessitados.”

Ao ouvir as palavras do monge, Eudókia sentiu medo ao pensar em como sobreviveria sendo pobre e tendo de confiar somente em Deus. A isso ele respondeu: “Se você quer provar minhas palavras, retire suas roupas caras e, durante uma semana, use apenas roupas pobres e feias; tranque-se em sua casa e reze a Deus com jejum e lágrimas. Deus lhe revelará o que você deve fazer.”

Aconteceu como Germanos disse e, ao fim da semana, Eudókia recebeu o batismo e deu toda a sua riqueza e bens. Em seguida, foi para um mosteiro feminino e recebeu a tonsura como monja, iniciando uma longa vida de luta em obediência, paciência, vigilância, oração e jejum. Já não tinha nenhuma preocupação com a carne e a mortificava no frio, privando-se de sono e alimento, castigando a si mesma e ao seu corpo por sua vida passada de prazer sensual e impureza.

Após viver apenas alguns anos no mosteiro, Eudókia alcançou tal altura de pureza que se tornou um modelo para todos os monges e monjas que habitavam o deserto. Quando a abadessa e superiora do mosteiro morreu, todas as monjas escolheram unanimemente Eudókia para ocupar seu lugar como líder espiritual das irmãs.

Nesse tempo houve uma grande perseguição aos cristãos, e todos os fiéis que não sacrificavam aos ídolos e aos deuses eram torturados e mortos. Como era conhecido que Eudókia era cristã, ela foi feita prisioneira pelos soldados. Quando foi levada diante do governador, ele lhe perguntou sobre sua fé. Ela respondeu: “Sou cristã e serva do único Deus bom e compassivo. É Nele que creio de todo o coração, e nada pode me separar de Seu amor. Portanto, não perca seu tempo fazendo mais perguntas. Faça o que decidiu, para que eu seja libertada deste mundo presente.”

Quando o governador viu a determinação da santa, ordenou que ela fosse despida até a cintura e, então, dilacerada e espancada. Quando pararam, suas entranhas estavam expostas, mas ela ainda estava viva, suportando a violência com nobreza. Então o governador disse: “Lamente por sua beleza, ó mulher, e ofereça sacrifício aos deuses.” Eudókia respondeu com firmeza apenas: “Creia no Deus verdadeiro.” A fúria do governador se desencadeou, e ele ordenou que ela fosse despida completamente e açoitada severamente. Ao ver sua disposição em enfrentar a morte e seu amor por Deus, a ira do governador transformou-se em tristeza pelo que havia feito, e ele a deixou ir, meio morta.

Com o passar do tempo, esse governador morreu, e outro homem assumiu o cargo. Ele era um homem severo e brutal, que também perseguia os cristãos. Ao ouvir falar da coragem de Eudókia, enviou

soldados para cortar-lhe a cabeça. Assim, por sua morte, ela entrou na verdadeira vida, sendo uma amante da verdade invencível.



Monge Moisés, o Etíope

MONGE MOISÉS, O ETÍOPE

No século IV viveu um homem chamado Moisés. Moisés era de sangue africano, um etíope para ser mais preciso, grande em estatura e gigante em sabedoria.

Na juventude, Moisés foi um dos gângsteres mais temidos do norte da África. Ele era o líder de um bando de fora da lei e era conhecido por cortar a garganta das pessoas. O grupo de Moisés devastava as colinas e saqueava casas, tomando os bens e vendendo-os para sustentar o estilo de vida desregrado da gangue. Quando Moisés não estava roubando casas, bebia enormes quantidades de vinho e passava as noites com mulheres devassas. O relato a seguir descreve sua infâmia como líder de bando.

Ele tinha um inimigo e nutria rancor contra ele porque certa noite, quando queria roubar, o homem saiu com cães. Desejando matar o homem que vivia do outro lado do rio Nilo, Moisés colocou sua faca entre os dentes, pôs as roupas sobre a cabeça, saltou no rio e nadou para a outra margem. Enquanto atravessava o rio a nado, o homem conseguiu se esconder enterrando-se na areia. E, quando Moisés não encontrou seu inimigo, matou quatro de seus bons carneiros, amarrou-os juntos com uma corda e nadou de volta. E, chegando a um local de abate, esfolou-os, comeu as melhores partes da carne e vendeu as peles para comprar vinho. Em seguida, embriagou-se completamente antes de retornar ao seu bando.

Aconteceu que Moisés, o líder de bando, o “pior dos piores” do norte da África, abandonou seus caminhos perversos e decidiu viver o resto de sua vida reconciliando-se com Deus. Ele abandonou sua gangue e fugiu para o deserto do Egito, onde encontrou o santo Ancião, o monge Isidoro. Moisés implorou ao Ancião que lhe permitisse viver como monge na comunidade conhecida como “Scetis”.

No deserto, Moisés iniciou a batalha espiritual do coração que conduz a Cristo. Possuindo grande força física, levou uma vida rigorosa — jejuando por dias seguidos, mantendo vigílias durante toda a noite e forçando sua mente a pensamentos puros. Por ter passado sua vida anterior em indulgência sexual, foi atacado pela paixão da luxúria. Para combater os ataques da luxúria, Moisés aumentou seus trabalhos

ascéticos a um nível quase desumano. Durante sete anos ele não dormiu, orando a noite inteira e descansando apenas uma hora durante o dia.

Moisés, que outrora fora um assassino cruel, começou a aprender o significado da compaixão. Seu amor pelas pessoas cresceu tanto que colocava os outros antes de si mesmo. Ele caminhava à noite pelo deserto até todas as moradas dos monges, recolhia seus odres de água e os levava à fonte próxima para enchê-los. Algumas das celas dos monges ficavam a até cinco milhas da fonte; mesmo as mais próximas ainda estavam a duas milhas de distância. Tudo isso Moisés fazia em segredo, para que suas obras não fossem conhecidas pelos homens, mas somente por Deus.

Apesar das grandes dores e trabalhos de Moisés, o demônio da luxúria não o deixava em paz. Então ele recorreu ao Ancião Isidoro em busca de conselho. O Ancião Isidoro respondeu: “Descansa, Moisés, e não te inquietes contra os demônios, nem procures atacá-los, pois há moderação em tudo, até mesmo nos trabalhos ascéticos.” Sendo zeloso de espírito, Moisés falou: “Mas eu creio em Deus, em quem pus minha esperança, que, estando armado, não devo cessar de travar guerra contra eles até que se afastem de mim.” Então o Ancião o abençoou: “Em nome de Jesus Cristo, a partir deste momento os demônios cessarão de te atormentar. Aproxima-te e participa da Santa Comunhão, e estarás livre de toda impureza, tanto da carne quanto do espírito. Isso aconteceu para que não te glories em ti mesmo por ter vencido o demônio da luxúria, mas antes dês graças a Deus, que te libertou.”

À medida que Moisés progredia na vida espiritual, muitos jovens que desejavam dedicar suas vidas a Deus reuniram-se ao seu redor. Muitos de seus antigos companheiros de gangue e outros fora da lei renunciaram a seus caminhos e seguiram Moisés, dizendo: “Se aquele que era o pior de todos temeu a Deus, não deveríamos nós também?” Certa vez, um grupo de quatro ladrões atacou a morada de Moisés, esperando encontrar algo de valor. Mas, com sua grande força, ele os amarrou com cordas e os carregou até a igreja. Outrora Moisés fora um ladrão que roubava ovelhas. Agora ele se tornara um pastor, chamando de volta as ovelhas perdidas.

Moisés, o Etíope, foi considerado digno do sacerdócio e abundou em dons concedidos por Deus. Nenhum temor podia ser encontrado em

sua alma corajosa, pois o amor lança fora o medo. Moisés foi verdadeiramente um grande Ancião do renomado deserto de Scetis e possuía verdadeira sabedoria espiritual. Pouco antes de sua partida da terra, advertiu seus discípulos: “Em breve um bando de assassinos virá e tirará minha vida, para que se cumpra a verdade de que aquele que vive pela espada morrerá pela espada.” Então um grupo veio e matou o Ancião Moisés e quase todos os seus discípulos. Um discípulo escondeu-se entre as árvores e viu as almas de Moisés e de seus discípulos serem libertas de seus corpos e alcançarem a vida eterna.



Xênia, a andarilha sem lar

XÊNIA, A ANDARILHA SEM LAR

Xênia nasceu na Rússia no século XVIII e viveu uma vida confortável. Casou-se com um coronel imperial chamado Andrei, e eles eram bem de vida; parecia estar felizmente casada e completamente devotada ao marido, que era um pouco mundano. Ele ainda era jovem e estava com boa saúde quando morreu subitamente certa noite em uma festa regada a bebida.

A morte inesperada de seu amado marido despedaçou completamente todo o seu mundo. Ela tinha vinte e seis anos e não tinha filhos. A viúva enlutada olhou ao redor para todos os seus bens, para o seu pequeno mundo sem sentido, e de repente começou a perceber a vaidade desta vida temporária e de suas alegrias vazias. Para total espanto de seus amigos e parentes, Xênia começou a dar tudo o que possuía. Seu dinheiro e seus pertences pessoais ela deu aos pobres, e sua casa entregou a uma amiga. Por fim, seus parentes decidiram que ela havia perdido completamente o juízo e a consideraram mentalmente desequilibrada.

Tendo percebido que não pode haver verdadeira felicidade neste mundo e que as posses são apenas um obstáculo para alcançar a verdadeira paz em Deus, ela desapareceu subitamente por oito anos. Foi nesse período que Xênia foi chamada ao mais alto feito da perfeição espiritual — o da “loucura por amor a Cristo”. Um “louco por Cristo” parece totalmente insano segundo os padrões do mundo, quando na verdade alcançou um alto estado de perfeição que está além deste mundo. No “louco” há uma compreensão perfeita da vida e da morte, do bem e do mal, do amor e do ódio. Há uma reconciliação completa com Deus, enquanto o mundo chama isso de loucura.

Xênia retornou à sua cidade natal vestida com o antigo uniforme de seu marido falecido e respondia apenas pelo nome dele. Até sua morte, as pessoas a chamavam de Andrei. Era como se ela tivesse assumido uma vida de virtude oculta não apenas por si mesma, mas também por seu marido, que havia morrido embriagado. Lamentando os erros dele e as próprias imperfeições, ela começou a vagar pelas ruas da área mais pobre de São Petersburgo. Onde quer que fosse, as pessoas a perseguiram e zombavam dela, e em algumas ocasiões atiravam

pedras. No entanto, com total mansidão e paciência, ela mantinha diante dos olhos de sua alma a imagem de Cristo, que sofreu sem murmurar, ouviu todas as acusações, suportou todas as perseguições e sofreu a tortura e a crucificação. Seguindo o exemplo de Deus, ela suportava todas as dificuldades com alegria e silêncio, dizendo apenas: “Deus os perdoe, pois não sabem o que fazem”.

Aqueles que sentiam pena de Xênia lhe davam algumas moedas ou algumas roupas, mas ela, em seu amor altruísta pela humanidade, virava-se e dava tudo o que havia recebido, não deixando nada para si mesma. Ela encontrava prazer em seu sofrimento, pois na pobreza possuía a maior das riquezas. Por meio de sua vida secreta de oração, obteve o tesouro ilimitado da comunhão com Deus. Assim, foi-lhe concedido o dom da percepção sobrenatural. Ela podia ver o futuro como se fosse o presente, podia ver os corações e os pensamentos daqueles que encontrava. Às vezes, Deus lhe revelava a aproximação da morte de alguém, para que pudesse adverti-los de antemão e a morte não os surpreendesse.

Certa vez, Xênia foi vista correndo ansiosamente pelas ruas frias e cobertas de neve, gritando em alta voz: “Assem panquecas! Assem panquecas! Em breve toda a Rússia estará assando panquecas!”. Embora seja um costume russo assar panquecas como memorial pelos mortos, como de costume ninguém conseguiu entender o significado dessas palavras estranhas. Poucos dias depois, a Imperatriz foi encontrada morta; então compreenderam as palavras estranhas da profetisa Xênia.

As pessoas começaram gradualmente a aceitar seu comportamento estranho como algum tipo de sinal de Deus, e muitas vezes seu comportamento era de fato estranho. Em outra ocasião, Xênia foi vista chorando dia e noite. Quando alguém lhe perguntou por quê, ela apenas respondeu: “Há sangue! Há sangue! Há um rio de sangue ali!”. E começou a chorar ainda mais. Ninguém conseguia entender o que agitava a normalmente pacífica Xênia, e ninguém conseguia compreender o significado de suas palavras assustadoras. Poucos dias depois, ocorreu um assassinato sangrento; suas lágrimas haviam dado testemunho disso antes mesmo de acontecer.

Ela não possuía absolutamente nada além dos trapos que vestia. Muitas vezes, ao chegar à casa de um amigo, anunciava alegremente: “Aqui está tudo o que eu sou!”. Por muito tempo, ninguém sabia onde Xênia passava as noites. Certa noite, a polícia local a seguiu e descobriu que ela passava as noites em um campo aberto, rezando durante toda a noite, em qualquer tipo de clima.

Finalmente chegou o tempo em que Xênia já não podia mais ser encontrada nem nas ruas nem no campo. Seu rosto radiante já não brilhava entre as favelas e os becos pobres de São Petersburgo. Assim, mais uma amante da verdade viveu e morreu por Deus enquanto o mundo chamava isso de loucura.



Monge Paísios Velichkovsky

MONGE PAÍSIOS

Paísios Velichkovsky nasceu em uma aldeia da Rússia no século XVIII. Desde a mais tenra juventude, Paísios amava a pureza e a simplicidade e se destacava entre todas as outras crianças de sua idade. A partir da leitura das vidas dos Santos, começou a nascer em sua alma um zelo por abandonar o mundo e tornar-se monge.

Na adolescência, foi enviado a Kiev para estudar, e ali continuou lendo e imitando as vidas dos Santos, perdendo completamente o interesse pela escola secular. Como estava negligenciando totalmente os estudos, o superior da escola exigiu uma explicação. Paísios, que normalmente era manso e tímido, respondeu com ousadia, dizendo:

A primeira razão é que tenho a intenção de me tornar monge e, percebendo a incerteza da hora da morte, desejo tornar-me monge o mais rápido possível. A segunda razão é que, do aprendizado exterior, não vejo nenhum benefício para minha alma, ouvindo apenas os nomes de deuses pagãos e de “homens sábios”. Aprendendo sabedoria com eles, as pessoas de hoje tornaram-se completamente cegas e se afastaram do caminho reto; pronunciam palavras elevadas, mas por dentro estão cheias de trevas e obscuridade, e toda a sua sabedoria está apenas na língua. Não vendo benefício em tais ensinamentos e temendo que eu mesmo fosse corrompido por eles, abandonei-os.

Vendo que o jovem Paísios estava inabalável em sua decisão, o Superior o puniu impiedosamente.

Tendo tal zelo para se tornar monge, ele derramou muitas lágrimas e orou a Deus, pedindo que o instrísse no caminho correto. Então sua alma foi inflamada com o amor pela peregrinação. Ele deixou a escola e a cidade e passou a vagar, triste de alma, como um pobre estrangeiro, buscando sua pátria celestial. Caminhando de mosteiro em mosteiro e conversando com santos anciãos e monges, decidiu então entrar em um mosteiro.

Logo percebeu que aquele não era o lugar certo para ele, pois havia se corrompido com hipocrisia, e ele desejava a essência pura de uma vida monástica incorrupta e sem hipocrisia. Assim, continuou sua busca por um mosteiro e por um diretor espiritual que lhe ensinasse a

purificar sua alma. Novamente vagou sem sucesso, triste de coração, mas ao menos agora era monge.

Em suas buscas e peregrinações, soube da profunda tristeza de sua mãe por ele ter se tornado monge. Ela não comia nem dormia e apenas lamentava dia e noite, destruindo a própria vida. Então uma voz lhe veio e disse: “Ó miserável! O que fizeste? Em vez de amar o Senhor teu Criador com todo o teu coração e alma, amaste mais a criatura dele, teu filho, do que o teu Criador; e por causa desse teu amor insensato e negador de Deus escolheste matar-te pela fome, e por isso cair em condenação eterna. Deves imitar teu filho e também renunciar ao mundo e a tudo o que há no mundo e tornar-te monja. Tal é a vontade de Deus.” Imediatamente ela foi a um mosteiro feminino e recebeu a tonsura como monja, vindo pouco depois a morrer em paz de alma.

Vagando em busca de um pai espiritual que pudesse ensiná-lo sobre a vida espiritual invisível, ele viajou por toda a Rússia meridional e pela Valáquia. Acabou chegando ao Monte Atos, na Grécia, a pequena república isolada de monges cercada pelo Mar Mediterrâneo. O Monte Atos, a terra sagrada de muitos mosteiros, mostrou-se um bom lugar para encontrar sua consolação espiritual. Ele desejava um pai espiritual avançado na vida monástica, bem versado nas Escrituras e nos ensinamentos dos Santos Padres, que vivesse sozinho em silêncio e pobreza, a quem pudesse entregar-se em obediência para o benefício da alma. Mas ainda estava completamente só.

Encontrando uma pequena cela para habitar, iniciou uma vida severa de privações em jejum, fome, sede, oração e lágrimas. Suportou muitas provações de sofrimento na alma e no corpo. Quanto ao jejum, comia apenas pão seco com água em dias alternados. Sua pobreza era extrema; não possuía sequer uma veste limpa, mas usava todos os dias a mesma roupa suja e remendada.

Em seu amor pela verdade, copiava à mão muitos dos livros dos Santos Padres sobre a vida espiritual. Ao copiar os livros, trabalhava deliberadamente em pé diante de um púlpito, para não cochilar nem perder a concentração. Dessa forma, desenvolveu uma profunda compreensão da vida espiritual. Ainda sem pai espiritual, começou a perceber que o pai espiritual que buscava já havia sido encontrado; encontrara-o nos Santos antigos, por meio de seus escritos.

Depois de algum tempo passado assim, veio até Paísios, em sua reclusão, um jovem monge chamado Bessarion, que desejava viver com ele e buscava seu conselho na vida espiritual. Paísios lhe respondeu: Irmão! Obrigas-me a dizer algo triste e renovas a dor do meu próprio coração; pois eu também, com muito esforço e sofrimento, busquei um instrutor e não encontrei nenhum. Quando Cristo foi conduzido ao deserto, Ele repeliu Satanás por meio do jejum, da humildade, da pobreza, da vigília e da oração; e o enfrentou com as divinas Escrituras; e colocou a coroa dessa vitória sobre a cabeça da nossa natureza, ensinando-nos assim como fazê-lo e concedendo-nos poder para vencê-lo. Portanto, aquele que segue o seu Senhor por meio dessas coisas, com humildade e amor, e aceita d'Ele a missão de cuidar de outras almas e instruí-las em Seus mandamentos, recebe também do Senhor, por causa de sua humildade, o poder de vencer todas as paixões.

O monge Paísios deixou claro que, como não podia encontrar instrutores experientes na vida espiritual, deveria buscar a Cristo, o maior dos mestres espirituais — o próprio Deus.

Os jovens monges Paísios e Bessarion viveram e cresceram juntos, tendo unidade de alma em todas as coisas. Estabeleceram para si a regra de serem obedientes um ao outro em tudo, para aprenderem a cortar a própria vontade e assim alcançar somente a vontade de Deus.

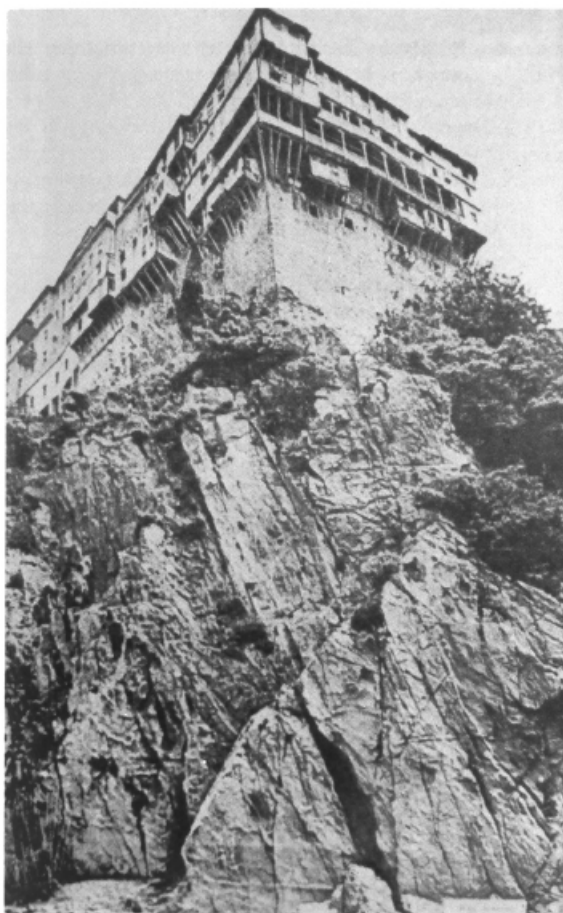
Mas não viveram por muito tempo uma vida tão tranquila, doce em Deus e consoladora para a alma. Outros irmãos começaram a vir do mundo, buscando um mosteiro sem hipocrisia, com uma verdadeira vida comum. Assim, no deserto surgiu uma cidade, uma comunidade de monges que escolheram o monge Paísios como seu instrutor. Outrora Paísios buscara um instrutor na vida espiritual, mas agora ele próprio se tornara um instrutor, guiando e protegendo seu grupo de monges.

Devido ao grande número de irmãos que se reuniram em torno do monge Paísios, ele decidiu fundar outro mosteiro na Romênia. Levando alguns de seus discípulos, estabeleceu-se em uma região selvagem e isolada da Moldávia, no norte da Romênia.

À medida que esse novo mosteiro crescia, aumentava também o trabalho abnegado de Paísios. Ele passava as noites em oração, chorando e rezando por seus filhos espirituais e copiando à mão os escritos dos Santos Padres. Com mais monges, mais textos espirituais

raros eram copiados pelos irmãos habilidosos em caligrafia. Foi por causa desses trabalhos abnegados do monge Paisius que o mundo recebeu a famosa coleção de escritos sobre a vida espiritual chamada Filocalia (O amor ao bem).

Enquanto continuava em seus trabalhos habituais, aproximava-se a separação da alma e do corpo. O dia de sua morte lhe foi revelado e, assim, começou a preparar-se para deixar este mundo e entrar no próximo. Morreu em idade avançada, tendo vivido uma vida agradável a Deus, de oração, silêncio e trabalho. Todos os seus monges sentiram ao mesmo tempo alegria e tristeza com sua partida, pois sabiam que ele era um Santo de Deus, mas também se sentiam órfãos. Assim terminou a vida de mais um amante da verdade, que por causa desse amor nunca morreu verdadeiramente, mas continua vivo.



Um dos vinte mosteiros do Monte Atos, na Grécia, como se apresenta hoje.



Monge Germano retratado com as correntes e a cruz de ferro que usava.

MONGE GERMANO

Na Rússia do século XVIII viveu um jovem chamado Germano, que desejava uma vida em Deus mais do que qualquer coisa neste mundo passageiro. Esse jovem determinado, aos doze anos de idade, entrou em um mosteiro. O pai espiritual dos monges era o conhecido Ancião Teodoro de Sanaxar, amigo do monge Paísios.

Certo dia, algumas pessoas estavam na floresta colhendo cogumelos quando se depararam com uma pequena cabana. Da cabana saiu um menino — em idade tão jovem, Germano já vivia na natureza selvagem e deserta da Rússia. Com todo o seu ser, Germano amava o silêncio do ermo, pois era ali que encontrava Deus.

Ainda muito jovem, Germano chegou perto da morte por causa de uma infecção perigosa e dolorosa. Em estado miserável, esperando morrer, não procurou um médico terreno, mas trancou-se em sua cela e, com profunda oração e lágrimas, implorou pela cura. Depois de rezar durante toda a noite, caiu exausto e dormiu no chão. Quando acordou pela manhã, encontrou-se em perfeita saúde. Essa visitação de Deus ele guardou como um tesouro pelo resto de sua vida.

Após muitos anos na vida monástica simples, o monge Germano mudou-se para o grande e famoso mosteiro de Valaam, localizado em uma ilha em um lago. Naquela época, o abade de Valaam era o justo Ancião Nazário. Ele instruiu Germano na vida espiritual e o acolheu como um pai acolhe seu filho. Nazário dizia ao jovem Germano:

Um monge deve infalivelmente ser cumpridor de todos os mandamentos do Senhor, imitador do estado e da ordem dos anjos, conhecedor de Deus e ter amor por Ele e pelo próximo.

Um monge deve, em tudo, apegar-se às palavras de Deus e não dar a mínima atenção à voz do vício.

Um monge deve ter a mente iluminada do alto, o corpo incontaminado, a boca inclinada ao silêncio, a língua pura.

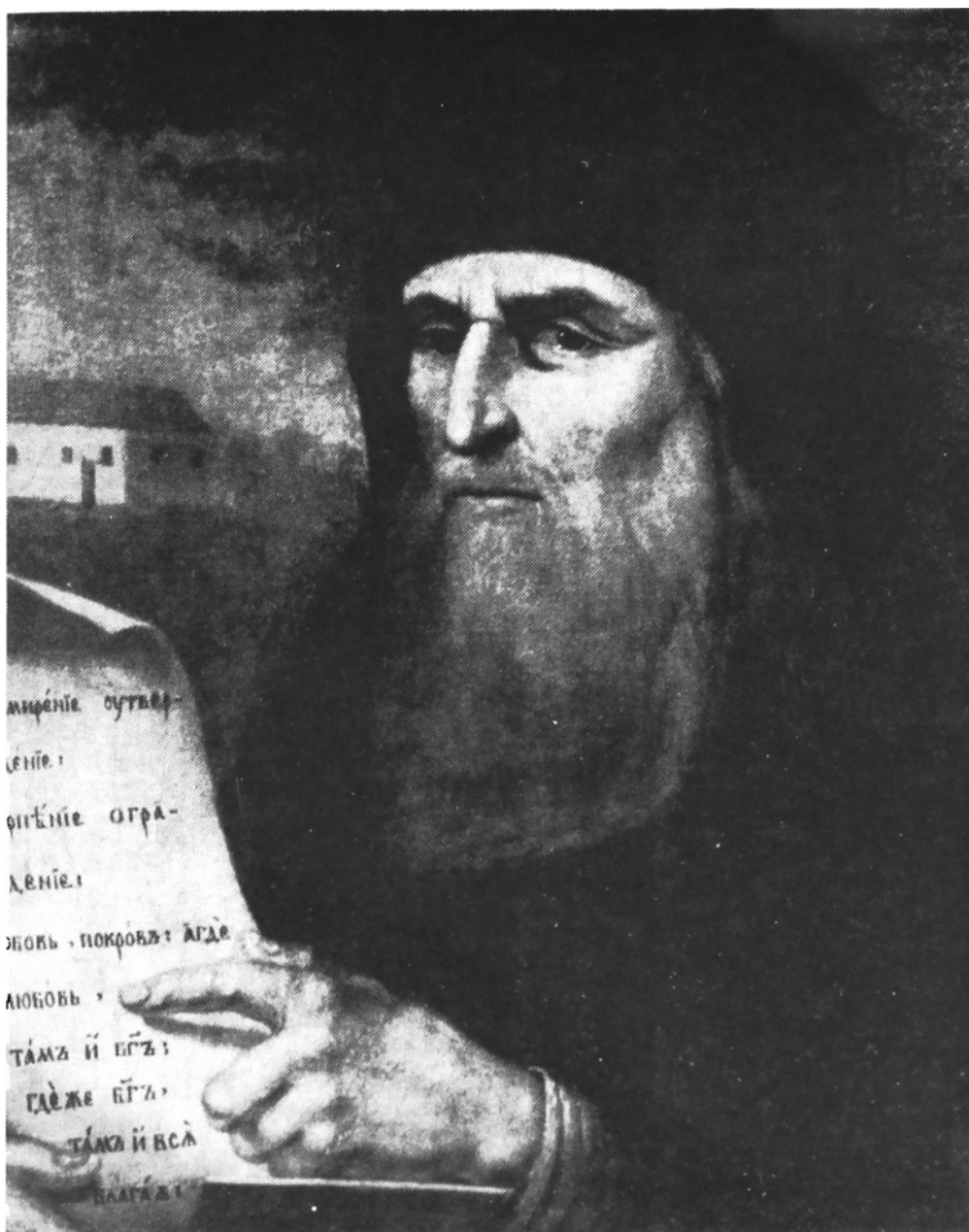
Um monge deve ter a lembrança da morte e o afastamento do mundo. Assim deve ser um monge; e tal é o fundamento que ele deve lançar para o cumprimento de seus votos, a fim de oferecer a Deus não apenas dons de trabalhos visíveis, mas também sacrifícios da alma e do espírito.

Os conselhos de Nazário e seu amor paterno encheram o jovem monge Germano de um zelo ardente; e, vendo isso, Nazário permitiu que ele vivesse sozinho no deserto. Esse caminho de reclusão e desapego do mundo é apenas para alguns poucos monges escolhidos, capazes de suportar uma vida tão difícil e solitária. O monge Germano era um desses poucos.

Depois de muito trabalho e luta na solidão, sua vida de reclusão chegou ao fim quando o Ancião Nazário lhe perguntou se ele se voluntariaria para ir a uma terra distante para realizar trabalho missionário. Junto com outros sete monges, ele se ofereceu para assumir o trabalho abnegado de deixar sua pátria a fim de ajudar um povo sofredor de outra terra. Eles estavam indo para a América.

Em 1794, o pequeno grupo de monges chegou à parte noroeste da América, chamada Alasca. Depois de lutar pela própria vida na natureza selvagem da Sibéria e sobreviver à perigosa viagem marítima, deram início às suas jornadas missionárias e viajaram por todo o Alasca. Aprendiam os costumes e as línguas dos nativos e viviam entre eles, sem se colocarem acima deles.

Como muitas das tribos nativas eram extremamente violentas, os monges ensinaram aos nativos a paz e a compaixão. Ensinaram-lhes a tão esperada verdade de Cristo, que os povos nativos acolheram sem hesitação. Aceitaram Cristo de modo tão natural porque estavam aguardando a revelação da plenitude da verdade, que ainda não havia se manifestado na terra. Reconheceram essa verdade em Cristo.



Ancião Nazário de Valaam, o pai espiritual do monge Germano. No pergaminho que ele segura estão estas palavras:

Humildade é poder
E paciência é defesa. Enquanto o amor é proteção;
E onde há amor, ali está Deus;
E onde está Deus, ali está toda bondade.

Enquanto os outros monges continuavam suas viagens, o monge Germano estabeleceu-se em uma pequena ilha perto de Kodiak chamada Ilha Spruce. Ele começou a viver como havia vivido na região selvagem de sua Rússia natal, como um eremita. O monge Germano encontrou um lugar adequado na floresta coberta de musgo e construiu uma moradia de terra, usando como modelo a barabara nativa. Ele chamou seu novo lar de “Nova Valaam”, em referência ao mosteiro de sua terra natal, pois sentia muita saudade de casa.

Ali, na floresta, completamente sozinho na pequena ilha, ele rezava, jejuava e vivia em paz e silêncio. Vivia em seu próprio mundo de Santos e anjos e derramava muitas lágrimas de amor por Deus. Os nativos, vendo seu modo de vida abnegado e portador de Deus, passaram a amá-lo profundamente e vinham até ele para visitá-lo e ouvir suas histórias sobre a Rússia e sobre a vida dos Santos e dos justos.

No Alasca, naquele tempo, muitos russos chegaram e se estabeleceram com a intenção de lucrar às custas dos nativos. Esses colonos, gananciosos e violentos, viam o monge Germano como um obstáculo e decidiram atormentá-lo. Frequentemente o assediavam por ele defender os nativos e dar o exemplo de uma vida piedosa. Fizeram muitas tentativas de assustá-lo para que fosse embora, mas, sabendo que era necessário ali, ele suportou tudo com nobre coragem.

Germano viu que havia muitas crianças órfãs e ilegítimas entre os nativos, então começou a levá-las para sua ilha deserta para cuidar delas como um verdadeiro pai. Ele tinha o cuidado de alimentar tanto seus corpos quanto suas almas — assim, assava para elas pretzels e tortas de salmão e as educava no conhecimento de Deus. Ele era o único protetor delas.

Em uma carta a Sergius Yanovsky, o governador das colônias russas que tratavam os nativos de forma tão terrível, o monge Germano escreveu: Eu, o mais humilde servo dos povos locais, estou diante de vós com lágrimas de sangue e escrevo o meu pedido: sede um pai e um protetor para nós! Enxugai as lágrimas do monge Germano junto à sua morada meio subterrânea na Ilha Spruce. Órfãos indefesos, arrefeci o ardor da tristeza em corações que se derretem, concedei-nos conhecer o significado da consolação.



O monge Germano ao lado de sua morada semi-terra na Ilha Spruce.
Órfãos sem cercas, amenizem o calor da tristeza em corações aflitos,
nos deem a conhecer o significado da consolação.

O monge Germano viveu uma vida totalmente abnegada, não apenas criando órfãos, mas também observando fielmente suas regras monásticas de jejum, oração e silêncio. Usava as mesmas roupas no inverno e no verão, suportando os extremos severos da natureza. Vestia apenas um colete de pele de veado sobre o hábito, sem tirá-lo nem trocá-lo por oito anos. Dormia em um caixão para que estivesse sempre lembrado da morte, e usava duas pedras como travesseiros, escondidas sob uma pele de veado, de modo que os visitantes não as percebam. Comia muito pouco e desgastava o corpo por meio de seu modo de vida austero, rejeitando todos os confortos deste mundo que desviam a atenção de Deus. Para aquietar os movimentos da carne e assumir sobre si mais sofrimento, usava cerca de sete quilos de correntes com uma pesada cruz de metal presa a elas. Ninguém viu as correntes durante sua vida, pois ele as escondia sob as roupas — era o seu segredo com Deus. A maior parte do tempo era passada em sua pequena cabana, rezando em silêncio, como faz um monge. Certa vez alguém lhe perguntou: “Como o senhor consegue viver sozinho na floresta? Não fica entediado?” Ao que o ancião respondeu: Não, eu não estou sozinho aqui. Há Deus, e Deus está em toda parte! Há santos anjos! Como alguém pode se entediar com eles? Com quem é mais agradável e melhor conversar, com anjos ou com pessoas? Com os anjos, é claro! Sérgio Yanovsky, que era o governador das Colônias Russas, começou a visitar o ancião Germano para conversar com ele. A respeito desses encontros, Sérgio escreveu: Eu era bem instruído, conhecia muitas ciências e havia lido muito. Mas a lei de Deus eu mal compreendia. Eu era um livre-pensador, um deísta. Quando conversei com Germano, para minha admiração, ele falava com tanta força e sensatez que me parecia que nenhuma instrução nem sabedoria terrena poderia resistir às suas palavras. Falamos sobre o amor de Deus, sobre a eternidade, sobre a salvação da alma e sobre a vida cristã. Assim fui transformado e convertido ao caminho da verdade. Mais tarde, esse mesmo Sérgio tornou-se monge e conduziu três de suas filhas e seu filho à vida monástica também. Certa vez, o ancião foi convidado a subir em um barco que havia vindo de São Petersburgo. A bordo estavam o capitão e cerca de vinte e cinco oficiais, todos homens bem instruídos enviados por ordem imperial. Entre eles sentava-se esse monge de pequena

estatura, com uma veste antiga, que por meio de sua sábia conversa levou todos os ouvintes a tal estado que não sabiam como lhe responder. O monge Germano fez a todos uma pergunta: “O que os senhores amam acima de tudo, e o que cada um desejaria para a sua felicidade?” Um desejava riqueza, outro glória, outro uma bela esposa. “Não é verdade”, disse o ancião, “que todos os vossos diversos desejos podem ser reduzidos a isto — que cada um deseja aquilo que, em seu entendimento, considera melhor e mais digno de amor?” “Sim, é assim”, responderam todos. Então o ancião disse: Pois bem, digei-me: pode haver algo melhor, mais elevado, acima de tudo, superior a tudo e, em geral, mais digno de amor do que o próprio Senhor Jesus Cristo, que nos criou, nos adornou com tantas perfeições, deu vida a todos, sustenta a todos, alimenta e ama a todos, sendo Ele mesmo o Amor e mais excelente do que todos os homens? Não deveríamos então amar a Deus acima de tudo e, mais do que tudo, desejá-Lo e buscá-Lo? Eles responderam: “Pois é, sim! Isso é compreendido! Isso fala por si mesmo!” O ancião então perguntou: “E vós amais a Deus?” Todos responderam: “Claro que amamos a Deus. Como não amar a Deus?” Então o monge Germano disse: “E eu, pecador, há mais de quarenta anos venho me esforçando para amar a Deus e não posso dizer que O ame perfeitamente.” E começou a lhes contar como se deve amar a Deus:



O jovem monge-sacerdote Gerasim, aquele que seguiu os passos do monge Germano na Ilha Spruce, cumprindo assim sua profecia.

Se amamos alguém, pensamos sempre nele, esforçamo-nos para agradá-lo; dia e noite o nosso coração está ocupado com essa pessoa. É assim que vós, senhores, amais a Deus? Voltai-vos frequentemente para Ele, pensais sempre Nele, rezais sempre a Ele e cumpris os Seus santos mandamentos? Para o nosso bem, para a nossa felicidade, ao menos façamos uma promessa a nós mesmos: que, a partir deste dia, desta hora, deste minuto, nos esforçaremos por amar a Deus acima de tudo e cumprir a Sua santa vontade!

Houve casos em que o monge Germano falou de modo profético. Em certa ocasião, o ancião Germano disse que um dia um monge como ele, fugindo da glória mundana, se estabeleceria na Ilha Spruce. Sua profecia se cumpriu quando um hieromonge chamado Gerasim mudou-se para o ermo abandonado do “Novo Valaam” do monge Germano. Esse monge, seguindo o costume ortodoxo, desenterrou o caixão do ancião Germano, colocou seus ossos em um novo caixão e os levou para uma pequena igreja, como recordação da proximidade dos santos no outro mundo.

Sem o menor temor dos poderosos, o monge Germano trabalhou para Deus com todo o seu zelo até a morte. Pouco antes de morrer, disse profeticamente a um de seus órfãos: “Neste lugar haverá um mosteiro com o tempo.” Na ocasião, sua afirmação pareceu obscura, pois ele vivia em uma ilha deserta, mas cento e cinquenta anos depois sua profecia se cumpriu, pois um mosteiro foi fundado em sua Ilha Spruce, na Lagoa dos Monges, para realizar o seu desejo.

Então aproximou-se o tempo de o monge Germano deixar este mundo. Ele pediu a um de seus órfãos que acendesse uma vela e lesse as Santas Escrituras, dos Atos dos Apóstolos, enquanto jazia em seu leito de morte. Através das lágrimas em seus olhos, seus amados órfãos contemplavam o rosto de seu pai, que brilhava suavemente na escuridão da noite.



Ancião Miguel

ANCIÃO MIGUEL

Miguel nasceu em 1877 no país da Letônia. Mal havia completado um ano e meio de idade quando sua mãe morreu, e quando tinha seis anos seu pai também faleceu. Viveu uma vida triste como órfão, e assim sua infância não foi digna de lembrança. Mais tarde, nunca falava sobre isso, e por isso pouco se sabe.

Na adolescência tomou a decisão de abandonar o mundo e tornar-se monge, porém levou algum tempo até agir conforme essa resolução. Seus parentes tentaram dissuadi-lo, dizendo que arranjasse um emprego e construísse para si uma vida material bem-sucedida.

Na fábrica onde Miguel trabalhava, ocorreu um incidente que o abalou profundamente com o pensamento da morte repentina. Um mecânico, querendo parar certa máquina, aproximou-se demais. Parte de seu casaco ficou presa na máquina e, em um minuto, nada restou dele. A constante proximidade da morte levou Miguel à decisão firme de tornar-se monge.

Era o terceiro dia após a Páscoa quando — silenciosamente, sem dizer nada a ninguém — Miguel colocou um pequeno embrulho sobre os ombros e deixou a casa em silêncio. Em seu embrulho havia uma Bíblia Sagrada e duas mudas de roupa. Ele tinha apenas dezoito anos.

Alimentando-se do que Deus lhe enviava, dormindo na floresta sob o céu aberto, abandonando todo cuidado terreno, Miguel caminhou com a oração nos lábios por muitos mosteiros, buscando a vontade de Deus a seu respeito. Então surgiu em sua mente o pensamento: “Sê firme na defesa da Ortodoxia pura. Terás de suportar muito, mas permanece firme, até a morte.”

Em 1902 Miguel abandonou o mundo para sempre. Entrou no Mosteiro de Valaam. Ali, atrás das antigas muralhas de pedra do mosteiro, viveu por muitos anos em silêncio e paz, em comunhão com o próprio coração. Mas sua paz foi perturbada, pois na Rússia, em 1917, foi desencadeada uma sangrenta perseguição que o mundo jamais se recuperaria. Um governo baseado no ateísmo, chamado comunismo, foi instituído, e os fiéis eram massacrados aos milhares. Sabendo que a “arena” e a igreja das catacumbas da perseguição nunca haviam

terminado, o monge Miguel derramou incontáveis lágrimas por todo o sangue derramado.

Então, certo dia, no auge do inverno, um homem foi visto correndo sobre o lago congelado em direção ao mosteiro. Ele advertiu os monges de que os soldados comunistas se aproximavam. Os monges rapidamente carregaram todos os bens do mosteiro em trenós e cavalos e iniciaram a dolorosa caminhada sobre o lago congelado rumo ao país livre da Finlândia. Naquele tempo havia cerca de trezentos monges no Mosteiro de Valaam. Como estavam quase morrendo de frio, decidiram acender uma fogueira. Enquanto o fogo ardia, os monges permaneciam ali, olhando de longe para o seu amado mosteiro com grande tristeza. À medida que as lágrimas escorriam por seus rostos, elas congelavam no frio do inverno.

Por fim, os monges chegaram em segurança ao país livre de perseguição da Finlândia e criaram um novo mosteiro a partir do nada. Então, durante esses tempos difíceis e sombrios, também surgiu uma perseguição dentro do próprio mosteiro. Levantou-se um movimento para “reformular” a antiga tradição da Ortodoxia e fazê-la conformar-se às modas deste mundo decaído. Todos os que se opunham ao “sistema” e à sua conformidade eram impiedosamente perseguidos. O monge Miguel recordou sua resolução de “ser firme na defesa da Ortodoxia pura” e sofreu muita perseguição.

O monge Miguel foi levado a julgamento por sua fidelidade à pureza da verdadeira Ortodoxia e, em meio ao julgamento, disse: “Podem me enterrar vivo, mas não me afastarei do testamento que me foi dado.” Após o julgamento, foi banido para uma ilha deserta. Em 1957, Miguel foi forçado a deixar o mosteiro por causa da perseguição e, com grande tristeza, mudou-se para o Mosteiro das Cavernas de Pskov, na fronteira da União Soviética.



A igreja principal do Mosteiro de Valaam, Rússia.

O ancião Miguel viveu seus últimos anos em total silêncio e reclusão, vivendo apenas para a oração.

A seguir estão relatos de encontros, diálogos e conversas com o ancião nos anos que antecederam sua morte. Suas palavras pareciam abrir o outro mundo.

Seus olhos surpreendentes, brilhantes e claros, fitavam-me. Percebi imediatamente que o padre Miguel lia meus pensamentos e conhecia meu passado.

“Pai”, perguntei-lhe, “o que o senhor pensa da morte?” O ancião respondeu:

Não existe morte. Existe apenas a passagem de um estado para outro. Para mim, pessoalmente, a vida do outro mundo é muito mais real do que a minha vida aqui.

Quanto mais o cristão vive a vida interior, mais se desapega deste mundo e, imperceptivelmente, se aproxima do outro mundo. Quando o fim chega, é fácil; o fino véu simplesmente se dissolve.

O mistério do pecado atua desde muito tempo, mas penso que agora o tempo aponta para outra direção. De fato, quantos mártires tivemos recentemente e ainda temos agora. Isso mostra quantos santos ainda estão vivos. No fim dos tempos não haverá mártires, porque a apostasia será tão vil.

“É muito difícil a vida interior?”, perguntei ao ancião.

Não, se a tomas do modo correto. Na vida interior não há linha reta. A pessoa ou sobe ou desce. Ninguém que busca conforto pode esperar alcançar a paz interior. Ele nem sequer sabe o que ela é. No mundo há muitas pessoas que são apenas cadáveres ambulantes, pensando em nada além do próprio conforto. Quando somos jovens ou mesmo de meia-idade, podemos esconder o nosso verdadeiro eu. Um idoso não pode fazer isso. Muitas vezes a revelação do verdadeiro eu de uma pessoa é assustadora.



Um jovem monge no ermo de Valaam.

É importante evitar as mesmas quedas, sejam quais forem: bebida, jogo, impureza e assim por diante. Após cada queda, o nosso arrependimento enfraquece. Acostumamo-nos aos nossos pecados e, no fim, a Graça Divina não produz mais nenhuma impressão em nós, e tornamo-nos primeiro indiferentes à vida cristã e depois violentamente hostis a Deus. Quando um homem chega a esse estado, perde a capacidade de reconhecer a própria culpa e torna-se réprobo. Por outro lado, aqueles que verdadeiramente se arrependem, mesmo caindo repetidas vezes no mesmo pecado, começam primeiro a sentir indiferença por ele e depois a odiá-lo. Gradualmente todos os pecados se tornam repugnantes para eles e tornam-se Santos de Deus. Cada um é livre para escolher o primeiro ou o segundo caminho. Aqueles que

escolhem o caminho correto devem lembrar que quanto mais cedo se começa, melhor. É difícil romper hábitos antigos. Criminosos e assassinos não nasceram assim. Não eram diferentes de ninguém, mas negligenciaram o arrependimento pelos pequenos pecados e acabaram tornando-se réprobos.

Certa vez o ancião Miguel deu-me um pedaço de papel onde estava escrito o seguinte: “Felicidade e desgraça, subida e queda, saúde e doença, glória e desonra, riqueza e pobreza; tudo vem de Deus e deve ser aceito como tal.”

Olhei para o ancião. “Essa é uma palavra dura, pai.” O ancião respondeu: Não. Muitas pessoas atingidas pela desgraça tornam-se ou deprimidas, considerando tudo perdido, ou rebeldes, acreditando que sofrem injustamente. A verdade, porém, é que Deus nos dobra a todos à Sua própria maneira, que é a melhor para os envolvidos.

Temos apenas uma fé morta. Isso é comum também aos demônios. Eles sabem que existe um Deus, mas ainda assim se opõem a Ele. Lembra-te sempre de que todas as tribulações desta vida são destinadas a nos tornar mais desapegados deste mundo. Portanto, conduzem-nos a uma vida melhor.

Vês, enquanto não temos paz de espírito, não podemos ver Deus. Somos capazes de compreender o passado dentro dos limites permitidos por Deus, mas não sabemos o que fazer agora nem o que planejar para o futuro. Se não temos paz da alma, isso significa que interiormente ainda não alcançamos um estado de inteireza e estamos cegos pelas paixões, que nos impedem de ver o mundo em sua verdadeira luz. Mas quando alcançamos a paz interior, nossas paixões são dominadas e vemos claramente quem somos e para onde estamos indo. É impossível ser um bom servo de Deus e trabalhar em Sua vinha, seja em que função for, com algum sucesso, se antes não se alcança a paz interior. As pessoas valorizam essa paz acima de tudo, mas é evidente que não podem obtê-la daqueles que não a possuem. Tantos sermões, livros e exercícios não produzem efeito porque não nascem da paz interior, da contemplação e do desapego. Mas quando alcanças a paz interior, tudo está bem, porque Deus está contigo. Somente na profunda paz interior podemos ver Deus e compreender a Sua vontade.

“O que ajuda, pai”, perguntei ao recluso, “a alcançar a paz interior?” O ancião Miguel respondeu: A paciente perseverança nas tristezas e a oração pura.



O novo mártir Hierotheus ao lado do corpo de seu amigo, o monge Serafim.

NOVOS MÁRTIRES HIERÓTEO E SERAFIM

O relato a seguir é a vida e os sofrimentos de um monge chamado Serafim e de seu amigo íntimo, o bispo Hieróteo. Eles viveram em um tempo sangrento, quando a nação russa assumiu para si o governo ateu destrutivo do comunismo. Mais de sessenta milhões de pessoas inocentes foram massacradas por causa de sua fé no Deus vivo. Todos os cristãos eram chamados de “inimigos do povo” e exterminados. Mas a Igreja perseguida desde o tempo de Cristo permaneceu viva e continua até os dias de hoje.

Serafim nasceu em 1897. Curiosamente, sua criação e sua família eram muito semelhantes aos “Karamázov” do famoso romance do escritor russo Fiódor Dostoiévski. O pai da família, que desde a juventude levava uma vida dissoluta, era leviano, e sua esposa vivia constantemente em guerra com ele. Isso criava cenas desagradáveis que tornavam o ambiente do lar opressivo.

Isso causou profunda impressão no frágil e sensível menino Serafim. Ele percebeu que seu pai vivia à mercê de suas paixões. Serafim não desejava ser assim e, por isso, começou a desenvolver sua força de vontade. Passou a estudar ioga, o que o deixou vazio. Em seguida, começou a ler os ensinamentos dos Santos Padres, que o inspiraram a assumir um modo de vida austero. Passou a dormir no chão nu e fazia frequentes peregrinações ao Mosteiro de Valaam para inspirar sua alma sedenta.

O turbilhão da revolução dispersou os membros de sua família. Nesse período, Serafim conheceu seu futuro amigo íntimo, o jovem bispo Hieróteo. O bispo ordenou Serafim sacerdote, e ele iniciou sua curta vida a serviço de Deus. Enquanto isso, a revolução prosseguia, e fiéis, sacerdotes, monges e bispos eram exterminados.

A caminho de visitar alguém, Serafim foi preso como “inimigo do povo” e sofreu as torturas habituais infligidas aos crentes pelo poder ateu. Por causa das torturas, sua saúde foi arruinada e ele desenvolveu tuberculose. Por fim, foi libertado da prisão para “morrer em casa”, o que de fato aconteceu muito em breve. Pouco antes de morrer, seu amigo íntimo, o bispo Hieróteo, tonsurou-o monge no grande esquema, que é o último grau na escada monástica de ascensão à perfeição. Ele

tinha apenas vinte e seis anos quando morreu. Um parente o descreveu assim: “Ele tinha belos olhos azul-escuros, e havia nele algo que não era deste mundo.”

O esquemamonge Serafim tinha como amigo próximo o monge e bispo Hieróteo, que foi o primeiro mártir da Igreja das Catacumbas Russa a morrer diretamente pela pureza e liberdade da Igreja de Cristo. O bispo Hieróteo era muito amado e extremamente popular entre os fiéis. Sua franqueza e sua recusa em submeter-se às autoridades ímpias conduziram-no à coroa do martírio. Em maio de 1928, um amigo o traiu e revelou seu paradeiro às autoridades. Quando os soviéticos vieram prendê-lo, o povo reuniu-se em grande número e não permitiu que o levassem. Sem hesitação, as autoridades atiraram em sua cabeça e o mataram. Assim, a recente perseguição aos amantes da verdade começou de forma violenta.

OS SESSENTA SACERDOTES-MÁRTIRES

O que segue é um relato em primeira mão de como os fiéis, diante das autoridades ateias, permaneceram firmes em sua fé diante da morte. Eis as palavras da testemunha: “Na década de 1930, viajei por toda a Sibéria em uma expedição científica. A estrada em que estávamos ficava completamente no meio do nada; não havia habitantes, apenas prisioneiros. Nos campos daquela região reinava uma tirania jamais vista. Sem motivo algum, as pessoas eram fuziladas, espancadas e açoitados. Era o tempo do comunismo na Rússia — o Estado ateu.

“As condições de vida nos campos eram terríveis; havia de sessenta a oitenta pessoas nos barracões, com duas fileiras de tábuas para dormir. Caso algum prisioneiro não cumprisse sua tarefa diária, os guardas do campo tinham o direito de fazer o que quisessem com ele. As pessoas morriam de fome e de frio.

“Era uma noite clara e silenciosa. Enquanto eu viver, jamais esquecerei esse vale. Eu sempre me lembrarei dele! Nosso doce sono da madrugada foi interrompido por uma espécie de gemido humano lamentoso. Todos nos levantamos rapidamente. Vimos uma multidão movendo-se em nossa direção; por causa da vegetação rasteira, era difícil distinguir o que estava acontecendo.

“Eram sessenta prisioneiros e, à medida que se aproximavam, pudemos ver claramente que todos estavam consumidos pela fome e pelo excesso de trabalho. Cada um trazia uma corda sobre os ombros. Eles arrastavam um trenó — um trenó no mês de julho! E sobre o trenó havia um barril de excremento humano.

“Ouvimos as palavras exatas da ordem dos guardas: ‘Deitem-se e não se movam.’ Já havia uma vala preparada para eles. Os sessenta mártires eram sacerdotes. No silêncio da manhã de julho, as vozes fracas de muitos dos padres eram claramente audíveis. Um dos executores perguntava aos sacerdotes que estavam junto à vala, um por um: ‘Você está dando seu último suspiro; diga-nos, existe Deus ou não?’ A resposta dos mártires era firme e confiante: ‘Sim, existe Deus!’

“O primeiro tiro ecoou. Sentados nas tendas, nossos corações dispararam... Um segundo tiro soou, depois um terceiro, e mais outros. Os sacerdotes eram conduzidos um a um até a vala; os executores, de pé junto a ela, perguntavam a cada sacerdote: ‘Existe Deus?’ A resposta era sempre a mesma: ‘Sim, existe Deus!’”



O monge-sacerdote Gabriel com as freiras do convento onde é o pai espiritual.

HIEROMONGE GABRIEL

Gabriel nasceu perto do Mar Negro, no país da Geórgia, que até pouco tempo atrás esteve sob a opressão da autoridade ateísta do comunismo. O relato a seguir trata da perseguição sofrida pelo monge Gabriel por causa da verdade, ocorrida neste século, em nossos próprios tempos.

Tudo aconteceu no ano em que Stálin morreu. Gabriel era então um jovem hieromonge. Havia um comício na praça central de Tbilisi (a capital da Geórgia), e os oradores do governo estavam ali. Atrás deles, na lateral do edifício, sempre pendiam cartazes dos líderes do partido em tamanho gigante, com dois andares de altura. No auge do comício, quando toda a praça estava lotada e um membro do governo fazia um discurso, de repente o enorme retrato de Stálin irrompeu em chamas. O monge Gabriel havia conseguido entrar no andar superior do edifício governamental, abriu uma janela, despejou querosene na parte de trás dos retratos e então ateou fogo. O retrato de Lênin também ardeu imediatamente.

O horror tomou conta da praça: todos ficaram paralisados de medo, e tudo se fez silêncio. Enquanto as imagens dos líderes estavam em chamas, da janela do segundo andar o padre Gabriel fez este discurso: O Senhor disse: “Não farás para ti ídolos nem imagens esculpidas... Não terás outros deuses!” Povo, voltai à razão! O povo desta terra sempre foi cristão. Então por que vos prostrais diante de ídolos? Jesus Cristo morreu e ao terceiro dia ressuscitou... Mas os vossos ídolos fundidos jamais ressuscitarão. Mesmo durante a vida, eles já estavam mortos.

É impossível imaginar como permitiram que ele pronunciasse ainda outra frase!

As portas do edifício governamental haviam sido trancadas; ele havia entrado no sótão mais cedo e permanecera ali até o início do comício. De fato, não demoraram a tirá-lo dali: trouxeram carros de bombeiros e ergueram escadas.

Quando o trouxeram para baixo, a multidão caiu sobre ele, rompendo todas as barricadas. Chutavam-no, batiam nele com fuzis, açoitando-o com mangueiras de incêndio. Gritavam: “Deixem-me

acabar com esse piolho!” Cada pessoa queria pisotear o “inimigo do povo” com os próprios pés, para demonstrar seu zelo. Os bombeiros o arrastaram para longe.

A razão pela qual não o fuzilaram foi porque o carregaram como se fosse um cadáver. Seu rosto não podia ser reconhecido; era uma massa ensanguentada. Seu crânio estava fraturado, e havia dezessete ossos quebrados em seu corpo. Ele permaneceu quase inconsciente por um mês. Durante todo esse tempo esteve às portas da morte, mas não morreu.

Quando, após vários anos, foi libertado, foi uma bênção que ainda tivesse uma mãe. Ambos passaram a viver juntos, e ele foi oficialmente declarado louco. Ninguém o aceitava em casa para ganhar algum dinheiro; em todos os lugares as pessoas o conheciam e tinham medo dele. Nem ele nem sua mãe podiam aparecer fora de casa durante o dia; se o fizessem, os vizinhos soltavam os cães contra eles. Durante vários anos ele pôde ser visto nos degraus de uma igreja, com a mão estendida. Gabriel passou muitos anos dessa forma, rejeitado, abandonado e odiado, mas em tudo isso jamais esqueceu seu ideal. Ele se isolava em um pequeno buraco que cavara na encosta de um rochedo e frequentemente rezava até as lágrimas. Se não fosse por seu amor indestrutível por Deus, teria enlouquecido. Anos depois de ter incendiado os retratos ateus, quando o ancião Gabriel foi questionado sobre sua manifestação de queimar os “ídolos”, respondeu o seguinte: Eles ergueram um ídolo e queriam que as pessoas se prostrassem diante dele. Isso é um tipo do Anticristo, uma imagem de um homem — ou melhor, de uma besta — e queriam dar-lhe a honra que pertence somente a Deus. Eu não podia permitir que isso continuasse.

Depois que o tempo da perseguição aos fiéis chegou ao fim e o desejo por respostas espirituais para este mundo ensanguentado surgiu no coração das pessoas, muitos começaram a procurar o hieromonge Gabriel em busca de direção espiritual. Ele então se tornou ancião e pai espiritual de muitas pessoas, inclusive de todo um mosteiro de monjas. Todo o sofrimento que viveu e suportou com amor abriu para ele o outro mundo. Por meio de seu sofrimento pela verdade, o Deus da verdade aproximou-se dele e o reino espiritual se abriu diante dele.

A seguir estão algumas palavras do ancião Gabriel que revelam a intensidade de sua vida de sofrimento e seu amor abnegado pela verdade:

Tudo o que há de mau no homem é apenas accidental. Não desprezes ninguém, mesmo que vejas pessoas assim: assustadoras, imundas, bêbadas e blasfemando com linguagem obscena. A imagem de Deus permanece nelas, em um nível profundo, do qual talvez elas próprias não tenham consciência. É simplesmente que o inimigo profana essa imagem e a cobre de sujeira.

É difícil ver a imagem de Deus naqueles que te insultam, que aparecem na imagem de uma besta. Mas é preciso ter ainda mais compaixão deles, pois suas almas estão deformadas, talvez além de reparo, para o tormento eterno... Como é difícil amar os inimigos.

O ancião Gabriel sofreu muito pela fé e continua a sofrer como um raro exemplo de permanecer na verdade, custe o que custar.



Arcebispo João Maximovitch

ARCEBISPO JOÃO MAXIMOVITCH

João nasceu em 1896 em uma aldeia no sul da Rússia. Durante os anos da revolução, João e sua família evacuaram para a Sérvia. Ele foi tonsurado monge e, pouco depois, ordenado sacerdote.

As pessoas começaram a notar que ele ficava acordado até tarde da noite, depois que todos já estavam dormindo. Então descobriu-se que ele quase não dormia e nunca em uma cama, permitindo-se apenas uma ou duas horas por noite de descanso desconfortável, sentado ou curvado no chão em oração. Anos depois, ele próprio admitiu que, desde o tempo em que se tornou monge, não dormira deitado em uma cama.

Aos trinta e oito anos de idade, o monge João foi feito bispo, sucessor dos Apóstolos, e enviado a Xangai, na China, para ajudar o povo sofredor de lá. Ao ver em Xangai muitas crianças sem teto, iniciou um orfanato com pouquíssimos recursos. Recolhia crianças doentes e famintas das ruas, becos escuros e favelas de Xangai, alimentava-as, vestia-as e lhes dava amor.

Nas favelas de Xangai, havia casos em que cães devoravam bebês que haviam sido jogados em latas de lixo. Certa vez, quando João saiu para procurar crianças sofredoras, comprou uma garrafa de bebida alcoólica e caminhou destemidamente pelas ruas perigosas das favelas. A pessoa que o acompanhava ficou completamente confusa sobre o motivo de um monge comprar uma garrafa de bebida. Ele parou diante de uma lata de lixo, olhou dentro e encontrou um recém-nascido chorando no lixo. Quando estendeu a mão para pegá-lo, ouviu uma voz rosnando de um canto escuro de um prédio. João dirigiu-se à figura e ofereceu a garrafa de bebida em troca da criança. Naquela noite, retornou ao orfanato com dois bebês nos braços.

João entregou sua vida à juventude sofredora e marginalizada de tal maneira que alguns diziam que ele se crucificou por seus órfãos. Certa vez, um menino chegou ao orfanato vindo do nada. A criança havia testemunhado seu pai e sua mãe serem mortos e esquartejados por ateus diante de seus próprios olhos. Por causa do trauma, o menino não conseguia falar. Era como um animal acuado, temia a todos e confiava apenas nos próprios punhos. Quando João chegou, sentou-se diante do menino, que ainda tremia, e lhe disse: “Eu sei que você perdeu seu pai,

mas agora encontrou um — eu”, e o abraçou. Isso foi dito com tamanha força que o menino caiu em lágrimas e começou a falar.

Certa vez, no meio da noite, uma das mulheres que ajudavam João com os órfãos decidiu subir à torre do sino. Estava frio e ventava forte. Ao abrir a porta, viu João em profunda e concentrada oração, congelando, tremendo na tempestade. Ele sofria em oração por seus órfãos e pelo terrível estado do mundo inteiro enquanto o mundo dormia.

Após muitos anos sofrendo com o povo sofredor da China, o arcebispo João foi convidado a mudar-se para a Califórnia para construir uma igreja ortodoxa ali. Com grande dificuldade, providenciou para que todos os seus órfãos fossem com ele para São Francisco.

Logo ficou evidente que o núcleo de seu ascetismo era a oração e o jejum. Ele comia apenas uma vez por dia, por volta das 23 horas, e às vezes passava uma semana inteira sem comer. Suas noites geralmente eram passadas em oração e, quando exausto, caía no chão e roubava algumas horas de sono. Quando chegava a hora de se levantar, alguém tocava em seu ombro, e ele se erguia imediatamente, sendo visto poucos minutos depois, com água fria escorrendo por sua barba, mas totalmente desperto.

Apesar da desaprovação das figuras “importantes” da Igreja, João era frequentemente visto brincando com crianças. Parecia gostar mais de estar com crianças do que com os “importantes” da Igreja. Em resumo, não se preocupava com o que pensavam dele. Andava descalço na chuva e na neve, não dava atenção aos seus longos cabelos grisalhos, sempre desalinhados, e não se preocupava com a aparência exterior. Tudo o que importava para ele era o mundo interior.

O arcebispo João frequentemente fazia coisas que pareciam loucura aos olhos do mundo. Não se importava com o que pensavam dele, mas vivia como se não fosse deste mundo. Certa vez, ao viajar pela Europa, entrou diretamente em uma rua movimentada e começou a entoar o antigo ofício memorial pelos mortos. Enquanto as pessoas que estavam com ele permaneciam perplexas, a polícia chegou e interrompeu o trânsito para que ele pudesse continuar o ofício. Depois lhe perguntaram por que fizera algo tão insensato, e ele respondeu que

naquele ponto da rua um homem havia sido morto e ele queria rezar ali por sua alma.

Como os pensamentos de João estavam no outro mundo, ele parecia tolo e até louco para aqueles cujos corações estavam limitados a este mundo. Por causa de sua oração abnegada e de seu amor por Deus e pela humanidade, recebeu o dom de enxergar o coração das pessoas. Muitas vezes respondia a uma pergunta antes mesmo que ela fosse feita. Também percebia a necessidade de alguém, às vezes a grandes distâncias, e inesperadamente a supria, deixando todos admirados.

Certa vez, em Xangai, durante a guerra, uma mulher muito próxima de João estava morrendo. Eram cerca de dez ou onze horas da noite, e havia uma tempestade do lado de fora, com vento e chuva. Em sua agonia, ela clamou para que João viesse ajudá-la em seu estado de morte. Os médicos foram até ela e disseram que isso era impossível, pois era tempo de guerra e o hospital estava trancado durante a noite. Mesmo assim, ela continuou clamando por João, mas ninguém pôde avisá-lo de seu desejo.

Então, no silêncio da noite, enquanto a tempestade rugia do lado de fora, na porta aberta da enfermaria apareceu João, todo molhado, e aproximou-se de sua amiga agonizante. Como sua chegada tinha algo de milagroso, ela começou a se certificar de que ele era real. Ele sorriu e disse calmamente: “Eu sou real.” A mulher então adormeceu. Dezoito horas depois, ela despertou sentindo-se bem e atribuiu isso à aparição noturna de João. Ninguém acreditou nela, dizendo que ele não poderia ter entrado em um hospital trancado em uma noite como aquela. Então ela perguntou à doente no leito ao lado se tinha visto João, e esta confirmou sua aparição.

Outra visita milagrosa ocorreu quando ele estava na França. Antes de sua chegada inesperada, sua amiga olhava pela janela e viu um objeto estranho diante de sua porta, que parecia um pedaço de cano. Enquanto ela saía pela porta para ver o que era aquele objeto, a campainha tocou, e ali estava João.



O Arcebispo João caminhando por um cemitério em Nova York com outros dois monges.

Ele entrou e seguiu pelo corredor, sem dizer uma palavra. Depois sentou-se em uma poltrona. Ele permaneceu em silêncio, e ela também ficou em silêncio, sem saber o que dizer. Após cerca de cinco minutos sentado, levantou-se e foi embora. Ela ficou ali, perplexa, perguntando-se qual teria sido o significado de tudo aquilo.

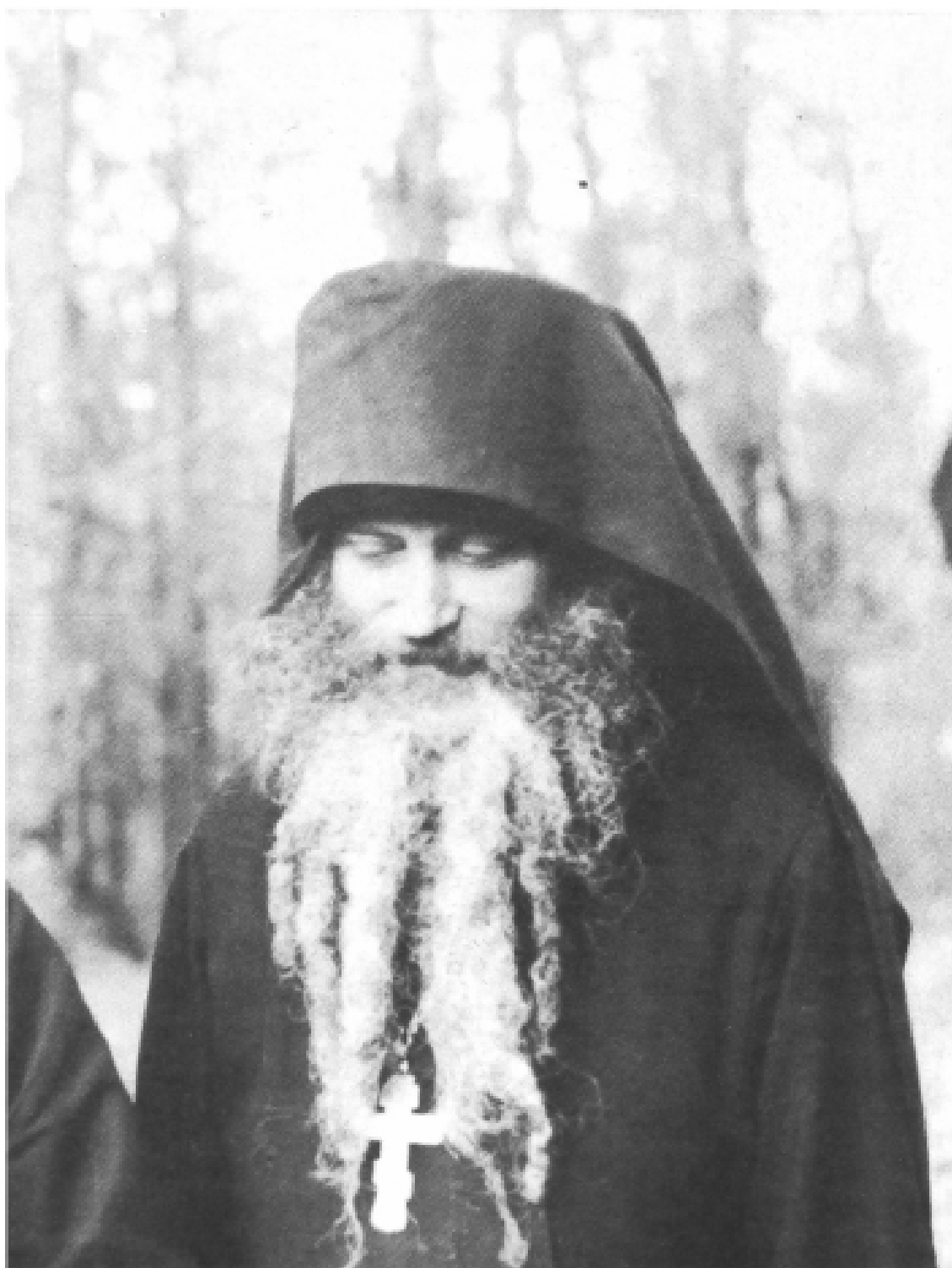
Então sua atenção foi novamente atraída para a janela da frente, onde, do lado de fora, um caminhão havia parado e um grupo de policiais estava trabalhando. Alguns homens, com muito cuidado, apanharam o cano, colocaram-no no caminhão e partiram cautelosamente.

Naquela época, em Paris, havia muitos atentados terroristas, e aquele objeto era uma das bombas. Depois que a mulher saiu e descobriu isso, compreendeu a visita misteriosa de João — sua ação silenciosa para salvar-lhe a vida. Deus lhe havia revelado isso.

Quando o arcebispo João estava em idade avançada, ocorreu um incidente que revelou seu mundo interior. Para entrar secretamente em seu mundo oculto em comunhão com Deus, o arcebispo João costumava fechar a porta do altar na igreja e passar ali horas sozinho em oração. Certa vez, um dos homens de sua igreja viu que a porta do altar estava aberta e decidiu fazer-lhe uma pergunta. Ao espiar para dentro do santuário, foi tomado de medo.

Ele viu diante de si o pequeno ancião de Deus, na escuridão, envolto por uma luz que não era deste mundo, e seus pés não tocavam o chão. Viu João na luz incriada, que é uma visão do mundo vindouro — o Céu.

Incidentes como esses são incontáveis: suas lágrimas em oração, o salvamento de vidas, sua vida ascética extrema e seu amor imortal pela verdade. Ele deixou este mundo em 1966, e seu corpo — carne, cabelos e ossos — sem qualquer meio humano de preservação, permanece totalmente intacto. Por meio do sofrimento, alcançou um alto grau de pureza e justiça, a tal ponto que não apenas sua alma atingiu a incorruptibilidade, mas também o seu corpo.



Monge Serafim Rose

MONGE SERAFIM ROSE

Serafim nasceu em uma típica família americana branca de classe média, em San Diego, em 1934. Após o ensino médio, começou a buscar a verdade e, não a encontrando na sociedade em que havia sido criado, passou a se rebelar.

Ele rejeitou o “cristianismo” da América, que considerava mundano, fraco e falso, pois para ele parecia que colocavam Deus dentro de uma caixa. Assim, voltou-se para os escritos do profeta louco Nietzsche, até que suas palavras começaram a ressoar em sua alma com poder infernal. Então caiu em total desespero, que descreveu anos depois como um inferno vivo.

Sentia que não se encaixava no mundo moderno, nem mesmo em sua própria família, que não o compreendia. Era como se tivesse nascido no lugar e no tempo errados. Gostava de vagar sob as estrelas, mas sentia que não havia nada ali que o acolhesse — nenhum Deus, nada. Então começou a beber para aliviar a dor.

Serafim passou a seguir os passos de um homem que certa vez conheceu, chamado Jack Kerouac, um dos fundadores da “geração beat”. Serafim ficava completamente bêbado e batia no chão, gritando para que Deus o deixasse em paz. Certa vez, embriagado no topo de uma montanha, levantou o punho para o céu, amaldiçoou Deus e O desafiou a condená-lo ao inferno.

Em seu desespero, parecia valer a pena ser condenado para sempre, contanto que pudesse saber que Deus existe, em vez de permanecer em um estado de indiferença. Se Deus o condenasse ao inferno, ao menos naquele momento de êxtase ele sentiria o toque de Deus e saberia com certeza que Ele era alcançável.

Anos depois, Serafim escreveu: O ateísmo, o verdadeiro “ateísmo existencial”, ardendo de ódio contra um Deus aparentemente injusto ou impiedoso, é um estado espiritual; é uma tentativa real de lutar com o verdadeiro Deus, cujos caminhos são tão inexplicáveis até mesmo para os homens mais crentes, e mais de uma vez se soube que termina em uma visão ofuscante d’Aquele a quem o verdadeiro ateu realmente busca. É Cristo quem atua nessas almas. O Anticristo não se encontra nos grandes negadores, mas nos pequenos afirmadores, cujo Cristo está

JUVENTUDE DO APOCALIPSE

apenas nos lábios. Nietzsche, ao chamar a si mesmo de anticristo, provou assim sua intensa fome por Cristo.



Serafim antes de se tornar monge.

Serafim começou a estudar com um dos fundadores da contracultura dos anos 50 e 60, Alan Watts, e tornou-se um “boêmio” budista em São Francisco. Ele se tornou fluente em chinês para poder estudar o Tao Te Ching e outros antigos textos orientais em sua língua original, esperando alcançar o coração de sua sabedoria. Mas ainda assim não encontrou a plenitude da verdade pela qual tanto sofria. Descobriu que o “nada” budista o deixava vazio.

Serafim vinha buscando a verdade com a mente, mas ela lhe escapava. Ao pesquisar diversas tradições religiosas antigas, certa vez visitou uma igreja cristã ortodoxa oriental. Mais tarde ele escreveu sobre sua experiência: “Durante anos, em meus estudos, eu me satisfazia em estar ‘acima de todas as tradições’, mas de algum modo fiel a elas... Quando visitei uma igreja ortodoxa pela primeira vez, algo aconteceu comigo que eu não havia experimentado em nenhum templo budista ou outro templo oriental; algo em meu coração disse que eu estava em casa; que minha busca havia terminado. Eu realmente não sabia o que isso significava... Com meu contato com a Ortodoxia e com pessoas ortodoxas, uma nova ideia começou a entrar em minha consciência: que a verdade não era apenas uma ideia abstrata, buscada e conhecida pela mente, mas algo pessoal — até mesmo uma Pessoa, buscada e amada pelo coração. E foi assim que conheci Cristo.”

Ao tornar-se cristão ortodoxo, Serafim continuou a desprezar o mundo moderno e não esperava nada dele; buscava apenas escapar dele. Ele desejava uma fé ascética que não buscasse desejos e confortos terrenos, mas antes a redenção por meio de intenso sofrimento na terra.

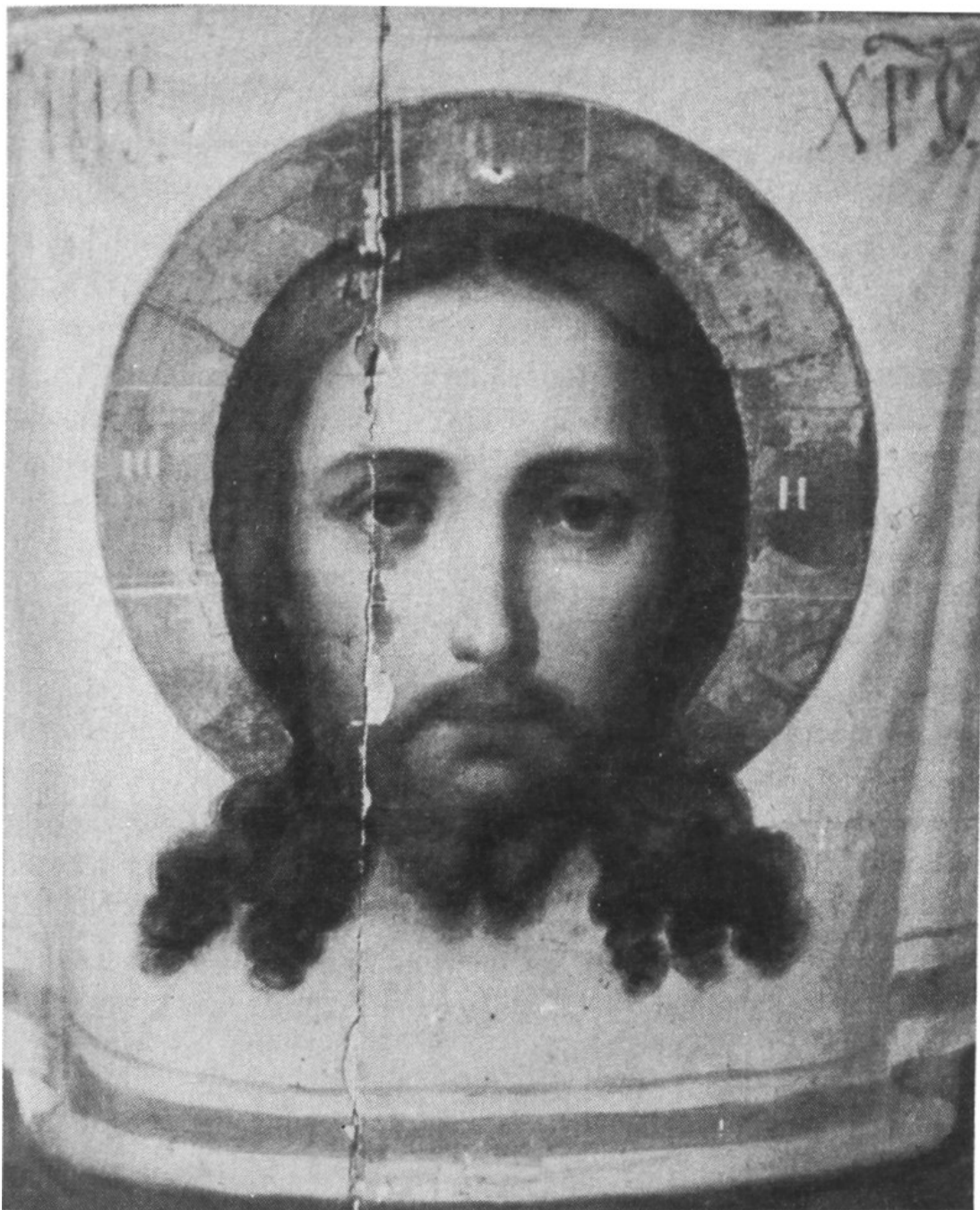
Em seu diário, Serafim escreveu: “Não esperemos, nós que queremos ser cristãos, nada além de ser crucificados. E devemos ser crucificados exteriormente, aos olhos do mundo; pois o Reino de Cristo não é deste mundo, e o mundo não pode suportá-lo, nem por um só momento. O mundo só pode aceitar o anticristo, agora ou em qualquer tempo.”

Antes de encontrar a verdade, Serafim sofria por sua ausência. Agora, tendo-a encontrado, sofria por causa dela. Ele dedicou o resto de sua vida a viver essa verdade e a matar-se a si mesmo para entregá-la aos outros. Juntamente com um jovem russo chamado Germano, formou uma Irmandade com o nome de São Germano do Alasca, com

o objetivo de um dia estabelecer o mosteiro na Ilha Spruce que São Germano havia profetizado. Juntos, começaram a viver segundo o ideal que o monge do Mosteiro de Valaam havia trazido à América tanto tempo antes. Começaram a viver pela missão da Verdade Ortodoxa.

Como os dois amigos viviam na região de São Francisco, tinham como pai espiritual o santo Arcebispo João. Foi com suas orações e bênção que os dois amigos iniciaram sua irmandade missionária. Juntos, abriram uma livraria e começaram a traduzir antigos textos espirituais que nunca antes haviam sido publicados em inglês. Adquiriram uma antiga prensa tipográfica manual e começaram a imprimir esses textos espiritualmente poderosos. Inspiravam-se para continuar seu trabalho abnegado nas vidas dos santos, como Santo Antão do Egito, São Paisios, Xênia e até mesmo o contemporâneo São Arcebispo João. O Arcebispo João, antes de sua morte, fez uma declaração enigmática: que na Califórnia haveria um mosteiro missionário. Suas palavras mostraram-se proféticas.

Cansados até a morte da cidade e do mundo, os dois amigos compraram um pedaço de terra na região selvagem do norte da Califórnia, perto da cidade de Platina, e para lá transferiram sua operação de impressão. Começaram a viver como os eremitas do deserto dos tempos antigos.



Este ícone de Cristo do Mosteiro de Valaam foi entregue à Irmandade pelo Ancião Miguel para a tonsura dos monges.

Não havia água encanada, nem telefone, nem linhas elétricas. Eles mesmos construíram os edifícios e viviam entre ursos, morcegos e cobras cascavéis.

Em 1970, os dois amigos tornaram-se monges, morrendo assim para sempre para o mundo. Como monge no deserto, o espírito de Serafim começou a voar alto. Certa vez, o monge Serafim escreveu: “A cidade é para aqueles que estão vazios, e ela afasta os que estão cheios. O deserto guarda os que estão cheios e lhes permite florescer.” No deserto, longe do tumulto do mundo, os dois amigos estavam unidos em alma, sacrificando-se pelo ideal — que o cristianismo antigo, apostólico e de outro mundo fosse tornado acessível à América. Assim, um mosteiro missionário ortodoxo foi estabelecido em cumprimento da profecia do Arcebispo João.

Trabalhando à luz de velas em sua pequena cabana, o monge Serafim escreveu muitos livros sobre o estado espiritual do mundo moderno e traduziu antigos textos sobre a vida espiritual para o inglês. Nos países que naquela época estavam atrás da Cortina de Ferro, seus escritos sobre a condição do homem moderno, o significado do sofrimento e a alma após a morte tiveram um impacto incalculável em milhões de vidas. Durante a era comunista, seus escritos eram secretamente traduzidos, datilografados à mão e distribuídos pela imprensa clandestina. Podia-se ser morto apenas por possuir um desses manuscritos, quanto mais por lê-los e vivê-los.

A mensagem do monge Serafim sobre o cristianismo clandestino, sobre o sofrimento e a perseguição neste mundo por causa da verdade, tocou profundamente as pessoas que estavam sendo crucificadas pelo Estado ateu. Mas sua mensagem não se aplica apenas a elas; ela também desferiu um golpe devastador naqueles que estão satisfeitos com o mundo e suas instituições.

A seguir está o relato de um estudante universitário que conheceu Serafim Rose em seu campus em 1982. Pouco depois de conhecer o padre Serafim, ele se uniu à sua irmandade e tornou-se monge.



Os monges-sacerdotes Serafim e Germano em seu mosteiro na região selvagem da Califórnia.

Encontrei o padre Serafim um ano e meio antes de sua morte. Assim como ele, eu vinha buscando a realidade por meio das religiões orientais, mas havia sido reduzido ao desespero. Então, certo dia, o padre Serafim veio ao campus universitário onde eu estudava. Ele chegou dirigindo uma velha caminhonete toda surrada e saiu vestindo sua batina preta gasta, com os cabelos longos e uma barba grisalha extremamente comprida e emaranhada. Mais tarde descobri que ele não tomava banho desde o dia em que se tornou monge. Ele era a imagem da pobreza total.

A próxima coisa de que me lembro é de caminhar com o padre Serafim pelo campus da faculdade. Todos olhavam para ele, mas ele andava com naturalidade, como se estivesse em casa. No meio daquela universidade progressista, ele parecia alguém que tivesse acabado de sair do deserto do quarto século.

O padre Serafim foi até uma sala de palestras e fez uma exposição chamada “Sinais da aproximação do fim do mundo”. Eu podia ver que ele era pelo menos tão erudito e muito mais sábio do que qualquer um dos meus professores, e, ainda assim, era claramente um homem do deserto. Só mais tarde descobri que, em certa época, ele havia sido professor de chinês na U.C. Berkeley.

O que mais me impressionou no padre Serafim foi que ele era um homem que se sacrificava totalmente por Deus. Ele não era um professor universitário que ganhava muito dinheiro, nem um líder religioso em busca de poder. Era apenas um simples monge que desejava a verdade acima de todas as coisas. Eu sei que ele morreria pela verdade, pois ele já estava morrendo por ela.

Em meio à escrita e à tradução de livros, o padre Serafim de repente adoeceu gravemente, à beira da morte. Certa noite, após um dia de grandes dificuldades, o padre Germano foi até ele. O padre Serafim estava sentado e ergueu o olhar para o amigo. O padre Germano começou a desabafar, dizendo como eles estavam se consumindo para espalhar a Ortodoxia e que ninguém parecia se importar. O padre Germano reclamou: “Não tenho ninguém para me ajudar”, e, vendo o estado doentio do padre Serafim, acrescentou: “e eu nem sequer tenho você”. O padre Serafim levantou a cabeça e sussurrou: “Você me terá no Paraíso”.

Em 1982, o padre Serafim aproximou-se de sua morte. Sua hora havia chegado. Enquanto jazia em um leito de hospital, em agonia, o padre Germano pediu sua bênção e consentimento para estabelecer um mosteiro na Ilha de São Germano, no Alasca, o objetivo de toda a vida deles. O padre Serafim disse com dolorosa alegria: “Que Deus o abençoe”, e pouco depois morreu, deixando seu amigo sozinho. A busca de toda a vida do monge Serafim pela Verdade, que começou no sofrimento, terminou no Céu, o que se revelou como o início da vida eterna.



O monge-sacerdote Nestor, o novo mártir.

SACERDOTE-MONGE NESTOR

Em 1960, Nestor Savchuk nasceu na província da Crimeia, no sul da Rússia. Ele nunca foi próximo de sua família, mantendo-se sempre distante deles. À medida que crescia, começou a canalizar toda a sua energia para a luta livre, o boxe e as artes marciais. Possuía uma percepção aguçada e destacava-se entre seus pares.

Nestor também tinha um lado artístico, sendo um pintor talentoso. No início dos seus vinte anos, viajou para Odessa para trabalhar como aprendiz na pintura de murais religiosos. Em Odessa, tornou-se amigo de artistas mais velhos, que começaram a inspirá-lo com histórias de homens e mulheres justos que haviam glorificado a Deus por meio de seus trabalhos corajosos nos mosteiros da Rússia ao longo dos últimos mil anos. Era o início da década de 1980, a Rússia era comunista, e a antiga fé cristã ortodoxa havia sido praticamente esquecida pelo povo russo. De repente, uma faísca foi acesa no coração de Nestor. Ele começou a arder com o desejo de fugir da vaidade do mundo e reencontrar suas antigas raízes cristãs.

Tomando a decisão de entregar sua vida inteiramente a Deus, Nestor deixou Odessa e foi para o antigo Mosteiro de Pochaev, do século XIII. Ali, começou a trabalhar como monge com dedicação de coração. Pela providência divina, Nestor descobriu que tinha dois tios-avôs há muito tempo perdidos que serviam no mosteiro. Um era um padre casado que vivia com sua família na cidade, e o outro era um monge idoso muito venerado, conhecido por sua vida justa.

Naquela época, os mosteiros na Rússia comunista eram controlados pelo governo. Todos os monges eram obrigados a se registrar junto ao Estado, que era ateu. Nestor, sendo contrário ao ateísmo, nunca se registrou. Em meados da década de 1980, o governo começou a perseguir o mosteiro — alguns monges foram enviados para campos de prisão, enquanto outros simplesmente “desapareceram”.

Como não estava registrado junto ao Estado, Nestor sabia que seria preso ou morto se fosse encontrado pelos oficiais do governo. Assim, continuou lutando em condições semelhantes às de uma guerra, vivendo escondido como um monge “ilegal”. Nestor, possuidor de uma

alma forte e corajosa, logo foi ordenado sacerdote-monge em idade extremamente jovem.

Com o tempo, as condições no Mosteiro de Pochaev tornaram-se tão severas que a maioria dos monges havia partido, sido levada para campos de prisão ou morta. Sem saber o que fazer, Nestor voltou-se para seu pai espiritual, o ancião João Kristiankin, que lhe disse para ir à aldeia isolada de Zharky. Seguindo esse conselho como orientação divina, Nestor partiu através da vasta extensão do interior da Rússia.

Após uma longa jornada, Nestor chegou à pequena aldeia de Zharky. Cercada por uma imensa região selvagem e com estradas alagadas no inverno, Zharky só era acessível durante os meses de verão. Poucos fiéis ainda permaneciam na aldeia. Ao chegar àquele lugar desolado no interior da Rússia, Nestor foi diretamente à igreja onde iria servir. Ela era antiga e deteriorada, mas possuía muitos ícones antigos. A inspiração original de Nestor viera das imagens religiosas, e mais tarde ele morreria por essas imagens antigas (ícones) de Cristo e dos santos. Desde que se tornara monge, seu coração ardia por Cristo e pelo outro mundo que eles representavam. Nestor olhava para os ícones e imagens de Cristo de maneira singular. Ele não via madeira e tinta, mas seu coração era transformado, e ele sentia dentro de si o Reino eterno de Deus. Compreender o ícone de Cristo é compreender a encarnação de Deus.

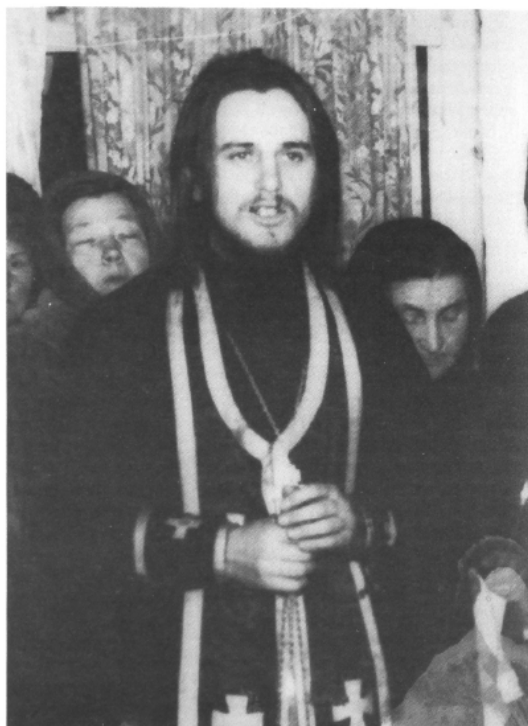
Certa vez, dois loucos-por-Cristo haviam sido martirizados naquela igreja. Antes de serem mortos, profetizaram dizendo: “O sacerdote que servir aqui até o fim será salvo”. Sem conhecer a profecia, mas sentindo uma atmosfera mística na antiga igreja, Nestor disse imediatamente que amava aquele lugar de todo o coração e que desejava permanecer ali pelo resto de sua vida.

Como acontece com aqueles que buscam a justiça, o sofrimento aguardava Nestor. A polícia o alertou sobre uma quadrilha de roubo de ícones comandada pela máfia russa — gângsteres de Odessa que roubavam ícones de igrejas rurais e os vendiam no mercado negro por grandes quantias de dinheiro. Quase todas as igrejas da região já haviam sido saqueadas.

Outras dificuldades vieram de arruaceiros locais que o perseguiam por ele ser sacerdote. Certo dia, Nestor prendeu seus longos

cabelos e barba, como costumava fazer ao viajar para não chamar atenção, e seguiu para o ponto de ônibus levando alguns documentos importantes. No ponto, três jovens bêbados se aproximaram e começaram a provocá-lo. “Mostre sua cruz”, zombavam, tentando meter as mãos por baixo de seu casaco para alcançá-la. Para não permitir que profanassem sua cruz, Nestor foi forçado a desviar as mãos deles. Sem saber que ele era treinado em artes marciais, os jovens tentaram atacá-lo. Mas ele desviava dos golpes, fazendo a luta parecer mais uma dança. De repente, lembrando-se de que seus documentos estavam desprotegidos, Nestor hesitou; nesse momento, recebeu um golpe no olho. Logo a polícia chegou, mas Nestor pediu que deixassem os jovens irem embora. Ele não havia esquecido que também fora, um dia, um jovem rebelde. Um mês depois, o jovem que o havia atingido no olho foi até sua casa para pedir perdão. Após conversarem por algum tempo, o jovem André decidiu unir-se a ele, mudou-se para sua casa e começou a seguir seu rigoroso modo de vida.

Com seu zelo juvenil, ele trouxe vida à aldeia desolada de Zharky. Nestor também passou a viajar para várias outras igrejas da região ao redor, ajudando todos os necessitados, cristãos ou não. Para o povo russo, o jovem Nestor era um lembrete vivo de suas antigas raízes cristãs.



Além de seu trabalho abnegado em favor dos outros, Nestor mantinha uma vida austera de oração. Depois de viajar para visitar seus filhos espirituais em outras aldeias, Nestor voltava para casa caminhando à noite. Ele não gostava de viajar de carro; essas caminhadas noturnas eram o único tempo que tinha para si mesmo. Mesmo através da neve do inverno, caminhava até doze milhas para chegar em casa. Esse era seu tempo de estar a sós com Deus; ele se imergia na oração, perdendo a noção do tempo. Nestor retornava então para casa para cumprir sua rigorosa regra de oração, que consistia em horas de canto de antigos hinos e de oração de joelhos com lágrimas.

Com o tempo, Nestor viajou para a zona de guerra da Abkházia, na Geórgia (um pequeno país que faz fronteira com o sul da Rússia, anteriormente parte da União Soviética), a fim de ajudar o povo que sofria ali e difundir a luz e a verdade de Cristo. Ele começou a florescer nas condições de guerra, e nele nasceu o sacrifício supremo que um cristão pode oferecer — o desejo de ser martirizado pela fé em Cristo. Sabendo que a morte era iminente naquela terra hostil da Abkházia, Nestor sentiu-se atraído a permanecer ali. Seu pai espiritual na Rússia, porém, orientou-o a voltar para a aldeia de Zharky, dizendo-lhe: “Uma mãe abandonaria seus próprios filhos para criar os filhos de outra?” Nestor compreendeu que precisava retornar aos seus próprios filhos espirituais.

Ao voltar para a Rússia, Nestor encontrou ainda mais dificuldades e até perseguição. A igreja foi roubada várias vezes, pegou fogo uma vez, e Nestor chegou a sofrer inveja e discórdia vindas do próprio povo. Certa vez ele disse a um amigo que eram justamente aqueles a quem mais havia dado que mais o afligiam.

Em 1993, três monges foram assassinados no famoso Mosteiro de Optina, no centro da Rússia. No século XIX, Optina fora a capital espiritual da Rússia Ortodoxa, renomada por sua linhagem de anciãos espirituais que remontava a São Paisios Velichkovsky. Multidões de pessoas, incluindo os escritores Dostoiévski, Tolstói e outros, acorriam ao Mosteiro de Optina em busca de orientação espiritual dos grandes anciãos. Os três monges foram esfaqueados até a morte na noite da Páscoa, durante a celebração da Ressurreição de Cristo. A autópsia mostrou o que parecia ser um assassinato ritual — cada um tivera a

garganta cortada, e as facadas seguiam um padrão específico. Um punhal manchado de sangue foi encontrado no terreno do mosteiro com o número 666 inscrito na lâmina. Mais tarde, um homem confessou os assassinatos e admitiu que os crimes faziam parte de um ritual de uma seita satânica, e que havia deliberadamente matado os três melhores monges do mosteiro.

Nestor frequentemente falava dos mártires de Optina com grande reverência, e tornou-se evidente que ele ansiava por segui-los. Ele próprio desejava uma coroa de mártir. Certa vez, um amigo tentou aconselhá-lo, dizendo que era melhor ser longânimo e suportar as provas tediosas da vida. A isso Nestor respondeu: “Sabe, meu amigo, tenho um desejo tão ardente de receber uma coroa de mártir porque levei uma vida dissoluta quando jovem e vivi apenas para mim mesmo. Como posso retribuir a Deus pelo que Ele me deu?” O amigo suplicou: “É ousado demais desejar o martírio; é preciso sofrer por muito tempo.” Nestor respondeu novamente: “Sim, eu entendo isso, mas talvez, se eu rezar pelo martírio — talvez eu consiga rezá-lo até que aconteça.”

De fato, Nestor agora ardia com aquele fogo da fé que queima pelo outro mundo. Ele via a morte não como o fim da vida, mas como um começo. Sua fé era profunda — a ponto de ele ter começado a rezar pelo sofrimento e até pela morte, não como fuga deste mundo, mas para ser misticamente crucificado com Cristo.

Mais uma vez a igreja foi roubada. Desta vez, Nestor já não aguentava mais — sua pobre igreja estava sendo extorquida. Ele precisava fazer algo. Rapidamente, percebeu marcas de pneus na neve que levavam a uma estrada de terra na floresta e começou a segui-las. À distância havia um carro estacionado. Para esconder o fato de que era monge, Nestor retirou o capuz monástico, levantou o manto e aproximou-se do carro cambaleando e gritando como se estivesse bêbado. Dentro do carro estava um gângster, que imediatamente saltou e o atacou. Mais uma vez, a experiência de Nestor nas artes marciais veio em seu auxílio, pois conseguiu desviar dos golpes e ganhar tempo suficiente para anotar a placa do veículo. A polícia acabou capturando os criminosos e devolveu os ícones à igreja. Chegou então a Nestor a notícia de que, se ele prestasse queixa formal, a máfia iria caçá-lo. Seus amigos mais próximos imploraram para que ele não o fizesse. Nestor

encontrou-se com o gângster que o havia atacado e perguntou por que ele tinha feito aquilo. O criminoso respondeu: “Dinheiro.” Então Nestor perguntou se ele se arrependia de ter roubado a igreja. Mas ele respondeu sem o menor remorso: “Não me arrependo de nada.” Nestor sabia que precisava tomar uma posição. Se permitisse que a máfia o intimidasse, sua pobre igreja sofreria. A alguém que tentou dissuadi-lo, Nestor explicou: “Se esses fossem meus inimigos pessoais, eu poderia perdoá-los; mas esses homens são inimigos dos simples fiéis e de Deus. Eles não têm nenhum arrependimento pelo mal que fizeram. Não posso deixá-los ir.”

Então começaram várias tentativas contra a vida de Nestor, das quais ele escapou por pouco. Os roubos de ícones tornaram-se generalizados — todas as igrejas da região haviam sido assaltadas ao menos uma vez. Nestor passou a vigiar a igreja à noite. A máfia já não queria apenas os ícones — queria a vida de Nestor.

Em certa ocasião, Nestor ouviu uma batida à porta. Quando a abriu, foi recebido sob a mira de uma arma. Sem recuar, Nestor olhou destemidamente nos olhos dos criminosos, virou-se, entrou em sua casa e trancou a porta. Os homens foram atrás dele, quebrando a janela. Pegando uma pistola sinalizadora, Nestor disparou alguns tiros para assustá-los. Mas, sabendo que ele era monge e sacerdote e que não atiraria neles, eles invadiram pela janela. Nestor então correu para seu quarto e trancou a porta; ao tentar sair pela janela, cortou o braço e começou a sangrar. Rapidamente, enfaixou o ferimento e conseguiu escapar. Enquanto fugia, o sangue pingava no chão — o mesmo chão sobre o qual ele mais tarde derramaria o sangue de sua própria vida.



Monge-sacerdote Nestor em seu caixão

Sabendo que cada dia poderia ser o seu último, Nestor começou a redobrar seu trabalho missionário. Um amigo próximo recorda: “A cada pessoa ele se entregava por completo; todos acorriam a ele. Às vezes era difícil. Em certas ocasiões ele se trancava em seu quarto por dois ou três dias para jejuar e rezar. Assim recebia forças para continuar. No último ano em que o conheci, ele se tornou tão profundo... uma profundidade simples que vinha da confiança em Deus. Ele não tinha medo de nada. Era um homem incomum que se entregou à vontade de Deus. Era destemido.”

Nestor havia rompido o muro que separa Deus do homem, e Deus tornara-se uma força viva nele. Um amigo íntimo recorda uma de suas últimas conversas com o hieromonge Nestor: “Falamos sobre os inimigos da Igreja. Ele me disse: ‘Por que deveríamos ter medo?’ Eu respondi: ‘Mas esses ladrões perversos estão em toda parte!’ Ele falou calmamente: ‘Tudo é vontade de Deus. Sofrer por Cristo — isso é uma grande alegria.’ Ele falava sobre a guerra espiritual que está acontecendo no mundo hoje... Ele já estava preparado para a morte.”

Em 31 de dezembro de 1993, o hieromonge Nestor foi encontrado morto do lado de fora da janela de sua casa, com a garganta cortada e múltiplas facadas. O povo acredita que não se tratou de um simples caso de vingança, mas de um movimento estratégico dentro de uma guerra espiritual que ocorre hoje em todo o mundo. À medida que as forças das trevas aumentam, a luz torna-se mais visível. A vida e a morte do hieromonge Nestor não representam derrota, mas o triunfo da justiça de Deus. É o auge da experiência humana — o martírio pela verdade. O hieromonge Nestor passou desta vida aos trinta e três anos — a mesma idade em que Jesus Cristo foi crucificado.



Em um mundo vazio de exemplos de retidão, esses amantes da verdade oferecem um exemplo heroico de sofrimento pela verdade. Mas suas vidas nada significam se não forem acolhidas por nós e se não as imitarmos. Claramente, a mensagem desses justos é algo pelo qual este mundo não tem o menor interesse. Aqueles que, como esses amantes da verdade, sentiram-se deslocados na sociedade, que foram devorados e cuspidos por um mundo incompreensivo, conseguem entender seu chamado radical da última e verdadeira rebelião. Os “respeitáveis” não escutam a mensagem de Cristo, que não é deste mundo — mas os rejeitados compreendem.

CAPÍTULO TRÊS: A ÚLTIMA VERDADEIRA REBELIÃO

Desde o dia em que Deus se fez carne e foi crucificado até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos o tomam à força.¹⁸¹ A resposta à pergunta “Por quê?” foi revelada, e agora devemos tomar os céus à força, na fé, na esperança e no amor. Agora é o tempo da última verdadeira rebelião.

Já não somos filhos da guerra, porque agora conhecemos o caminho, a verdade e a vida; e assim, dentro de nossos corações, a guerra do homem contra Deus chegou ao fim. A única violência que resta é a determinação da nossa vontade de morrer pela verdade. Agora começa a guerra invisível. Esta é a luta de toda a vida contra as paixões e os vícios interiores. É uma guerra contra o pecado, com o objetivo de adquirir a virtude. Essa guerra invisível começa e termina com a última verdadeira rebelião.

O desapego deste mundo é a porta para a liberdade dessa rebelião, enquanto a chave que destranca a porta é o ascetismo. O ascetismo é a prática de alcançar a virtude por meio do trabalho espiritual e físico: jejum, oração, vigilância, silêncio e privações. O trabalho consiste em privar-se deste mundo temporário e de seus prazeres, a fim de adquirir a paz eterna do outro mundo — o céu. É essa rebelião contra o mundo, que começa no campo de batalha de nossos próprios corações, almas e corpos, que é a única fonte da verdadeira liberdade.

Para compreender a última verdadeira rebelião, precisamos ter entendimento sobre: o corpo e a alma, os sentidos, as paixões, as virtudes, a oração e o sofrimento. Começaremos pelos aspectos que compõem a existência humana.

O corpo e a alma

Há dois aspectos da vida humana — o do corpo e o da alma. Ambos trabalham juntos de acordo com a vontade da pessoa. O corpo é o meio pelo qual a alma se expressa, enquanto a alma é o meio pelo

qual o corpo tem vida. Assim, o desapego deste mundo deve ser feito com o corpo e com a alma, se quiser ser bem-sucedido.

A vida do corpo consiste em vários órgãos, cada um dos quais desempenha sua função, necessária para a vida do corpo. Existem três sistemas principais: o sistema digestivo, o sistema musculoesquelético e o sistema nervoso. Quando estes funcionam corretamente em relação uns aos outros, o corpo é saudável e a vida não é colocada em risco; mas quando a ordem é perturbada, o corpo adoece e a vida é ameaçada. Essa mesma regra se aplica à alma.

A vida da alma consiste em três partes: a mente, a vontade e o coração ou espírito. A mente compreende a vida mental, os pensamentos da pessoa. Assim que algo é percebido pelos sentidos, a imaginação e a memória começam a atuar. Nada pode entrar na alma sem a imaginação e a memória. Se algo não é armazenado na memória, você jamais conseguirá imaginá-lo, muito menos pensar nele. Os pensamentos nunca nascem diretamente da alma. Assim, o próprio pensamento sai da alma e opera segundo as leis da alma.

A segunda parte da alma, a vontade, é o maior dom que Deus nos concedeu. Com esse dom da liberdade da vontade, tomamos a decisão vital de crer em Deus ou crer no Nada. Assim como o corpo pode morrer e se decompor, também a alma pode se decompor. Isso acontece quando a vontade livre deseja rejeitar Deus. Foi nessa liberdade total que as correntes da humanidade foram criadas, e nessas correntes a humanidade ainda reivindica liberdade. Por isso a liberdade é um dom perfeito, porém temível.

A terceira parte da alma, o coração, é o núcleo do ser humano. Também é chamado de espírito, ou o aspecto mais elevado da alma. Não é por acaso que o espírito recebeu também o nome de coração, pois este órgão físico é igualmente o centro do corpo. O coração ou o espírito, como uma força que procede de Deus, conhece Deus, busca Deus e somente n'Ele encontra descanso. Com um certo sentimento espiritual interior que testemunha sua procedência de Deus, o espírito sente sua total dependência d'Ele e reconhece-se obrigado a agradecer a Deus em tudo e a viver somente para Ele e por Ele.

Manifestações mais precisas desses movimentos do coração são:
(1) **Temor de Deus.** Todas as pessoas, não importa seu grau de

desenvolvimento, sabem que existe um ser supremo, Deus, que criou tudo, e que dependem d'Ele para tudo. Tal é a crença natural inscrita no coração.

(2) **Consciência.** A opinião contemporânea sobre a consciência é que ela é um elemento implantado pela sociedade e que precisa ser destruído. Dizer isso é afirmar que devemos matar impiedosamente a nossa própria alma, pois a consciência é a voz de Deus dentro do coração que nos sussurra o que é certo e o que é errado; o que agrada a Deus ou o que O desagrada. Nestes tempos lamentáveis, por meio da escravidão, tornamo-nos insensíveis à nossa consciência; já não ouvimos claramente o que é certo ou errado. Assim, nosso objetivo é tornar-nos mais sensíveis à consciência.

(3) **O anseio por Deus.** Isso se expressa no anseio universal pelo Bem. Também se manifesta na insatisfação com este mundo. O que significa essa insatisfação? Significa que nada no mundo criado é capaz de satisfazer o coração. O coração ou espírito vem de Deus, busca Deus, deseja provar Deus, deseja habitar e viver em comunhão com Deus e descansar em Deus. Quando alcança isso, encontra a paz; e até que o alcance, não pode ter paz.

Os sentidos

A vida do ser humano é muito complexa e, ao mesmo tempo, muito simples. O ser humano é o templo de Deus. Pela nossa livre vontade, podemos profanar esse templo ou guardá-lo como um tesouro.

O filósofo ortodoxo russo do século XIX, São Inácio Brianchaninov, revelou o mistério do templo humano com estas palavras: “Quando a mente e o coração se tornam morada de Deus, então a alma e o corpo também se tornam Sua morada. Mas o templo de Deus é corrompido e destruído quando o corpo cai na luxúria sensual e quando a mente e o coração entram em conversações malignas.”¹⁸³

A luta na vida espiritual contra a profanação desse templo é revelada na palavra “sensual”, que significa os sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Um monge do século XIX do Monte Athos, na

Grécia, São Nicodemos, disse: “Agora, embora o corpo naturalmente se incline ao gozo dos sentidos, ele é, contudo, conduzido, governado e contido pela mente.”¹⁸⁴



São João Damasceno

E para dar continuidade ao pensamento, um monge da Palestina do século IX, São João Damasceno, disse: “Esta é a diferença entre a alma racional e a irracional. A irracional é conduzida e governada pelo corpo e pelos sentidos, enquanto a alma racional conduz e governa o corpo e os sentidos. O teu verdadeiro eu não é o corpo visível, mas a alma invisível.”⁸⁵

Sabendo tudo isso, fica claro que os sentidos corporais — visão, audição, olfato, paladar e tato — são as portas da alma. Quando usados de forma incorreta, essas portas na verdade aprisionam a alma. São Inácio diz: “Os olhos da alma são a mente.”⁸⁶ Isso comprova a necessidade de guardar tanto os sentidos quanto a mente.

Em nossos tempos, essa verdade sobre a parte invisível da vida não apenas se tornou “obsoleta”, mas é de fato odiada. Ao odiar esses princípios da vida, o mundo desceu à superficialidade da sensualidade, e assim a alma do homem moderno foi profanada e queimada até o chão. Mas, uma vez que compreendemos esses princípios, devemos ao menos edificar nossa própria alma, guardando os sentidos, a mente e o coração. Quando vemos coisas más com os olhos, imprimimos esse mal em nossa alma; quando ouvimos músicas más, os sons do mal são gravados na alma, e nossos pensamentos e imaginação não nos dão paz. O mal então conduz a atos maus de destruição. Em resumo, destruimos nosso corpo, nossa alma e nosso coração.

O místico São João de Kronstadt, que morreu neste século, tinha uma compreensão extraordinária dos sentidos e de seu efeito sobre a alma, pois ele próprio havia alcançado tal grau de sensibilidade que, pelo poder de Deus, conhecia os corações das pessoas e até seus pensamentos. Ele disse o seguinte sobre a impressão da música na alma: “Não vos deixeis seduzir pelos sons melodiosos de um instrumento ou de uma voz; mas, pelo efeito que produzem na alma, ou pelas palavras do canto, considerai qual é o seu espírito. Se os sons produzem em vossa alma sentimentos tranquilos, castos e santos, então ouvi-os e alimentai vossa alma com eles. Mas se despertam em vossa alma paixões, não os escuteis, e lançai fora tanto a carne quanto o espírito da música.”⁸⁷

Essa é a essência da guerra invisível: guardar a pureza do coração. Ao guardar a pureza do coração, estais guardando o lugar onde Deus habita. O asceta do século XIX, Teófano, o Recluso, resumiu essa luta com estas palavras: “Há apenas um modo de começar: e esse é domar as paixões. Estas não podem ser submetidas na alma senão pela guarda do coração e pela vigilância. Portanto, quando o coração é purificado das paixões, pode-se dedicar todo o tempo à oração e à luta contra os pensamentos; e então pode-se olhar para o céu com os olhos físicos ou

contemplá-lo com os olhos espirituais da alma, rezando em pureza e em verdade.”⁸⁸

As paixões

Assim como correntes impedem a liberdade de um prisioneiro, também as paixões impedem o amante da verdade de conversar com Deus. Falar de paixões hoje não é algo fácil, pois a paixão e o vício receberam o nome de virtude, e a virtude recebeu o nome de vício.

A palavra paixão vem do termo latino *passionis*, que significa sofrimento. No uso contemporâneo, a palavra passou a ter o significado de amor romântico, pois paixão também significa uma emoção intensa e avassaladora. No entanto, seu verdadeiro significado é sofrimento. O sofrimento da paixão é o sofrimento que este mundo decaído oferece por meio de sua emoção intensa e dominadora em favor do vício. Em suma, sofremos por causa do pecado, e assim não somos livres.

Para compreender paixão e impassibilidade, é necessário compreender escravidão e liberdade, tanto no sentido visível quanto no invisível. Quando nos tornamos vítimas da paixão, tornamo-nos escravos da nossa própria carne e escravos deste mundo. Mas quando somos impassíveis, não há limites para nossa liberdade, tanto neste mundo quanto dentro do nosso próprio coração. O Espírito de Deus é o espírito da liberdade. Esta é a verdadeira liberdade e a verdadeira paz, que o mundo não pode dar nem compreender. Assim, se Deus é a verdade, então, quando conhecerdes a verdade, a verdade vos libertará.⁸⁹ A resposta e a chave da vida repousam na liberdade de ver, conhecer e amar a Deus.

“O que o homem ama, isso ele certamente deseja; e o que deseja, isso se esforça por alcançar”, disse o monge e místico do século IV, Abba Evágrio. Este é o primeiro princípio que deve ser compreendido por quem deseja entender e vencer as paixões e os vícios. Pode-se desejar e amar a Deus, ou pode-se desejar e amar aquilo que luta contra Deus. A urgência dessa guerra invisível contra nossas paixões e vícios é muito clara, pois a reduzimos a duas escolhas: devemos escolher ou a

paixão ou a impassibilidade, a escravidão ou a liberdade, Deus ou este mundo.

Existem oito paixões principais, nascidas nesta ordem: gula, luxúria, avareza, ira, acídia, desespero, vanglória e orgulho. Estas são as paixões básicas que dão origem aos inúmeros vícios e pecados que governam este mundo. Essas oito paixões são como elos de uma corrente que conduzem ao abismo da escravidão. Em geral, cada paixão, quando aceita, dá origem à seguinte, e assim por diante ao longo da corrente. Elas estão interligadas, embora sem um padrão fixo, pois cada alma reage às paixões de maneira diferente.

A paixão se origina e encontra seu movimento inicial em um pensamento, e possui uma sucessão de seis movimentos em seu desenvolvimento, até alcançar seu resultado final: a escravidão ao vício. Mas antes da origem do pensamento da paixão, ocorre primeiramente algo vital: o enfraquecimento da fé.⁹⁰ Após o enfraquecimento da fé, os seis estados seguintes iniciam o processo de aprisionamento da alma:⁹¹

(1) **Sugestão** é um simples pensamento que vem à mente de fora, sugerindo a ideia do vício. Há duas causas para o surgimento da sugestão inicial: uma é natural e a outra é provocada pela inspiração do maligno e dos espíritos maus. A sugestão ocorre independentemente da vontade da pessoa, contra o seu desejo, sem sua participação — espontaneamente — e, portanto, é considerada inocente ou impassível. Se não for acolhida consciente e voluntariamente, ainda não é vício.

(2) **Conjunção** é o estágio mais importante, pois consiste no diálogo voluntário com o pensamento mau, concedendo-lhe permissão para entrar, recebendo-o e mantendo-o na mente. A atenção permanece no pensamento e dele se deleita. Para cortar o desenvolvimento posterior do vício, remover o pensamento da mente e pôr fim à fantasia má, é necessário reunir a atenção por meio do esforço da livre vontade.

(3) **Aderência** é a aceitação do pensamento, e assim uma derrota diante dele. É a ausência da rejeição voluntária do pensamento, pela qual a vontade se torna cada vez mais atraída pelo vício e por suas imagens mentais malignas, e delas obtém satisfação. O equilíbrio da alma é totalmente destruído, e a alma se rende ao pensamento, não sendo mais livre. O vício foi cometido na intenção, embora ainda não tenha se tornado um ato.

(4) **Luta** é a oposição ao vício antes que ele se manifeste totalmente como ato. Em muitos casos, esse estágio está ausente na progressão da paixão, especialmente quando alguém está habituado a se render aos pensamentos e imagens maus, e tem o hábito do pecado gravado na alma.

(5) **Cativeiro** é a paixão; é o aprisionamento e a escravidão ao vício. Já não é a vontade que governa o pensamento mau, mas o pensamento mau governa a vontade, concentrando toda a energia e atenção na paixão. Assim, a paixão e o vício tornam-se o objeto de afeição e amor, e esse amor mau torna-se habitual. A paixão passa a ser a razão diária da existência, e o amor a Deus e ao próximo torna-se objeto de ódio secreto. A prisão do vício torna-se fria e escura, e inicia-se a decomposição da alma.

A pessoa não deve permitir que isso aconteça, mas deve aprender a lutar contra as paixões na mais difícil das guerras, que é comparada ao carregar da cruz. São Isaac, um eremita sírio do século VII, disse: “Esse carregar da cruz é de dois tipos: um consiste em suportar as privações corporais inevitáveis na luta contra as paixões. O outro consiste na meditação em Deus e na permanência na oração, e é chamado contemplação. O primeiro, o carregar corporal da cruz, purifica a parte passional da alma, enquanto o segundo, a contemplação, traz luz à alma.”



Santo Isaac, o Sírio

As virtudes

A pessoa que, pela graça, é capacitada a se dedicar total e continuamente a Deus alcançou o bem supremo. Mas no caminho para esse bem existem muitas e incontáveis virtudes. As maiores dessas virtudes foram resumidas nos ensinamentos do apóstolo e discípulo de Cristo chamado Paulo. Chamando-as de “frutos do Espírito”, ele disse que são: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e domínio próprio.⁹³

A palavra virtude vem do termo latino *virtus*, que possui um duplo significado: primeiro, poder; e segundo, o seu significado comum em português. É por isso que o bem é sempre vitorioso sobre o mal — porque o maior poder é a virtude. O monge sírio do século V, São Isaac, disse sobre a virtude: “O temor de Deus é o princípio da virtude e diz-se que é fruto da fé. Ele é plantado no coração quando o homem retira sua mente das distrações do mundo, a fim de conter seus pensamentos errantes nas reflexões sobre o mundo por vir.

As virtudes seguem umas às outras em sucessão, para que o caminho da virtude não se torne penoso e pesado, e para que, sendo alcançadas progressivamente em ordem, se tornem leves; assim, as dificuldades suportadas por causa da virtude devem ser estimadas pelo homem tanto quanto a própria virtude.”⁹⁴

Embora existam muitas virtudes, há quatro virtudes principais que pertencem diretamente à alma. Um monge do deserto da Ásia Menor do século XI, São Pedro Damasceno, escreveu sobre essas quatro virtudes: “Há quatro formas da sabedoria da virtude: primeiro, o discernimento moral, ou o conhecimento do que deve e do que não deve ser feito, unido à guarda da mente; segundo, o domínio próprio, pelo qual nosso propósito moral é protegido e mantido livre de todos os atos, pensamentos e palavras que não concordam com Deus; terceiro, a coragem, a força e a resistência diante dos sofrimentos, provações e tentações encontradas no caminho espiritual; quarto, a justiça, que consiste em manter o equilíbrio adequado entre as três primeiras.

Essas virtudes surgem dos três aspectos ou potências da alma da seguinte maneira: da mente da alma procede a virtude do discernimento moral e da justiça; da vontade da alma procede o domínio próprio; e do coração da alma procede a coragem.”⁹⁵

É essa coragem do coração que se necessita para ser vitorioso na virtude. C. S. Lewis disse que, sem coragem, nenhuma outra virtude pode existir senão por acaso. Sem coragem na busca da virtude, a pessoa não apenas se priva da virtude, mas inevitavelmente será forçada a abraçar o vício, pois, sendo a virtude difícil de adquirir, a coragem é absolutamente necessária. O monge do século XIV do Monte Atos, na Grécia, Gregório Palamas, disse a esse respeito: “O bem é mais difícil de realizar, e as virtudes são mais difíceis de alcançar do que as coisas más? Não vejo as coisas dessa forma! É um fato que o homem embriagado e sem domínio próprio se esforça mais do que aquele que é senhor de si.”⁹⁶

Depois que alguém começa a dominar a si mesmo, então alcança o ápice das virtudes: a fonte do poder da virtude, que é o amor. Falar de amor é ousar falar de Deus, pois Deus é amor. Nas palavras de São Isaac da Síria: “Agora que escrevemos acima sobre a aspiração espiritual e o anseio, chegou o momento de explicá-los. Trata-se de uma força indefinida que é despertada no coração pelo amor.

O amor de Deus é quente por natureza, e quando, além da natureza, desce sobre um homem, lança sua alma em êxtase.”

Foi feita a seguinte pergunta ao monge Isaac: “Qual é a perfeição de todos os frutos do Espírito?” Isaac respondeu: “Quando um homem é considerado digno do amor perfeito de Deus.” Então foi feita outra pergunta: “E quando o homem sabe que alcançou isso?” Isaac respondeu: “Quando a lembrança de Deus é despertada em sua mente, imediatamente seu coração se incendeia de amor por Ele e seus olhos derramam lágrimas abundantes. Um homem que se encontra nesse estado nunca estará sem lágrimas, porque aquilo que o leva à lembrança de Deus jamais está ausente dele. Por isso, até mesmo durante o sono ele conversa com Deus. Pois o amor deseja que seja assim. Esta é a perfeição... mesmo nesta vida.

Aquele que adquiriu o amor prova Cristo todos os dias e a toda hora, e por meio dele se torna imortal. O amor é muito mais doce que a vida. Aquele que adquiriu o amor reveste-se do próprio Deus.”⁹⁷

Oração

Assim, do amor somos conduzidos à oração. O grande monge do Monte Atos, São Gregório Palamas, disse o seguinte sobre a oração, revelando as profundezas da oração do coração.



Teófano, o Recluso

A virtude da oração realiza o mistério da nossa união com Deus; ela é o vínculo das criaturas racionais com o seu Criador.”

Existem três graus de oração, que são como três elos de uma corrente. Cada grau conduz ao outro, até que aquele que reza alcance a perfeição desejada da oração. Pouquíssimas pessoas realmente perseveraram até a perfeição na oração. De fato, nestes tempos de distração, muito poucas pessoas passam do primeiro elo na progressão da oração.

Antes da oração vem a fé. Devemos compreender que a oração é uma conversa real com Deus, na qual, depois que o coração é purificado, Deus vem habitar dentro do coração. Por isso o corpo é chamado de templo, pois é a casa de Deus. É por isso que Cristo disse: o reino de Deus está dentro de vós.⁹⁸ É aqui que o céu começa para aqueles que desejam o céu. Assim, a oração — a verdadeira oração — exige uma fé que não é deste mundo.

Sobre os três graus da oração, São Teófilo, o Recluso, diz: “O primeiro grau é a oração corporal, que consiste na leitura de orações escritas e salmos. Nela deve haver paciência, trabalho e suor, pois a atenção na oração foge. O coração então começa a não sentir nada e perde o desejo de rezar. Contudo, apesar disso, estabelece para ti uma regra de oração e mantém-te fiel a ela. Esta é a oração ativa.

O segundo grau é a oração com atenção: a mente se acostuma à atenção no momento da oração e reza conscientemente, sem distração. A mente se concentra nas palavras escritas a ponto de pronunciá-las como se fossem suas.

O terceiro grau é a oração do sentimento: o coração é aquecido pela concentração, de modo que aquilo que antes era apenas pensamento se torna sentimento. Primeiro era uma frase virtuosa lida, depois torna-se a própria virtude; e o que era apenas um pedido em palavras transforma-se em um sentimento de total necessidade. Aquele que passou pelo primeiro grau — ação; e pelo segundo grau — pensamento; e chegou ao verdadeiro sentimento, rezará sem palavras, pois Deus é o Deus do coração.

Volta-te para Deus, trazendo a atenção da mente para dentro do coração, e invoca-O ali. Com a mente firmemente estabelecida no coração, permanece diante de Deus com temor, reverência e devoção. Se cumpríssemos fielmente essa pequena regra, os desejos e

sentimentos passionais jamais surgiriam, nem qualquer outro pensamento.”⁹⁹

Todo o significado da existência humana se resume na oração. Ela é o começo e o fim da vida e o primeiro objetivo buscado a cada dia da vida. Teófono, o Recluso, diz: “A principal coisa na vida é permanecer com a mente no coração diante de Deus, e continuar a permanecer diante d’Ele incessantemente, dia e noite, até o fim da vida.”

A oração é o único caminho para a perfeição, mas a oração neste mundo corrupto e imperfeito nasce somente da dor do coração.

Dor do coração

Se existe um elemento comum que une a humanidade, é o sofrimento. Pessoas de todas as raças, classes e nações sofrem. Simplesmente, sofrer é ser humano.

A tirania do mundo niilista faz a humanidade sofrer. Na rebelião do homem, ele inflige dor a si mesmo, causando ainda mais sofrimento. Mas talvez o pior sofrimento seja o sofrimento da ignorância, que leva o homem a seguir os prazeres vazios do mundo. A pergunta é: como o homem escapa do sofrimento?

A resposta é: o homem não pode escapar do sofrimento neste mundo. O Cristo crucificado ensina que o homem deve abraçar o sofrimento e, por meio dele, passar para a vida eterna, que é isenta de sofrimento. E esse sofrimento deve ser pela verdade de Deus. Se sofremos por nós mesmos, sofremos em vão; mas se sofremos por Deus, sofremos pela verdade.

Mas Deus é a fonte da misericórdia, e é por Sua sabedoria que o homem não pode escapar do sofrimento neste mundo. O sofrimento é um dos maiores mestres. O monge Serafim Rose, um homem que foi um verdadeiro filósofo e conheceu e compreendeu o dom do sofrimento, disse certa vez: “Por que os homens aprendem por meio da dor e do sofrimento, e não por meio do prazer e da felicidade? Muito simplesmente, porque o prazer e a felicidade acostumam o homem à satisfação com as coisas dadas neste mundo, enquanto a dor e o

sofrimento o impulsionam a buscar uma felicidade mais profunda além dos limites deste mundo.”

É precisamente quando a pessoa sofre aparentemente sem motivo que Deus Se revela. Foi pelos oprimidos e abatidos que Cristo veio à terra. Cristo veio libertar a raça humana da escravidão espiritual, para libertar os cativos. O sofrimento pode ser até mesmo um caminho direto pelo qual Deus toca o coração. Como alguém que sofreu intensamente, o monge Serafim Rose fala por experiência pessoal: “O processo da revelação ocorre de maneira muito simples: a pessoa está em necessidade, sofre, e então o outro mundo se abre. Quanto mais você estiver em sofrimento, dificuldades e desesperado por Deus, mais Ele virá em seu auxílio, revelará quem Ele é e mostrará o caminho.”

Quando uma pessoa aceita Cristo em seu coração, o peso do sofrimento da vida torna-se leve. O sofrimento então é transformado em alimento espiritual, pelo qual a virtude é adquirida.

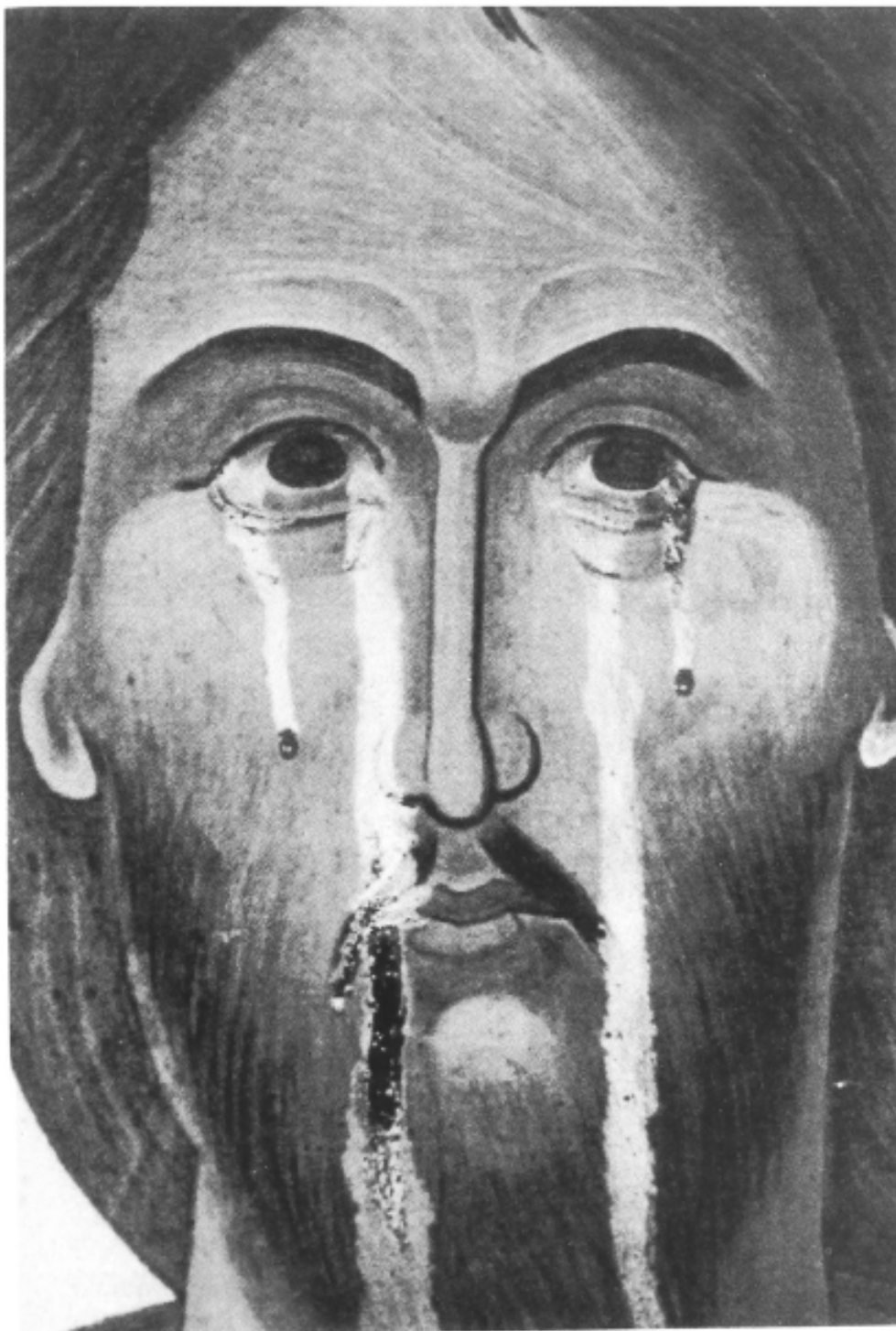
A primeira virtude que o sofrimento ensina é a humildade. Aqueles que sofreram intensamente sabem que a força humana, por si só, não é suficiente para suportar a dor da vida. Somente pela força de Deus eles conseguem suportá-la, quer venha de uma fonte externa — doença, ferimento corporal ou até tortura — quer venha de conflitos internos — solidão, desespero, tristeza, abandono e luto. Deus ensina a humanidade por meio do sofrimento para revelar a fraqueza humana, a fim de que busquemos o poder de Cristo.

A próxima virtude que o sofrimento produz é a paciência. Ao suportar a dor e as provações da vida, adquire-se força de alma. Juntamente com a paciência longânime, vem a capacidade de enxergar além do mundo temporal com suas dificuldades e de ver o “quadro maior”. A sabedoria diz ao sofredor que olhe para as coisas eternas, onde não há doença, tristeza nem suspiro. Mantendo a eternidade no coração, o sofredor pode suportar o desconforto temporal e sentir gratidão a Deus por lhe conceder a oportunidade de carregar uma cruz. Ao suportar o sofrimento com paciência, a alma é temperada e o homem recebe a chance de se tornar verdadeiro e crescer na fé.

A terceira virtude aprendida por meio do sofrimento é a compaixão. Somente aquele que sofreu pode ter compaixão por outro que sofre. Essa virtude pode crescer a tal ponto que a pessoa pode

literalmente sentir a dor do outro, e até mesmo a dor de toda a humanidade, clamando em seu estado lamentável. São Isaac da Síria, ao falar da compaixão, disse: “E o que é um coração misericordioso? É o inflamar do coração por toda a criação — pelos homens, aves, animais, demônios e todas as criaturas. Ao recordá-los e contemplá-los, os olhos se enchem de lágrimas por causa de uma grande e poderosa compaixão que envolve o coração. E o coração se entenece, e não pode suportar ouvir ou ver qualquer tipo de dano, nem mesmo a menor tristeza, sofrida por uma criatura. E por isso, até mesmo por aqueles que lhe causam mal, ele oferece oração a cada hora, para que sejam preservados e purificados. Ela desperta no coração sem medida, à medida que alguém se torna semelhante a Deus.”

Dessas três virtudes alcançadas por meio do “carregar da cruz” de Cristo, surge um estado da alma chamado “dor do coração”. A dor do coração é uma fonte da qual o sofredor bebe, que o impulsiona a suportar tudo, a atravessar a morte e a encontrar o reino eterno. O fundamento da dor do coração é a lembrança da morte, a natureza transitória da vida na terra e o estado sofredor do homem na terra. Esses pensamentos conduzem imediatamente o sofredor à lembrança de Deus. O grande monge da Palestina do século IV, São Marcos, o Asceta, disse certa vez uma frase simples que captou em sua plenitude a dor do coração:



Ícone de Jesus Cristo chorando

A recordação de Deus é dor do coração suportada no espírito de devoção. Mas aquele que se esquece de Deus torna-se indulgente consigo mesmo e, assim, insensível.

É essa recordação de Deus que consuma a última verdadeira rebelião. O carregar da cruz no espírito de devoção é o caminho pelo qual a alma do homem é purificada e preparada para passar pela morte corporal à vida eterna.

Os Três Inimigos

Agora, após formar uma visão de mundo com a compreensão do corpo e da alma, dos sentidos, das paixões, das virtudes, da oração e do sofrimento, a última verdadeira rebelião pode ser revelada em sua totalidade. O monge, São Paisios, em seus escritos, reduziu essa rebelião a três elementos: o mundo, a carne e o diabo. É a rebelião contra estes que constitui a última verdadeira rebelião:

O Mundo

O primeiro grau da guerra e da batalha é contra o mundo. Isto acontece quando nos separamos dele e deixamos seus prazeres doces e a miragem enganosa de suas belezas — da riqueza corruptível, da liberdade temporária — e tomamos como exemplo a pobreza voluntária de Cristo. Se alguém deseja tornar-se amigo do mundo, torna-se inimigo de Deus. Portanto, foge deste mundo para uma vida de quietude. Nega o mundo com sua ilusão; afasta-te dele com um afastamento que nunca retorna. E assim terás vencido o primeiro inimigo.

A Carne

Vencerás o corpo se te refreiares do excesso de alimentos prazerosos e da bebida descontrolada. Então, pelo jejum, matarás o desejo do pecado e mortificarás as paixões carnaís; destruirás a preguiça com a vigilância; o desejo de relações sexuais impuras, com a autodominação da pureza. É com essas flechas que o corpo faz guerra contra a alma.

Nosso próprio corpo é em parte um inimigo para nós, pois com seu desejo pelo pecado luta contra a alma. Mas ele também é nosso amigo, pois pode auxiliar a alma no que é bom. Com o corpo, com a ajuda de Deus, posso jejuar, derramar lágrimas e dar esmolas. Não podemos fazer essas coisas apenas com a alma nua.

Se olharmos para este mundo de baixo, apenas para o corpo, então o homem é temporário, mortal, herdeiro do fogo e das trevas. Mas se olharmos com o olho da mente para o mundo do alto, então somos eternos, imortais e herdeiros da luz celestial. Por isso, suplico-vos, como servos de Cristo, que não sejais cativos do mundo de baixo, do corpo e da morte, mas vivais para o mundo do alto, para a imortalidade.

O Diabo

Se venceses o mundo e a carne, então poderás facilmente tomar armas contra o próprio diabo, contra os governadores do mundo, o príncipe das trevas. Apenas toma toda a armadura de Deus com as armas da fé, da paciência e da oração. Assim o diabo e seus poderes são vencidos: o orgulho pela humildade, a vanglória pela negação de si mesmo, o sexo pela pureza; mas, acima de tudo, pela cruz da tua paciência, crucificando-te para o mundo e, assim, morrendo para a vida pecaminosa.

Então tua vitória aparecerá como a lua cheia em pleno dia, resplandecendo com glória eterna; os anjos de Deus virão ao teu

encontro e Cristo, o eterno Rei da glória, te receberá e te glorificará, concedendo-te um lugar em Seu reino celestial.

Palavra Final

Neste mundo despedaçado que caminha para o fim, agora tudo está muito claro. À medida que a guerra do homem contra Deus continua, ela cessou em nós. Já não somos filhos da guerra que choram até dormir pela morte de Deus. Já não somos filhos das trevas, mas filhos da luz, pois conhecemos nossa origem, vivemos nossa morte e fomos ressuscitados.

Agora conhecemos a diferença entre deformidade e beleza, mal e bem, ódio e amor — e falar de amor é ousar falar de Deus, pois Deus é amor. Assim, Deus não está morto, pois quem poderia matar o amor? É esse amor que vale a pena morrer diariamente — é Deus que é digno de nosso sacrifício supremo, pois Deus primeiro morreu por nós.

Sobrevivemos ao inferno deste mundo que morre e agora sabemos que o reino dos Céus está dentro de nós. Enquanto o mundo continua na morte, carregaremos a cruz da vida, pois vemos claramente o inferno ao nosso redor, mas escolhemos ser crucificados pessoalmente — misticamente; pois a crucificação é o único caminho para a ressurreição.

Nessa ressurreição, Cristo despedaçou as portas do inferno e libertou aqueles que estavam acorrentados. Ele venceu a morte pela morte e concede vida aos que estão no túmulo. Tudo isso pelo poder de Deus, deixando-nos estas simples instruções para a última verdadeira rebelião:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

JUVENTUDE DO APOCALIPSE

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, vos perseguirem e disserem todo mal contra vós, mentindo, por minha causa.

Com essas verdades, a juventude do apocalipse pode erguer-se acima das trevas do fim e tornar-se a luz do mundo.

Mas agora permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior deles é o amor.

NOTAS

- 1 Vontade de Poder, Vol. I, em *As Obras Completas de Friedrich Nietzsche*, Nova York, Macmillan Co., 1909, Vol. 14, p. 6.
- 2 Ibid.
- 3 A Revolução Francesa.
- 4 Eugene Rose, *Niilismo*, St. Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1994, p. 92.
- 5 Paul Lafargue, *Socialismo e Intelectuais*.
- 6 Richard Wurmbrand, *Marx e Satanás*, Crossway Books, Westchester, p. 85.
- 7 Mussolini recebeu uma cópia das obras de Nietzsche de Hitler.
- 8 Citação de John Lennon.
- 9 Ravi Zacharias, *Um Rosto Despedaçado: A Verdadeira Face do Ateísmo*, Baker Book House Co., Grand Rapids, 1990, pp. 22, 23.
- 10 Dostoiévski, *Os Irmãos Karamázov*, trad. de David Magarshack, Penguin Books, Nova York, 1984, p. 764.
- 11 São Inácio Brianchaninov.
- 12 Yuri Annenkov, arquiteto soviético.
- 13 Nietzsche, *O Louco*.
- 14 Jerry Mander, *Quatro Argumentos para a Eliminação da Televisão*.
- 15 Richard Wurmbrand, *Marx e Satanás*, p. 107.
- 16 Relato dado por C. Ivy.
- 17 Em muitos sistemas educacionais, as obras de Nietzsche são leitura obrigatória.
- 18 Nietzsche, *Vontade de Poder*, p. 92.
- 19 Eugene Rose, *Niilismo*, St. Herman Brotherhood Press, 1994, p. 97.
- 20 1 João 2:18.
- 21 Mateus 24:1–51.
- 22 Nietzsche, *Vontade de Poder*.
- 23 Eugene Rose, *Niilismo*.
- 24 Ibid.
- 25 Stephen Hawking, *Uma Breve História do Tempo: Guia do Leitor*, Bantam Books, 1992, p. 175.

- 26 Embora as variáveis possam mudar, o princípio não muda.
- 27 Lao Tsé, *O Caminho da Vida*, Signet Classics, Nova York, 1955, p. 68.
- 28 São João de Kronstadt, *Minha Vida em Cristo*, Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, 1977, p. 235.
- 29 São Atanásio, o Grande, *Sobre a Encarnação*, Seminário Ortodoxo São Vladimir, p. 38.
- 30 Isaías 9:6–7.
- 31 Salmo 49:3.
- 32 Isaías 7:14.
- 33 Mateus 3:11.
- 34 Isaías 40:3, 5.
- 35 C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples*, Macmillan Company, Nova York, 1952.
- 36 João 10:30.
- 37 Lucas 4:17–21.
- 38 Lucas 4:32.
- 39 João 4:4–26.
- 40 Mateus 11:27.
- 41 Mateus 16:16–17.
- 42 1 João 5:20.
- 43 A definição da palavra Evangelho é “boa notícia”.
- 44 João 14:6.
- 45 João 1:3, 14.
- 46 São Atanásio, *Sobre a Encarnação*.
- 47 Lucas 6:27.
- 48 Mateus 10:34.
- 49 João 15:18.
- 50 Mateus 21:12.
- 51 Mateus 6:25.
- 52 Mateus 16:25.
- 53 João 18:33–37.
- 54 João 3:16.
- 55 João 15:13.
- 56 Mateus 28:18.
- 57 João 5:24.

- 58 Lucas 24:36–53.
- 59 São João Damasceno, *Fé Ortodoxa*, Livro I, p. 166–167.
- 60 Ibid., p. 167.
- 61 Mateus 28:19.
- 62 São Gregório, o Teólogo, Homilia 31, *Sobre o Espírito Santo*, seções 31–33, Eerdmans, *Pais Nicenos e Pós-Nicenos*, Segunda Série, vol. VII, p. 328.
- 63 Michael Pomazansky, *Teologia Dogmática Ortodoxa*, St. Herman Brotherhood Press, 1983, pp. 73–102.
- 64 Mateus 27:?.
- 65 São Nicolau Velimirovich, *Prólogo*, p. 239.
- 66 Termo criado no comunismo do século XX para designar cristãos.
- 67 João 15:18–19.
- 68 Atos 4:32.
- 69 *Os Mártires do Coliseu*. Tan Publishers, 1987.
- 70 Documentos sírios antigos, *Pais Ante-Nicenos*, Vol. VIII.
- 71 Oyer, Pe. Michael, *São Basílio, o Grande, e a Formação das Comunidades Ascéticas*. St. Paisius Abbey Press, Forestville, 1994.
- 72 A palavra monge vem do grego *monos*, que significa “único”, “sozinho” — implicando alguém que está sozinho com Deus.
- 73 Mateus 19:21.
- 74 Mateus 26:52.
- 75 1 Coríntios 4:10.
- 76 Esquema-monge Metrophan, *Bem-aventurado Paisius*, St. Herman Brotherhood Press, 1976, p. 30.
- 77 *A Pequena Filocalia Russa*, Vol. II, St. Herman Brotherhood Press, 1983, p. 34.
- 78 Uma moradia de terra feita com madeira da praia e musgo.
- 79 São João, o Taumaturgo, St. Herman Brotherhood Press, 1987, p. 128–129.
- 80 Este relato nos foi dado pelo autor da biografia do Padre Serafim, *Não Deste Mundo*, Padre Damasceno Christensen.
- 81 Mateus 11:12.
- 82 Dos ensinamentos de São Teófano, o Recluso.
- 83 São Inácio Brianchaninov, *A Arena: Uma Oferta ao Monasticismo Contemporâneo*, Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, 1983,

p. 227.

84 Constantine Cavarnos, *Santos Orthodoxos Modernos*, Vol. III, Instituto de Estudos Bizantinos e Gregos Modernos, Belmont, 1979, p. 118.

85 Ibid., p. 118.

86 São Inácio Brianchaninov, *A Arena*, p. 227.

87 São João de Kronstadt, *Minha Vida em Cristo*.

88 Escritos da *Filocalia* sobre a Oração do Coração, Faber and Faber, Londres, 1985, p. 200.

89 João 8:32.

90 São Paisius Velichkovsky.

91 O que segue baseia-se nos ensinamentos coletivos dos Santos Padres ao longo dos séculos.

92 São Isaac, o Sírio, *Homilias Ascéticas*, Mosteiro da Santa Transfiguração, Boston, 1984, p. 161.

93 Gálatas 5:22.

94 São Isaac, o Sírio, *Homilias Ascéticas*, p. 207.

95 *A Filocalia*, Vol. III, Faber and Faber, Winchester, 1986, p. 100.

96 São Gregório Palamas, Homilia quinze, *Greek Orthodox Theological Review*, março, 34, 1989.

97 São Isaac, o Sírio, *Homilias Ascéticas*, p. 344–345.

98 Lucas 17:21.

99 *A Arte da Oração: Uma Antologia Ortodoxa*, compilada pelo Igúmeno Cariton de Valamo, por E. Kadloubovsky e E. M. Palmer, Faber and Faber, Londres, 1985, pp. 51–52.

100 Tiago 4:4.

101 *Pequena Filocalia Russa*, Vol. IV, St. Herman Brotherhood Press, 1994, pp. 134–136.

102 Mateus 5:3–11.

BIBLIOGRAFIA

A Santa Bíblia.

Nilismo: A Raiz da Revolução do Homem Moderno, Padre Serafim Rose, Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1994.

Não Deste Mundo: A Vida e os Ensinamentos do Pe. Serafim Rose, Guia para o Coração do Cristianismo Antigo, Monge Damasceno Christensen, Fr. Seraphim Rose Foundation, Forestville, CA, 1994.

The Orthodox Word (revista), Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA. Desde 1963.

Apologética Cristã Ortodoxa, I. M. Andreyev, Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, NY.

Teologia Dogmática Ortodoxa, Protopresbítero Michael Pomazansky, Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1994.

As Homilias Ascéticas de São Isaac, o Sírio, Mosteiro da Santa Transfiguração, Brookline, MA, 1984.

Bem-aventurado Paisius Velichkovsky, Esquema-monge Metrophanes, Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1994.

O Significado do Sofrimento, Arquimandrita Seraphim Aleksiev, St. Xenia Skete Press, Wildwood, CA, 1994.

A Tebáida do Norte, Fr. Seraphim Rose Foundation, Forestville, CA, 1994.

A Arena: Uma Oferta ao Monasticismo Contemporâneo, São Inácio Brianchaninov, Mosteiro da Santíssima Trindade, Jordanville, NY, 1989.

Filocalia, G. E. H. Palmer, Sherrard e Kallistos Ware, Faber and Faber, Winchester, MA.

Série da Pequena Filocalia Russa, Vols. I, II, III e IV, Saint Germano Brotherhood Press, Platina, CA.

Bem-aventurado João, o Taumaturgo, Saint Germano Brotherhood Press, Platina, CA, 1987.

Os Santos das Catacumbas da Rússia, I. M. Andreyev, Saint Germano Brotherhood Press, Platina, CA, 1982.

As Mães Espirituais, Convento dos Santos Apóstolos, Buena Vista, CO, 1990.

História Eclesiástica, Eusébio Panfílio, Baker Book House, Grand Rapids.

O Paraíso dos Santos Padres, 2 vols., E. A. Wallis Budge, Saint Nektarios Press, Seattle, WA, 1984.

A História Lausiaca de Paládio, Eastern Orthodox Books, Willits, CA, 1976.

A Bem-aventurada Atanásia e o Ideal do Deserto, Monja Thaisia Simonsson e Monja Sophia Leland, Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1993.

A Igreja Ortodoxa, Timothy Ware, Penguin Books, Nova York, NY, 1993.

A Aquisição do Espírito Santo na Rússia Antiga, Prof. I. M. Kontzevitch, Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1988.

Silêncio Interior, Sergius Bolshakoff e Monja Maria Stakhovich, Saint Herman Brotherhood Press, Platina, CA, 1992.

São Basílio, o Grande, e a Formação das Comunidades Ascéticas, Padre Michael Oyer, Abadia de São Paisius, 1994.

Santos Ortodoxos Modernos: São Nicodemos, o Hagiorita, Constantine Cavarinos, Instituto de Estudos Bizantinos e Gregos Modernos, Belmont, MA, 1979.

Um Rosto Despedaçado: A Verdadeira Face do Ateísmo, Ravi Zacharias, Baker Books, Grand Rapids, MI, 1984.

Marx e Satanás, Richard Wurmbrand, Crossway Books, Westchester, IL, 1986.

Física Tornada Simples, Doubleday and Company, Garden City, NY, 1965.

Evidência que Exige um Veredito, Josh McDowell, Here's Life Publishers, San Bernardino, CA, 1979.

Os Irmãos Karamázov, Fiódor Dostoiévski, Penguin Books, Nova York, NY, 1984.

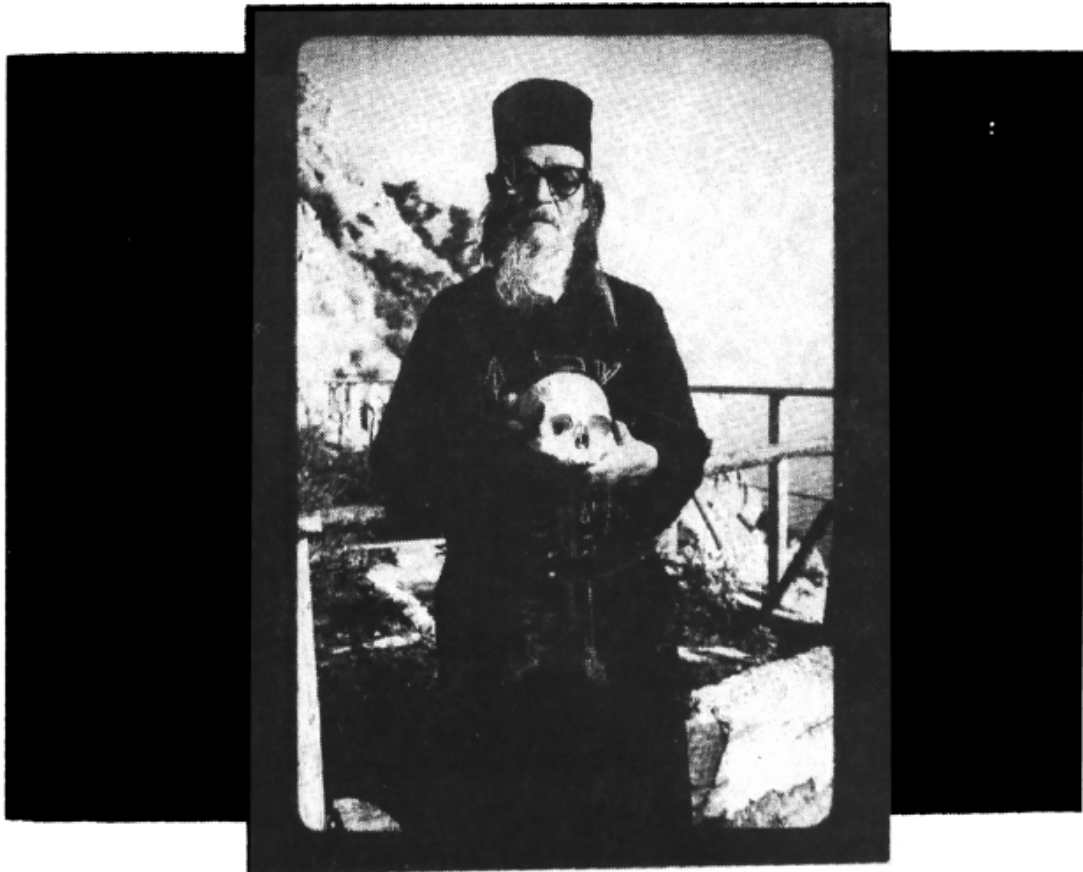
Os Mártires do Coliseu, Padre A. J. O'Reilly, Tan Books and Publishers, Rockford, IL, 1987.

Uma Breve História do Tempo: Guia do Leitor, Stephen Hawking, Bantam Books, Nova York, 1992.

O Caminho da Vida, Lao Tsé, Signet Classics, Nova York, 1965.

MORTE **MUNDO**
PARA O

A Última Verdadeira Rebelião



A continuação de **Juventude do Apocalipse**:

MORTE AO MUNDO A ÚLTIMA VERDADEIRA REBELIÃO

Uma revista para inspirar a busca da Verdade e o exame da alma em meio à era moderna de niilismo e desespero, promovendo os princípios antigos da última verdadeira rebelião: estar morto para este mundo e vivo para o outro mundo. Criada pela juventude do Projeto Teofania.

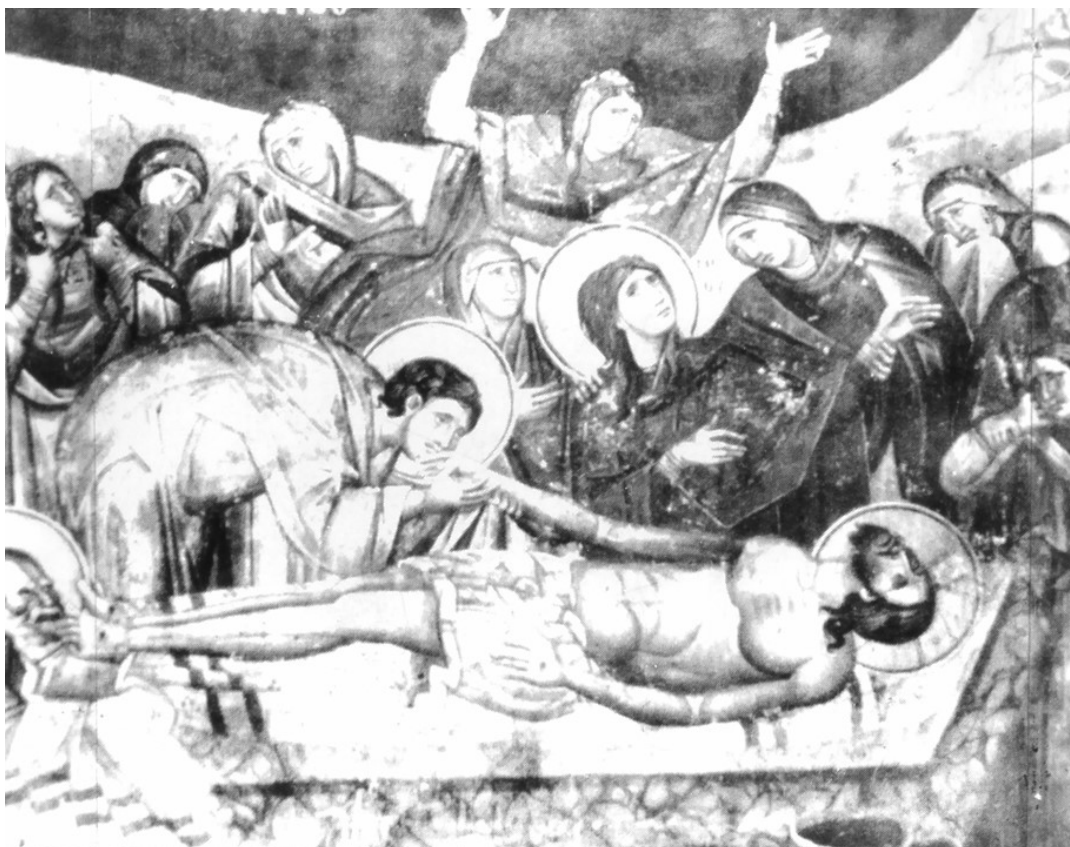
A correspondência é incentivada e artigos para submissão são bem-vindos. Cada artigo publicado é fiel à vida e foi escrito a partir da dor do coração por amor à Verdade. Um dólar por edição.

Morte ao Mundo

824 Chestnut Street, Chico, CA 95928 916-893-1814

O QUE queremos dizer com “MORTE AO MUNDO”? “O mundo é o nome geral para todas as paixões. Quando desejamos chamar as paixões por um nome comum, chamamo-las de mundo. Mas quando desejamos distingui-las por seus nomes específicos, chamamo-las de paixões. As paixões são as seguintes: amor às riquezas, desejo de posses, prazer corporal do qual procede a paixão sexual, amor à honra que dá origem à inveja, sede de poder, arrogância e orgulho de posição, o desejo de adornar-se com roupas luxuosas e ornamentos vãos, a coceira pela glória humana que é fonte de rancor e ressentimento, e o medo físico. Onde essas paixões deixam de agir, ali o mundo está morto.... Alguém disse a respeito dos Santos que, estando vivos, estavam mortos; pois, embora vivendo na carne, não viviam para a carne. Veja para quais dessas paixões você está vivo. Então você saberá até que ponto você está vivo para o mundo e até que ponto está morto para ele.”

Santo Isaac, o Sírio



JUVENTUDE DO APOCALIPSE E A ÚLTIMA VERDADEIRA REBELIÃO

A humanidade pensou ser suficiente em si mesma, e ainda hoje pensamos que podemos escapar do nosso destino por nossos próprios esforços. Escapar! — esse é o nosso único pensamento. Escapar da insanidade, do inferno, da vida moderna é tudo o que desejamos. Mas não podemos escapar!!! Devemos atravessar esse inferno e aceitá-lo, sabendo que é o amor de Deus que causa o nosso sofrimento. Que angústia terrível! — sofrer assim, sem saber por quê, chegando até a pensar que não há razão. A razão é o amor de Deus — nós o vemos arder nas trevas? Nós estamos cegos.

Monge Serafim

IRMANDADE DE SÃO GERMANO DO ALASCA

ISBN 0-938635-89-1